

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JANETE OTTE

**Trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas
profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de
Educação Tecnológica**

Brasília, dezembro de 2008

JANETE OTTE

**Trajétoria de mulheres na gestão de instituições públicas
profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de
Educação Tecnológica**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação – Área de Concentração em Políticas Públicas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica – do programa de Mestrado Acadêmico em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Wivian Weller

Brasília, dezembro de 2008

Catálogo na fonte: Ceila Soares - CRB10/926

O89 Otte, Janete

Trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de Educação Tecnológica / Janete Otte. – Brasília, 2008. – 161 f.

Dissertação (mestrado)–Universidade de Brasília, 2008.

1. Educação profissional e tecnológica – Mulheres – Gestão 2. Mulheres – Gestão - Educação profissional e tecnológica 3. Gestão – Educação profissional e tecnológica - Mulheres. 4. Mulheres – Trabalho I. Título.

CDD: 3712012

JANETE OTTE

**Trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas
profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de
Educação Tecnológica**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação – Área de Concentração em Políticas Públicas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica – do programa de Mestrado Acadêmico em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Wivian Weller (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Livia Freitas Fonseca Borges (Membro)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Álvaro Moreira Hypolito (Membro)
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas

Prof^a. Dr^a. Silvia Cristina Yannoulas (Suplente)
Serviço Social da Universidade de Brasília

Brasília, 16 de dezembro de 2008

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, Gianluca,
Para que saiba:
És a razão do meu amar, do meu viver, do
meu lutar, do meu vencer.
Se pelas estradas da vida, não fiquei
contigo o tempo que precisavas é porque
nem sempre o nosso querer consegue
ultrapassar as barreiras do dever, mas
foste, és e continuarás sendo a mais bela
expressão de amor com que Deus
presenteou a minha vida.

“O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons”.

Martin Luther King

AGRADECIMENTOS

Agradecer àqueles que foram o esteio de sustentação e o estímulo da permanência e da superação dos momentos de esmorecimento, talvez não expresse a importância que tiveram na realização deste trabalho, mas quero deixar registrada a significativa participação daqueles que foram imprescindíveis. Foram muitas pessoas que caminharam ao meu lado e me deram a ajuda e o apoio necessários à conclusão deste trabalho.

Agradeço:

A Deus, pelo dom da vida, pelo carregar nos braços, pelas características com que me fez;

à prof^a. Wivian Weller, minha orientadora, dedicada, amiga, exemplo, paciente e compreensiva. Obrigada pelo teu apoio;

às professoras e professores da UNB, Olgamir Carvalho, Livia Borges, Wivian Weller, Bernardo Kipnis, Gilberto Santos e Remi Castioni, pelos ensinamentos;

às professoras da banca de qualificação, pelas importantes considerações e sugestões apresentadas;

aos meus pais, Bruno e Elcira, pela educação e carinho que sempre me dedicaram;

à minha madrinha Edna, que me proporcionou a continuação dos estudos e partilha comigo cada vitória;

aos meus irmãos, pessoas incríveis, incentivadoras de minhas batalhas;

a Suzana, Bernadete, Rose, Lia, Ceila, Simoni e Daniel pela disponibilidade em ler e revisar os textos, contribuindo com inúmeras sugestões substanciais;

à Dirce, que me acolheu em Brasília, quando nada sabia e, com sua alegria e coleguismo, mostrou-me que lutar é sempre possível. Sua lembrança, mesmo que o corpo já não esteja mais entre nós, permanece;

às professoras diretoras dos CEFETs, pelas entrevistas concedidas, as quais foram a base desta pesquisa;

aos meus colegas do Projeto Gestor, pelas horas compartilhadas, pela troca de experiências, pela amizade e pela colaboração;

às colegas do GERAJU - Grupo de Pesquisa: Educação e Políticas Públicas: Gênero, Raça/Etnia e Juventude –, pelas contribuições valiosas, pelo coleguismo nos momentos em que tivemos o prazer de conviver seja pessoalmente, como pelo meio virtual;

a todas as demais pessoas que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para que este trabalho fosse realizado. A ajuda de cada um resultou na conclusão desta etapa.

Muito Obrigada

RESUMO

OTTE, Janete. **Trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de Educação Tecnológica.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 2008.

A presente pesquisa busca investigar a trajetória da mulher na gestão de instituições públicas federais, voltadas ao ensino profissionalizante, focalizando-a nos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), apontando o quadro atual de participação de mulheres na gestão dos CEFETs e investigando, com maior profundidade, as características das instituições que atualmente apresentam mulheres ocupando cargos de direção (Diretoria Geral, Diretoria de Unidade Sede ou UNED). Identificou-se o crescimento, embora pequeno, das mulheres em cargos de gestão educacional. Foi analisado o histórico dos CEFET's na educação profissional do país, estabelecendo breves relações com a evolução da participação das mulheres nos mais diversos cenários nacionais. E, na continuação, procurou-se conhecer as trajetórias de algumas mulheres, analisando os diversos aspectos (obstáculos, conquistas, derrotas) que envolvem a relação "ser mulher/gestora", abrangendo as percepções dos sujeitos pesquisados. Durante a pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas com diretoras das mais diversas localidades do Brasil sempre com o intuito de conhecer suas trajetórias, suas dificuldades em administrar suas vidas como mulheres, mães, esposas e profissionais, bem como suas alegrias em conquistar cada vitória. Outro aspecto evidenciado foram as dificuldades de aceitação e/ou discriminação, muitas vezes bem disfarçadas, no dia-a-dia dessas mulheres, desde a escolha de suas profissões até a chegada ao cargo de gestora nessas Instituições, registrando seus modos de agir e suas maneiras de encarar cada situação no mundo do trabalho.

Palavras-chave: mulher, gênero, trabalho, gestão educacional, CEFET.

ABSTRACT

OTTE, Janete. **The paths of women in management at vocational education public institutions: a look at the Federal Centers for Technological Education**. Dissertation (Masters). Education Program of the University of Brasília, 2008.

The present research aims at investigating the paths of women in management positions of public federal institutions which offer vocational education. It focuses on the Federal Centers for Technological Education (CEFETs), featuring the current participation of women in the management staff at the CEFETs. It investigates more intensely the characteristics of the institutions that reveal women in the position of educational management, such as presidents or chancellors. We have identified the growth, even if in a small scale, of women occupying management positions. The research initially analyses CEFET's history in the vocational education of the country, establishing brief relations with the evolution of women's participation in different national settings. This work also explores the paths of women by analysing different aspects (obstacles, challenges, losses) which involve the interrelation of "being a woman/manager", comprising the perceptions of the interviewed subjects. During the research, interviews were conducted with presidents/deans with the objective of recognizing their paths, their difficulties in administering their lives as women, mothers, wives and professionals, as well as their joys in achieving triumphs. One other aspect which became evident was the difficulty of acceptance and/or prejudice, many times very much dissimulated in the daily lives of these women, from the choice of their professions to the times of fulfilling management positions in these institutions, indicating their own working styles and perceptions of how to cope with each situation in the working environment.

Key words: women, gender, work, educational management, CEFET.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Quadro de mulheres que foram ou estão na direção geral de CEFET.....36

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevista.....	148
APÊNDICE 2 – Quadro complementar de informações	150
APÊNDICE 3 – Divisão temática da entrevista – Carolina	153
APÊNDICE 4 – Divisão temática da entrevista – Ana	154
APÊNDICE 5 – Divisão temática da entrevista – Iracema	155
APÊNDICE 6 – Divisão temática da entrevista – Daiane	156
APÊNDICE 7 – Códigos de transcrição das entrevistas	157
APÊNDICE 8 – Páginas das Instituições que compõem a rede CEFET	159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação
CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica
CAD - Computer Advanced Design
CONCEFET - Conselho Nacional dos Dirigentes de CEFETs
DDE - Diretoria do Departamento de Ensino
ETFPEL - Escola Técnica Federal de Pelotas
FLACSO – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
FORPLAN - Fórum dos Diretores de Planejamento
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INDUMEC - Indústria Mecânica
MEC - Ministério de Educação
REDITEC - Reunião de Dirigentes das Instituições Federais de Educação Tecnológica
SAEB - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SETEC - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SIG - Sistema de Informações Gerenciais
SINASEFE - Sindicato Nacional dos Servidores da Educação Federal de 1º e 2º Graus
UNB - Universidade de Brasília
UNED - Unidade Descentralizada
UCPEL - Universidade Católica de Pelotas
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UTFPR - Universidade Tecnológica do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 REFERENCIAL TEÓRICO	19
1.1 Mulher, educação e trabalho.....	19
1.2 Mulher, gênero e tecnologia.....	28
2 A REDE CEFET E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL	33
2.1 Breve histórico dos CEFETs no Brasil	33
2.2 Especificidades dos CEFETs das diretoras entrevistadas.....	37
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	40
4 TRAJETÓRIA DE MULHERES NA GESTÃO DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS PROFISSIONALIZANTES	45
4.1 Quatro mulheres, quatro histórias: critérios para a seleção das entrevistas	45
4.2 Trajetórias não-lineares: as mudanças de rumo na busca pela realização.....	47
4.2.1 <i>Carolina</i> : a gestão como conciliação das aspirações de toda uma vida	47
4.2.2 <i>Ana</i> : uma mulher de muitos percursos	71
4.3 Trajetórias lineares: o caminho contínuo e definido ao longo da vida.....	86
4.3.1 <i>Iracema</i> : a persistência é o seu lema	86
4.3.2 <i>Daiane</i> : a responsabilidade precoce impulsionando a sua trajetória de vida	110
4.4 Análise comparativa das trajetórias	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141
APÊNDICES	147
APÊNDICE 1 – ROTEIRO PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	148
APÊNDICE 2 – QUADRO COMPLEMENTAR DE INFORMAÇÕES	150
APÊNDICE 3 – DIVISÃO TEMÁTICA DA ENTREVISTA – CAROLINA	153

APÊNDICE 4 – DIVISÃO TEMÁTICA DA ENTREVISTA – ANA.....	154
APÊNDICE 5 – DIVISÃO TEMÁTICA DA ENTREVISTA – IRACEMA.....	155
APÊNDICE 6 – DIVISÃO TEMÁTICA. DA ENTREVISTA – DAIANE.....	156
APÊNDICE 7 – CÓDIGOS DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	157
APÊNDICE 8 – PÁGINAS DAS INSTITUIÇÕES QUE COMPÕEM A REDE CEFET	159

INTRODUÇÃO

Esta dissertação integra o Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação – Universidade de Brasília, Área de Concentração: Políticas Públicas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica, na linha de pesquisa: Educação e políticas públicas: gênero, raça/etnia e juventude, cujo objeto é a trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de Educação Tecnológica.

Minha formação educacional se desenvolveu da seguinte forma: de primeira a quarta série, na Escola Municipal Salvador Jardim; a quinta série na Escola Manoel Lucas de Oliveira; a sexta série na Escola Municipal Monteiro Lobato e a sétima e oitava séries, novamente, na escola Estadual Manoel Lucas de Oliveira (essas escolas se localizam no interior da cidade de Bagé – RS); o segundo grau na Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL), onde cursei o ensino médio juntamente com o curso técnico de Mecânica. Na universidade, fiz dois anos do curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) e interrompi, passando a cursar a Licenciatura para as disciplinas do ensino técnico – Esquema II – pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. A especialização, na UCPEL, foi em Informática da Educação – Novas Maneiras de Ensinar e Aprender, e agora este mestrado.

A experiência profissional começou no trabalho como estagiária do curso técnico de Mecânica enquanto cursava o último semestre. Na seqüência, trabalhei como auxiliar técnica, programadora de produção e encarregada de projetos na Indústria Mecânica (INDUMEC) por cinco anos. Em 1986, ingressei como professora do curso de Mecânica da ETFPEL através de concurso público. Trabalhei por quatro anos e fui fazer um estágio no Instituto Politécnico de Turim, na Itália, por um ano. Fiquei em Turim trabalhando como projetista na *Ital Engineering* por mais três anos, quando retornei ao Brasil. Em 1996, com novo concurso público, ingressei novamente na ETFPEL como professora do curso Técnico de Mecânica Industrial e de Tecnologia em Automação Industrial. A ETFPEL se transformou em Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET-RS) em janeiro de 1999. Desde janeiro de 2005 faço parte da Direção Geral do CEFET-RS, primeiramente como Diretora da unidade Pelotas e, desde julho de 2006, como vice-diretora geral. Este CEFET faz parte da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica a qual é constituída de uma Universidade Tecnológica, Centros Federais de Educação Tecnológica, Escolas Técnicas, Escolas Agrotécnicas e

Escolas ou Colégios vinculados às Universidades Federais e tem uma longa história na educação profissional brasileira.

Percebe-se que tais instituições foram criadas sob a ótica masculina e, portanto, nem se cogitava a possibilidade de haver à frente de sua direção, uma mulher. Tais fatos me motivaram a buscar informações e analisar os porquês do tardio acesso das mulheres como alunas, professoras, técnico-administrativas e como diretoras.

Acompanhando a ascensão feminina, as escolas profissionalizantes passaram a permitir o ingresso de mulheres nos seus bancos escolares, onde pouco a pouco elas foram conquistando seu espaço.

Ao longo deste trabalho, pode-se observar, tanto no referencial teórico como na pesquisa empírica, que a mulher tem buscado, com muita luta e dedicação, ocupar espaços tradicionalmente considerados do sexo masculino.

Assim como a tecnologia vai chegando a lugares onde nem a imaginação esperava vê-la alcançar, a mulher tem se inserido em postos de trabalho que não se ousaria pensar fossem ocupados por ela.

No entanto, a igualdade de oportunidades, o acesso à educação, a livre escolha da profissão, as mesmas oportunidades de ocupações nos postos de trabalho e a sua ascensão a cargos gerenciais ainda deixam a desejar.

A luta pela igualdade precisa continuar acontecendo e, para isso, são necessárias iniciativas particulares e do governo que se preocupem com a discriminação. Uma delas, que se considera importante, é a criação da Secretaria Especial de Políticas Públicas para Mulheres a qual tem promovido atividades em defesa da mulher e proporcionando capacitação a professores e comunidade em geral, usando o trabalho das questões de gênero na educação.

O resultado dessas iniciativas não demorará a se refletir na atuação da mulher e sua valorização nas atividades em que está inserida.

Meu interesse em estudar a equidade de gênero, no campo profissional, tem acompanhado minha vida e inquietado minhas reflexões, especialmente, neste momento em que a educação profissional completará, em 2009, cem anos de existência.

Pode-se perceber que o número de homens e mulheres que atuam como docentes e técnico-administrativos nas quatro instituições das gestoras pesquisadas não estão mais em proporção tão grande de desigualdade, mostrando a atuação das mulheres e toda sua potencialidade em almejar alcançar cargos mais elevados como os da Direção Geral.

Buscar compreender o que acontece no cotidiano feminino, o que se passou com cada mulher até chegar ao cargo que ocupa e como ela administra seu tempo com outras ocupações que fazem parte da sua vida é o que me impulsiona a investigar o universo feminino das pessoas envolvidas nesta pesquisa.

Neste trabalho, registra-se a trajetória de mulheres gestoras de quatro CEFETs: suas vidas, conflitos, discriminações e obstáculos para que a atual e futuras gerações conheçam a trajetória feminina, no contexto da educação profissional no Brasil, uma vez que, para chegar onde estão, enfrentaram reveses que serviram para fortalecer a vontade de administrar tais instituições.

No primeiro capítulo, apresenta-se o referencial teórico utilizado para dar sustentação a este trabalho. Primeiramente, sobre a mulher, educação e trabalho, no qual são levantadas situações para confrontar convergências e divergências de opinião sobre a relação existente entre os temas. A seguir, sobre a mulher, gênero e tecnologias para que se possa compreender a inter-relação existente entre a mulher e essa temática, destacando as transformações que ocorreram ao longo da história.

No segundo capítulo, traz-se um breve histórico sobre a criação da rede CEFET e a educação profissional no Brasil juntamente com as características e especificidades daqueles onde estão inseridas as mulheres desta pesquisa, buscando contextualizar o meio em que cada uma se encontra.

No terceiro capítulo, apresenta-se a metodologia de trabalho utilizada, os procedimentos teórico-metodológicos, as pesquisas de campo, o levantamento do material empírico e sua metodologia de análise e utilização.

No quarto capítulo, encontra-se a análise das quatro entrevistas. Primeiramente as duas consideradas como mulheres com trajetórias não-lineares e, na continuação, as com trajetórias lineares. Na seqüência é traçada ainda, uma comparação dos elementos entendidos como significativos entre elas.

As considerações finais trazem uma síntese da atuação das mulheres e das possibilidades existentes e ainda não ocupadas pelo universo feminino, mas que demonstram as ascensões antes imaginárias e hoje reais desse trabalho importante e não mais silencioso que elas desenvolvem, mesmo que ainda seja incipiente o seu reconhecimento.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Mulher, educação e trabalho

As relações sociais são constituídas levando-se em conta a inserção dos sujeitos, segundo campos divididos sexualmente, em classes sociais, econômicas e culturais que têm a sua definição já predeterminada. Isso se concretiza ao longo da vida e não somente no nascimento. Segundo Louro,

(...) se constituem como sujeitos masculinos ou femininos não por um dado resolvido no momento do nascimento, mas por um processo muito mais amplo e continuado, que se dá através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, e que isso ocorre numa dinâmica de relações (...) (LOURO, 1994, p.28).

As questões de gênero receberam mais atenção nas últimas décadas. Para entender o processo que acontece nas relações homem/mulher, precisam ser analisados todos os aspectos desse envolvimento. Para Weller, “as perspectivas teóricas e os resultados apresentados em pesquisas sobre relações de gênero contribuíram para a compreensão de que gênero não é algo que adquirimos naturalmente, mas que produzimos no dia-a-dia” (WELLER, 2005a, p. 6). Tais concepções estão inseridas no nosso cotidiano.

Para Scott (1995), a palavra gênero e as questões de gênero têm um universo de informações, teorias e considerações que contribuem para entender o seu significado: “Aqueles pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as idéias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história” (SCOTT, 1995, p.71). Sendo assim, a definição pura e simples da palavra gênero não vai revelar tudo aquilo que ela tem para expressar.

Foram relacionados alguns trabalhos como referenciais teóricos a respeito da mulher, a fim de contextualização. Em outro artigo, Louro (1995) faz uma análise bem detalhada sobre o artigo de Scott, esclarecendo e salientando que este texto teoriza a substituição da *História das Mulheres* para a *História de Gênero*. Saber a história faz compreender o presente.

A educação envolve vários fatores, e alguns deles, especificamente, concepção de currículo, ideologias educacionais e o desenvolvimento priorizando o gênero masculino reforçam o poder atualmente instituído.

O currículo, segundo Silva (2007, p.91-92), é essencialmente masculino no momento que enfatiza as coisas e os interesses masculinos, deixando de lado o que é importante para a mulher. Os exemplos dados são substancialmente masculinos, despertando mais o interesse dos homens do que das mulheres. Silva destaca ainda que elas (as mulheres) quando podiam freqüentar a escola tinham um currículo diferenciado, assim como também o tipo de profissão, que já vinha classificado: masculino ou feminino.

Contudo, nas últimas décadas do século XX, a maior escolarização e a profissionalização da mulher possibilitaram contatos sociais mais amplos e constantes. Como consequência, o questionamento se intensificou e atingiu muitas áreas. Os seus efeitos estão presentes até hoje, envolvendo a existência de um descontentamento com o passado e de uma ampliação do movimento feminista dentro dos grupos sociais, principalmente quanto às possibilidades de escolha profissional (BIASOLI-ALVES, 2000).

Segundo Louro, os primeiros movimentos da onda do feminismo foram na virada do século XIX com reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões. Esse movimento era mais voltado às mulheres brancas e de classe média. Ressalta também a importância dos primeiros estudos desenvolvidos pelas feministas em diversos países, desbravando e enfrentando os problemas desse universo. “Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam” (LOURO, 1997, p.16).

O direito ao estudo, ao voto e ao trabalho feminino que hoje temos no Brasil foi uma conquista de muitas mulheres, sendo que algumas delas nem chegaram a usufruir desses direitos e mesmo, conforme nos relata Auad (2003), quando não existiam esses direitos elas não ficavam esperando que eles “caíssem do céu”, mas iam pouco a pouco conquistando cada espaço. Para Grossi (1997), as militantes do movimento feminista têm se renovado e aumentado, e isso se deve a diversas razões, tais como: aumento de espaço para atuação das mulheres, discussões das questões de gênero nas escolas, ampliação dos espaços de participação política. Salaria também que carreira e profissão não são mais desafios a serem conquistados e, sim, uma realidade de todas as mulheres. Ribeiro (2007) faz um apanhado de como foi o início do sistema educacional brasileiro na época do Brasil colônia, ou seja, relata que foram os índios que pediram

aos padres que ensinassem suas companheiras a ler. Embora tenha começado, visando às rezas nas igrejas, foi assim que se desencadeou o ingresso das mulheres no mundo educacional. Reforçando essa colocação, Teles (1993) diz que as mulheres para poderem estudar tinham de ir para o convento e somente no século XIX houve um avanço nessas possibilidades, embora se limitassem ao nível de primeiro grau, pois os níveis médio e superior continuavam a ser reservados para os homens.

Muniz, em sua tese de doutorado, expressa preocupações com a inserção das mulheres nas escolas e sobre a escassa produção bibliográfica sobre o assunto, mas coloca que a presença feminina nas escolas foi contemplada pelos(as) historiadores(as) mesmo antes que os estudos sobre as mulheres tivessem sido difundidos no país. Fala da análise documental relacionada à educação em Minas Gerais e do papel da igreja neste contexto. Cita que as meninas cujas mães eram capazes de lhes doutrinar ou que as famílias podiam arcar com as despesas para contratar um mestre particular tinham o privilégio de aprender a ler, escrever e contar e receber ainda algumas noções da doutrina cristã (MUNIZ, 2003 p.142). Ressalta citações nas quais as mulheres recebiam ensinamentos, com o objetivo de serem educadas, mais do que de serem instruídas para fins de trabalho ou algo assim.

No trabalho de Freire, a autora coloca que dentre as instituições sociais, é a escola que mais tem possibilidades de contribuir para a mudança de paradigmas, pois pode disponibilizar novos contextos para uma socialização mais justa e mais igualitária. Dependendo de como ela se coloca neste contexto, pode conduzir as meninas para uma atuação mais significativa da mulher na esfera pública e também influenciar o futuro das próximas gerações de crianças na esfera privada (FREIRE, 2007, p.50).

Carnoy e Levin, quando falam do papel dos professores nas salas de aula, salientam que as experiências desses professores mostram uma realidade quanto às características para obter êxito e, para isso, “não é de se admirar que possuam expectativas mais baixas para os membros de minorias, para as mulheres e para os pobres, do que para os que não pertencem a minorias, os homens e os abastados” (CARNOY e LEVIN, 1987, p.162). Falam ainda que o ingresso em determinadas profissões já demonstra maiores possibilidades de serem bem sucedidos ou não, dependendo do ambiente de onde provém esse aluno ou a qual sexo ele pertence. A frustração dos professores em relação a essa realidade é enorme, no entanto, sentem-se incapazes em tentar alterá-la.

Com relação ao número de mulheres atuando na educação brasileira e o seu trabalho dentro da gestão dessas instituições, existe uma grande diferença na

desigualdade de tratamento entre homens e mulheres conforme se pode extrair dos dados coletados pelos questionários aplicados aos diretores e professores através do SAEB de 2003, pelo Instituto de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/MEC.

Souza faz uma análise dos dados obtidos na pesquisa citada acima:

No Brasil, temos o seguinte quadro geral: 78,2% das direções escolares são ocupadas por mulheres, enquanto que em 21,8% das escolas são homens os diretores. A maior presença das mulheres se verifica em todas as séries/níveis de ensino, mas especialmente nas escolas que atendem a 4ª série do ensino fundamental, na qual elas respondem pela direção de mais de 83%, cabendo aos homens pouco mais de 16%. De outro lado, é crescente a participação dos homens nas escolas de grau de ensino mais elevado, como ocorre com as escolas de ensino médio, nas quais eles dirigem 31%, mas as mulheres continuam sendo a maioria das diretoras mesmo neste nível de ensino, respondendo por mais de 68%. Conforme se avança nos níveis e etapas de ensino, encontra-se proporcionalmente mais homens diretores, o que corresponde ao crescimento também do número de professores homens nas etapas e níveis mais avançados. (SOUZA, 2007, p. 2-3).

O autor afirma que o universo dos docentes no ensino fundamental é especialmente feminino, e, mesmo assim, em sua proporção, existem mais homens do que mulheres em cargos de direção. Analisa, ainda, que a qualificação das mulheres está acima da dos homens, que elas têm direito a se aposentarem com cinco anos menos de atividade e isso acentua mais a desigualdade na relação homem/mulher. Ao invés de elas estarem em cargos de direção com menor idade, são os homens que assim se apresentam. Souza também evidencia:

No Brasil, vemos que 40% dos homens diretores têm menos de 40 anos de idade, enquanto que apenas 33% das mulheres estão nessa mesma faixa etária. E, se é verdade que para ambos os grupos a faixa etária específica da enquete com maior número de sujeitos é a compreendida entre 40 e 44 anos de idade, a segunda faixa com maiores números para os homens é a imediatamente anterior (35 a 39 anos) e para as mulheres é a posterior (45 a 49 anos)(op. cit. p.4).

Com relação à remuneração recebida por tais funções esse aspecto se agrava quando se trata de uma profissão tipicamente feminina, no entanto, como diz Souza:

Talvez seja nas questões salariais nas quais as marcas da desigualdade de gênero mais apareçam, dado que enquanto 15% dos diretores homens recebem mais de 9 salários mínimos – SM, apenas 10% das diretoras mulheres estão nesse grupo. Na outra ponta, temos que menos de 25% dos homens recebem até 4 SM, enquanto que mais de 31% das mulheres recebiam essa quantia. Se o maior grupo de diretoras mulheres se encontra na faixa salarial de 4,1 a 6 SM (30,2%), entre os homens o maior grupo está na faixa salarial imediatamente acima desta, 6,1 a 9 SM, na qual há 30,5% do total dos diretores homens(op. cit. p.4).

Dessa forma, a remuneração dos diretores homens acaba sendo maior do que a das diretoras mulheres, o que, segundo Souza, intensifica o preconceito de gênero, pois em uma esfera pública, em que os planos de carreira são iguais para ambos os sexos, não deveria aparecer tal desigualdade.

Isso ocorre porque existem duas maneiras para se chegar ao cargo: uma por eleição e outra por indicação. Quando é por eleição, seguem-se as gratificações da carreira e da esfera em questão. Quando é por indicação, os diretores recebem gratificações por função, geralmente maiores do que a do servidor de carreira. O número de mulheres no primeiro caso é maior do que o de homens o que inverte no segundo, elevando o nível salarial do sexo masculino.

Segundo Manfredi (2002), o trabalho é uma atividade social que garante a sobrevivência de homens e mulheres, organizando o funcionamento da sociedade. Portanto, inúmeros estudiosos têm refletido sobre isso a fim de identificar idéias que justifiquem a importância dessa atividade social como base da economia de qualquer sociedade e como geradoras de transformações na própria sociedade.

Em se tratando de história e busca por momentos significativos da atividade feminina no mundo do trabalho, Teles coloca que não se poderá avaliar a grande importância que as mulheres negras, escravas trouxeram para o Brasil e de quantos valores transferiram, “por um lado, reproduzindo a força de trabalho e, por outro, trabalhando nas tarefas domésticas a serviço dos colonizadores, nas casas dos senhores na cidade e no campo” (TELES, 1993, p.21). Segundo a autora, em 1963, realizou-se o Encontro Nacional da Mulher Trabalhadora, no qual foi defendido salário igual para trabalho igual, visto que os empregadores não julgavam necessário pagar o mesmo salário às mulheres, pois elas não eram consideradas chefes de família, e a remuneração destas era vista como uma ajuda ao homem no sustento da casa.

O trabalho de Teles registra o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher. Ela relata que foi nesse ano que as idéias feministas começaram a ter ressonância na opinião pública para exigir a igualdade de direitos e questionar o papel de submissão da mulher, e registra a data de oito de março como sendo o Dia Internacional da Mulher¹, em homenagem às mulheres que morreram queimadas numa fábrica em Nova Iorque quando reivindicavam a redução de jornada de trabalho e licença maternidade no ano de 1857.

¹Para saber sobre a história do Dia Internacional da Mulher, significado do dia 8 de março, ver <http://www.suapesquisa.com/dia_internacional_da_mulher.htm>. Acesso em 1º out.2008.

Silva (1997), Arruda e Piletti (1995) são exemplos de autores(as) que apresentam aspectos históricos da presença da mulher no mercado de trabalho, destacando-as como importante mão-de-obra durante a revolução industrial no Brasil, num momento onde havia ausência de legislação trabalhista e longas jornadas de trabalho. Rago (1997) aponta a questão familiar como uma das grandes barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios, independente da classe social a que pertencessem, pois os pais, na grande maioria das vezes, desejavam que as filhas encontrassem um “bom partido” para casar e assegurar o futuro (talvez essa situação ainda perdure). Assim, a idéia de não socializar informações importantes, desvalorizando uma formação profissional para as mulheres, pode ser considerada como uma das estratégias, da qual os homens se valeram, para preservar seu espaço na esfera pública e desqualificar o trabalho feminino.

Gosdal (2007) faz colocações sobre as transformações ocorridas nas últimas décadas em relação ao trabalho das mulheres, mas diz que ainda é muito difícil a conciliação com as funções do trabalho doméstico e as funções maternas e ainda que as mulheres continuam ganhando menos que os homens em trabalhos semelhantes. Registra que:

A discriminação ocorre de várias maneiras, como a desigualdade de remuneração para função semelhante à desempenhada por homens; a desigualdade no acesso e permanência no emprego; a desigualdade nas oportunidades de ascensão e formação profissional; o assédio sexual (GOSDAL, 2007, p. 76).

Mourão e Galinkin citam que “no setor de serviços, as mulheres permanecem majoritárias (mais de 70%) nas atividades de saúde e ensino (setor privado e público), na administração pública e nos serviços pessoais” (AMARAL e BARROS apud MOURÃO e GALINKIN, 2007, p.145). E complementam, falando que “é na administração pública o ‘locus’ onde as mulheres disputam mais equilibradamente as chances de um posto de trabalho, devido à situação menos discriminatória nas contratações, já que o ingresso ocorre mediante concurso de provas e títulos” (MOURÃO e GALINKIN, 2007, p.145). Reforçam, no entanto, que mesmo nessa situação o acesso aos cargos de chefias mais bem remunerados se destinam, em maior número, ao sexo masculino.

Contudo, observam-se mudanças significativas com relação à inserção da mulher tanto na escola como no mercado de trabalho. Maruani e Hirata (2003), durante a organização de uma série de textos de diversos autores, relatam um pouco sobre o que acontece a respeito das igualdades e desigualdades do mundo do trabalho para homens e mulheres, em locais como Espanha, Grã-Bretanha, Holanda, Alemanha e Reino Unido,

além de comparações entre a América e a Europa com relação a trabalho, emprego e desemprego. Durante a introdução do assunto, uma das autoras registra o crescimento da escolarização das mulheres e o processo inacabado, mas real, da feminização do mercado do trabalho (MARUANI, 2003, p.21). Coloca que as taxas de atividade das mães de família estão em 80% (op. cit. p.22). Cita ainda que:

Em 1997, quatro em cada cinco mulheres trabalhavam no terciário (e pouco mais de um homem em cada dois). Noventa por cento delas são assalariadas (contra 84% dos homens). A grande maioria das mulheres não interrompe mais sua atividade quando tem filhos: 80% das mulheres entre 25 e 49 anos são ativas. Na escola, como na universidade, em todas as camadas sociais, as meninas saem-se melhor que os meninos (op. cit. p.23).

Maruani afirma que as diferenças salariais entre homens e mulheres diminuíram, e muitas profissões vistas como masculinas estão sendo exercidas por mulheres. Registra que, mesmo as mulheres sendo globalmente mais instruídas do que os homens, continuam ganhando menos e se concentrando em trabalhos com índices maiores de desemprego e subemprego.

Gardey cita os estudos de Louise Tilly e Joan Scott, em que destacam a variedade de formas pelas quais as mulheres conciliavam encargos familiares ou encargos domésticos com o tipo de envolvimento em um trabalho produtivo não só ao longo da história, mas também ao longo de sua vida de mulheres (GARDEY, 2003, p.43). Lembra, com isso, a dupla jornada da mulher que trabalha fora, visto que, na maioria das vezes, as lidas domésticas também são de sua responsabilidade e o trabalhar fora de sua casa pressupõe um trabalhar em casa. Assim, à mulher é delegada essa dupla jornada.

Para Hoffman e Trocoso (2004) existe uma ampliação da participação da mulher na sociedade brasileira, que não se reflete somente na aproximação por sexo das taxas de participação no mercado de trabalho e da evolução da escolaridade feminina, mas, também, na perspectiva futura de uma constante diminuição do hiato salarial, entre homens e mulheres, ao longo da história.

Quanto às questões relacionadas à gestão, pesquisas como as de Melo (2001/2002) têm estudado a inserção de mulheres como gerentes em diferentes setores da economia e em diferentes organizações, verificando que há espaços em que a mulher tem obtido maiores conquistas e aceitação. Segundo Belle (1993), vem ocorrendo uma redução no nível de segregação de gênero pelas organizações com visão voltada para o futuro. Contudo, conforme Souza e Guimarães (2000), apesar da maior abertura para a entrada de mulheres nas organizações, não são todos os postos que se mostram

disponíveis para serem ocupados por elas. Essas autoras identificaram que, na verdade, a entrada do contingente feminino no ambiente organizacional tem sido sujeita a algumas limitações, quanto ao acesso a cargos que exigem maior qualificação ou que apresentam maiores possibilidades de ascensão na carreira.

A ascensão na carreira é dificultada por aspectos socioculturais não muito perceptíveis, relacionados ao gênero e não à qualificação e competência da mulher, como a desconfiança de seu potencial ou a crença de que os homens seriam mais adequados para ocuparem cargos mais elevados na hierarquia das organizações. Esse fenômeno é denominado teto de vidro (STEIL, 1997). Para ultrapassá-lo, as mulheres têm que criar uma nova identidade que se adapte ao ambiente que as organizações lhes propiciam (BELLE, 1993). Melo (2002) confirma esse fato, comentando que, apesar da participação crescente das mulheres em cargos gerenciais, o espaço gerencial ainda é caracterizado como masculino. Percebe-se, portanto, que o caminho não está totalmente aberto, destacando-se que o investimento psíquico delas parece ser maior que o da maioria dos homens requisitando o mesmo cargo, principalmente, quando se trata da conciliação com o espaço doméstico.

No estudo sobre trabalho docente e relações de gênero, encontram-se diversas preocupações sobre a conciliação da vida profissional da mulher enquanto educadora e o quanto ela mistura o papel de mãe com o de professora. Uma parte que salienta o resultado não reconhecido pelo meio profissional é citada a seguir:

A regra mais geral é de que as habilidades adquiridas pelas mulheres em seu processo de socialização, embora fartamente utilizadas no processo produtivo, sejam solenemente ignoradas enquanto componentes da qualificação de seus empregos, não significando, portanto, nenhum reconhecimento, seja salarial, seja de status social para as trabalhadoras. (CARVALHO, 1996 p.81).

Salienta-se a colocação encontrada sobre o papel da mulher e a sua interação com o homem na divisão do trabalho de educação dos filhos, em defesa da importância em poder trabalhar fora do ambiente doméstico.

A experiência da maternidade é ainda hoje considerada um dos mais importantes papéis na vida da maioria das mulheres. No entanto, para que as mulheres não se vejam obrigadas a se anular e renunciar à satisfação de suas necessidades em benefício dos filhos, é necessário que os homens compartilhem mais da humanizadora tarefa que é a criação dos filhos, assumindo responsabilidades tais como educá-los e contribuir para fazer deles pessoas sadias (BERTOLINI, 2002, p.41).

Segundo Yannoulas (2004), um dos entraves da inserção da mulher no trabalho é a própria concepção de trabalho feminino, pois o parâmetro continua sendo o trabalho masculino. Para tanto, é mais aceitável enxergar as mulheres como chefes de família do que reconhecer os seus direitos por meios políticos que lhes dêem a igualdade de oportunidades e de poder (YANNOULAS, 2004, p.85).

Segundo Bruschini (2008), um outro entrave é a dificuldade de as mulheres se articularem com o cuidado dos filhos, não havendo creches com horário condizente ao seu horário de trabalho, inclusive, obrigando-as a dependerem de outras pessoas para as funções inerentes aos cuidados básicos, tais como: pegarem-nos na escola e de, muitas vezes, os filhos serem obrigados a acompanharem as mães nos seus trabalhos e terem que ficar quietinhos esperando enquanto elas concluem as atividades.

Essa realidade pode ser entendida mediante o acompanhamento histórico da sociedade brasileira, na qual as mulheres passam a desenvolver suas teorias, debater suas convicções e argumentar sobre a Educação Profissional, como aponta Manfredi, ao expressar que as relações entre trabalho, escolaridade e profissionalização resultam de uma complexa rede de determinações, mediações e tensões entre as diferentes esferas da sociedade econômica, social, política e cultural (MANFREDI, 2002).

A mulher e o trabalho têm uma simbiose autêntica e antiga. Poder ser livre para viver essa simbiose é o que se vê nos trabalhos apresentados sobre as mulheres.

Pelo exposto, referendando os autores que falam sobre a mulher e o mercado de trabalho, encontra-se no quadro atual, ano de 2007, um número significativo de mulheres em cargo de gestão nos CEFETs, conforme levantado neste trabalho de pesquisa, quando se constata, dentro das trinta e seis instituições que compõem a rede CEFETs, um percentual de 18% de mulheres em cargos de gestão entre diretorias gerais, de unidades e sistêmicas e 10% em cargos de diretoras gerais.

1.2 Mulher, gênero e tecnologias

O embasamento para a abordagem sobre a trajetória das mulheres na gestão de instituições públicas voltadas ao ensino profissionalizante encontra base teórica em estudos que apontam as relações de gênero como movimentos de legitimação e delimitação de espaço entre homens e mulheres na sociedade. Dentro desse espaço, em que a tecnologia² é pensada para otimizar os processos produtivos, tornando as empresas competitivas e a vida mais confortável, torna-se mais intensa a conexão entre o desenvolvimento tecnológico e o gênero feminino. Quem melhor que as mulheres para saberem o que querem e o que podem automatizar para agilizar os trabalhos domésticos, facilitar a interação com os filhos e buscar meios de desempenhar a dupla jornada de trabalho. Pensar sobre isso é propor uma reflexão sobre o ser humano.

Bastos (1998), ao refletir sobre a concepção de tecnologia e na sua interpretação, busca interligar a educação tecnológica com os aspectos, sociais, humanos, históricos, econômicos e culturais, entendendo-os como elementos importantes no seu desenvolvimento. Para tanto, define tecnologia como:

...a capacidade de perceber, compreender, criar, adaptar, organizar e produzir insumos, produtos e serviços. Em outros termos, a tecnologia transcende a dimensão puramente técnica, ao desenvolvimento experimental ou à pesquisa em laboratório; ela envolve dimensões de engenharia de produção, qualidade, gerência, marketing, assistência técnica, vendas, dentre outras, que a tornam um vetor fundamental de expressão da cultura das sociedades (BASTOS, 1998, p.32).

Implicam, por esse motivo, relações de poder que envolvem uma ampla gama de conhecimentos, práticas e relações sociais. Dessa forma, gênero pode ser considerado um elemento constitutivo de relações sociais fundamentadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e um modo de dar significado às relações de poder e dominação, inclusive no mundo do trabalho. Nas instituições profissionalizantes, o desenvolvimento de tecnologia é o instrumento principal, e a relação entre a tecnologia, a mulher e as questões de gênero está intimamente relacionada, visto que, neste avanço, o trabalho deixou de ser braçal e pesado, dando assim a possibilidade de disputa igualitária entre os sexos, embora o universo masculino ainda não tenha, ou não queira, perceber esse novo momento.

² Para uma discussão sobre o conceito de tecnologia, tal como é compreendido em diferentes artigos e as diferentes abordagens que o envolvem, ver Carvalho, M.G.; Araújo, S.M. e Feitosa, S. em www.ppgte.cefetpr.br/genero. Ver também Carvalho. M.G., 2003

Heilborn e Sorj (1999) e Fraser (2002) são autoras que falam sobre o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e de como isso impulsionou os estudos de gênero e trabalho no Brasil. O crescimento do ingresso das mulheres na força de trabalho industrial da década de 70 e a sua submissão aos trabalhos de menor remuneração e menor qualificação, motivou pesquisas e estudos com relação a esse comportamento e a esses conceitos que refletem na divisão do trabalho em masculino e feminino, sobre os maiores salários - área predominantemente masculina nos setores fabris e nas ocupações profissionais - e menores salários - área predominantemente feminina, no setor administrativo e nas ocupações de serviços domésticos. Quando as autoras falam em trabalhos masculinos e femininos, atribuem aos homens os trabalhos em que a atribuição tecnológica é mais desenvolvida, deixando para as mulheres os trabalhos de repetição e sem exigência de qualquer profissionalismo.

Outra autora que debate esse tema é Fonseca (2002), ao colocar que a exploração no mundo do trabalho feminino existe e é aceita como natural junto às mulheres nos seus ambientes de trabalho. A autora cita que:

Estas, tendo internalizado, não só a moral do trabalho, mas os valores (e sanções) atribuídos à produtividade pela empresa onde trabalham, extraem de si próprias, portanto, com seu pleno consentimento, o máximo de forças que possuem para levar à frente o interminável trabalho industrial e o insaciável interesse de acumulação do capital (FONSECA, 2000, p.42-43).

Em sua busca empírica, encontra dentro da indústria a nítida diferenciação nos postos de trabalho tidos como masculinos e aqueles femininos. Cita que tem homem trabalhando na regulagem das bobinas, porque neste setor é exigida inteligência e, às mulheres, cabem aqueles trabalhos repetitivos e que exigem paciência e boa habilidade manual. (op. cit. p. 44-45). Nas colocações das pessoas com quem conversou, basicamente, as próprias mulheres julgam que certos trabalhos são, como costume de longa data, naturalmente femininos, como a costura, por exemplo, e outros, tidos como masculinos (lidar com máquinas pesadas). De acordo com a pesquisa, as mulheres com maior número de filhos ou, ainda, as provenientes da zona rural são vistas como aquelas que trabalham com mais empenho, dedicação e vontade de vencer as metas, pois têm mais necessidade de manter os seus empregos, pela própria sobrevivência e, portanto, vão se empenhar mais no desenvolvimento de suas tarefas.

Na Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR), o grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Tecnologia, coordenado pela Prof^a. Marília Gomes de

Carvalho, tem estudado e desenvolvido pesquisas relacionando gênero e tecnologia sobre as quais surgem algumas considerações interessantes.

Segundo Carvalho (2007), o campo de trabalho das engenheiras constitui ainda um dos últimos redutos em que a presença de mulheres apresenta uma minoria significativa, expressando, com isso, que os demais campos já diminuíram o hiato entre a mulher e o mercado de trabalho. Pelas colocações das(os) entrevistadas(os), existem vários posicionamentos sobre a opção da mulher em cursar engenharia e o que isso significa para elas e para eles no convívio da sala de aula e na disputa do mercado. O tradicionalismo das atribuições das mulheres como mães e donas-de-casa é presente nas falas de ambos os sexos, embora para uns seja mais forte.

No seu artigo, é citada uma pesquisa realizada em Vigo, na Espanha, em que foi apresentado o resultado de premiações a estudantes dos cursos de ensino tecnológico, ficando explícito que o número de mulheres premiadas em termos de percentual foi mais elevado do que o dos homens, o que lhes permitiu afirmar que as mulheres que atuam nesta área possuem melhores iniciativas e um superior nível de qualificação.

Outro ponto que chamou a atenção nesse trabalho é a colocação de um diretor industrial quando observa que as mulheres engenheiras podem ser equiparadas aos homens e que são pessoas mais dedicadas, proporcionando um ponto positivo a mais na disputa pelo seu espaço.

No entanto, Carvalho salienta que:

Não resta dúvida que dentro da área tecnológica as engenharias representam uma das profissões onde, não só o número de mulheres é significativamente menor do que o número de homens, mas também onde o espaço de trabalho para as poucas engenheiras é restrito e de difícil acesso (Carvalho, 2007, p.10).

Sendo assim, embora com mais dedicação, capacidade de raciocínio lógico desejável a uma pessoa para desempenhar um trabalho na área tecnológica, ainda existem dificuldades para que a mulher possa naturalmente trabalhar nesse ramo. A injusta realidade deve ainda sofrer algumas alterações para que o direito à igualdade de gênero possa existir.

Na dissertação de Sobreira (2006), com sua pesquisa sobre “Estudantes de Engenharia na UTFPR: uma abordagem de gênero”, são apontadas as áreas da tecnologia em que existe mais a atuação de homens e aquelas em que as mulheres estão se inserindo. Coloca que as mulheres, em função das suas habilidades, ficam mais ligadas às áreas que envolvem relacionamentos interpessoais, enquanto que os homens se destinam à produção técnico-científica, no entanto em todas as regras existem as

exceções, ocorrendo, também, o inverso. Salienta que a sociedade, acostumada com um certo padrão estabelecido de longa data, está predefinindo o trabalho que é do homem e aquele da mulher, mas o ingresso das mulheres nas áreas tecnológicas da UTFPR está “quebrando” com esse padrão. Registra ainda que o fato de a mulher utilizar a razão, característica necessária na área tecnológica, não a torna menos feminina, e o mesmo está ocorrendo com os homens que se dirigem para a área das humanas.

Sobreira ainda fala na participação da mulher em grupos de pesquisa sobre desenvolvimento de tecnologia e da ciência, que mesmo singelamente, tem tido representatividade, mas constata haver pequena expressão, pelo seu ingresso tardio nesta área, no entanto, em fase de crescimento.

O artigo de Lombardi (2006) apresenta o resultado de uma pesquisa com mulheres engenheiras, que desempenharam em algum momento de suas trajetórias profissionais a função de gerentes ou diretoras e salienta as diversas criatividade utilizadas por elas para dar conta de suas atribuições. Assinala-se, neste estudo, a parte sobre as habilidades femininas que ajudam as mulheres no desempenho dos cargos de condução de equipes.

Cláudia e outras engenheiras entrevistadas tocam num ponto importante, qual seja, sua capacidade “relacional” ou a sensibilidade e a habilidade para lidar com as pessoas, estabelecer relacionamentos com os subordinados e também sua criatividade, como pontos que foram relevantes, na sua promoção aos postos de gerência e diretoria. Habilidades femininas desejáveis para gerir os conflitos humanos nas equipes, indicadas atualmente por alguns consultores empresariais como uma das vantagens da gerência feminina, face à masculina (LOMBARDI, 2006, p.73-74)

Yannoulas (2007) salienta as falas resultantes de uma pesquisa regional sobre equidade de gênero na ciência e na tecnologia, realizada no âmbito do Brasil pela FLACSO/Brasil, e coordenada regionalmente pela Cátedra Regional UNESCO Mulher, Ciência e Tecnologia, e cita que os/as entrevistados(as) descrevem homens e mulheres com habilidades específicas, colocando as mulheres em situação desfavorável na colaboração do desenvolvimento dessas áreas. Dizem que as mulheres desempenham melhor certos trabalhos, como na administração, na condução de equipes, no lidar com problemas pessoais dos funcionários e no desempenho em laboratórios e, ainda, são mais organizadas e intuitivas. E que não são boas em outras que exijam raciocínio científico e localização espaço-temporal. No mesmo artigo, Yannoulas salienta, segundo pesquisa de outro autor, o pequeno número de reitoras e cátedras existentes nas Universidades.

Yannoulas acredita que o reduzido número de mulheres no mercado de trabalho se dá pelo seu tardio ingresso nesse meio. Na mesma ótica, pode-se pensar sobre as mulheres nas gestões dos CEFETs, visto que o ingresso como professoras também aconteceu posteriormente aos homens, bem como o ingresso de meninas como alunas desses educandários.

Nos CEFETs, instituições que trabalham com o desenvolvimento de tecnologia, antigas Escolas Técnicas, criadas como Escolas de Artes e Ofícios até a década de 60, admitia-se somente o ingresso de alunos do sexo masculino (MEIRELES, 2007, p.30). O acesso à educação profissional para as meninas nessas instituições começou muito depois. No CEFET-RS, em Pelotas, por exemplo, as primeiras alunas ingressaram no ginásio industrial em 1964 e nos cursos técnicos em 1967 (op.cit. p.72). Nos demais CEFETs a realidade é semelhante. Dessa forma, é possível perceber que as questões apontadas sobre a mulher, gênero e tecnologia apresentam interligações pertinentes a essas instituições e convergem para diminuir cada vez mais a distância que existe entre a mulher e esse mundo tecnológico em expansão.

2 A REDE CEFET E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL

2.1 Breve histórico dos CEFETs no Brasil

Os CEFETs são Escolas Técnicas Federais transformadas em Centros de Educação Tecnológica pela Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994. Constituem-se em autarquias federais, vinculada ao Ministério da Educação, detentoras de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, e oferecem cursos de educação tecnológica profissional em todos os níveis desse sistema educacional, conforme estabelece a legislação pertinente: básico (cursos de qualificação, requalificação e reprofissionalização de jovens, adultos e trabalhadores em geral, com qualquer nível de escolarização), ensino médio, técnico (habilitação profissional de nível médio), tecnológico (correspondente ao nível superior na área tecnológica) e superior (graduação e pós-graduação).

Os CEFETs passaram por várias modificações nas suas trajetórias como escolas profissionalizantes. Iniciaram em 1909 como "Escolas de Aprendizes Artífices" através do Decreto n.º 7.566, de 23/09/1909, pelo então Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Nilo Peçanha, em execução da Lei n.º 1.606, de 29 de dezembro de 1906, mais tarde transformados em Liceus de Artes e Ofícios. Seu objetivo era munir os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico, como meio de vencer as dificuldades sempre crescentes na luta pela existência, oferecendo cursos para os ofícios de alfaiataria, sapataria, encadernação, tipografia, funilaria, marcenaria, modelação, etc. Na sequência, em 30 de janeiro de 1943, com a Lei 4.037, chamada Lei Orgânica do Ensino Industrial, pelo qual o ensino ficou dividido em dois ciclos: o industrial básico (em quatro anos) e o técnico (em três anos), passaram a se chamar, Escolas Técnicas. Em 1959, através da Lei nº. 3.552, veio a autonomia didática, administrativa e financeira, o que deu a essas instituições a oportunidade de alargarem seus horizontes, buscando atender melhor o mundo empresarial. No ano de 1965, com a Lei. nº. 4.759, as Escolas Técnicas passaram a ser denominadas Escolas Técnicas Federais. A próxima transformação foi em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) (a passagem

para CEFET não foi uniforme, sendo que teve um primeiro grupo com cinco CEFETs que se transformaram em 1978 e os demais em 1999) e ainda, uma delas, o CEFET do Paraná, foi transformado em Universidade Tecnológica no dia 10 de outubro de 2005. Portanto hoje a rede CEFET é constituída de 36 Instituições. São elas: a Escola Técnica Federal de Palmas em Tocantins, o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, a Universidade Tecnológica do Paraná e 33 Centros Federais de Educação Tecnológica compreendendo quase todos os Estados da Federação (Os 7 Estados da Federação que não têm essas escolas profissionalizantes as terão a partir da criação de Escolas Técnicas conforme a Lei nº 11.534 de 25 de outubro de 2007).

As escolas que compõem a rede CEFET, foram assim constituídas: O Colégio Pedro II no Rio de Janeiro foi criado em 1837³ e, em 1909, através do Decreto n.º 7.566, de 23/09/1909, foram criadas as primeiras 19 Escolas de Aprendizes e Artífices. Essas escolas ficavam nas capitais dos estados brasileiros e são: Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Campos de Goytacazes, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas.⁴

Ao longo dos anos, foram sendo criadas outras Instituições semelhantes, compondo a rede da educação profissional e tecnológica, hoje com 36 Instituições Federais. Sendo assim, foram acrescentadas às já existentes os seguintes CEFETs: Pelotas (1943), Bento Gonçalves (1959), São Vicente do Sul (1954), Urutaí (1953), Nilópolis (1942), Rio de Janeiro (1917), Ouro Preto (1944), Rio Pomba (1956), Januária (1960), Uberaba (1953), Bambuí (1968), Cuiabá (1943), Rio Verde (1967), Petrolina (1999), Roraima (1986) e a Escola Técnica Federal de Palmas (2003).

Muitos CEFETs possuem outras unidades além daquela chamada de sede que são as unidades de ensino descentralizadas (UNEDs), localizadas fora da cidade ou do local onde “nasceu” a referida instituição. Essas Unidades contam com uma estrutura mais reduzida em termos de quadro de pessoal e de gestão. Nelas também se encontram algumas mulheres exercendo o cargo de Diretoras.

Embora na maioria das escolas de caráter propedêutico do país as mulheres apareçam como ocupantes dos cargos de gestão, os cargos de direção, ao longo da história dessas Instituições, vêm sendo ocupados em grande parte por homens. Contudo, nos últimos anos, já é possível perceber que as mulheres começam a alcançar maiores espaços na gestão dessas instituições. No CEFET Pelotas, além da pesquisadora, que

³ Histórico extraído da página do Colégio Pedro II disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/>> Acesso em: 29 maio 2008.

⁴ Histórico extraído das páginas Web dessas instituições conforme serão apresentados no apêndice número 8.

ocupa o cargo de Vice-Diretora do CEFET Pelotas, há outra mulher ocupando o cargo de Diretora (Diretoria da Unidade Sede). Atualmente, outubro de 2008, sabe-se que há seis mulheres atuando na Direção-Geral de CEFETs (Bento Gonçalves/RS, Santa Catarina, Bahia, Campos-RJ, Palmas/TO e Colégio Pedroll). Ainda, com base em dados coletados em uma pesquisa junto aos Diretores Gerais dos CEFETs, em setembro de 2007, sabe-se que existem, aproximadamente, 64 mulheres ocupando outras diretorias existentes nas estruturas dos CEFETs, como as de Vice-Direção, Direção de Administração e Planejamento, de Ensino, de Relações Empresariais e Comunitárias, de Assuntos Estudantis, de Pesquisa e Pós-Graduação, de Extensão, de Desenvolvimento Institucional, de Orçamento e Finanças, de Gestão Estratégica, de Desenvolvimento e Informação e de Unidade de Ensino.

Esse número de mulheres em cargos de direção pode ser considerado muito pequeno, em relação à soma dos cargos de direção existente em todas as 36 Instituições que compõem a rede (aproximadamente 330), mas aparece como significativo levando-se em conta que houve ingresso de mulheres como docentes e técnico-administrativas somente na década de 1960, cinquenta anos após o início de funcionamento da maioria dessas instituições. Isso porque, a cada ano, vislumbra-se uma evolução cultural quanto à participação das mulheres nos diferentes aspectos da vida social, envolvendo, por exemplo, mudanças relativas ao seu papel dentro da família (inclusive como parte importante para com a renda familiar), a sua liberdade de expressão e de realização e a suas oportunidades de estudo e trabalho (abrangendo a ascensão aos cargos de chefia).

As funções de Diretor Geral, até a década de 80, eram indicada pelo Ministro da Educação. Era enviada ao Ministro uma lista tríplice, para a escolha de um Diretor. Atualmente, esses dirigentes, são escolhidos através da consulta à comunidade acadêmica, conforme estipula o Decreto 4877⁵, e as funções das diretorias de Unidade e Sistêmicas, na maioria dos CEFETs, são por escolha do Diretor Geral através de convite. O quadro de mulheres como Diretoras Gerais dessas instituições tem aumentado nas últimas duas décadas, mas o percentual nramos em termos de anos de atuação fica muito aquém àquele do sexo masculino.

^{5 5} Mais informações ver Decreto 4877. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/Decreto_4877.pdf> . Acesso em: 03 de out. 2008.

A seguir apresenta-se o quadro de Diretoras Gerais que já atuaram ou que atuam em algum CEFET no Brasil desde 1909 até 2008.

Nome	CEFET	Data
Yolanda Ferreira Pinto	Pará	1968 - 1979
Edna Maria de Albuquerque Affi	Mato Grosso	1976 - 1986
Judiht Evangelista Guimarães	Mato Grosso	1986-1990
Luzia Vieira de França	Rio Grande do Norte	1985-1991
Lenalda Dias dos Santos	Sergipe	1991-1995
Maria Célia Freire de Carvalho	Nilópolis- RJ	1993 - 1998
Rita Martins de Cássia	Piauí	1994-2004
Soni de Carvalho	Santa Catarina	1994-1998
Waléria Kulkamp Haeming (pro-tempore)	Santa Catarina	1999-1999
Maria Helena Passos de Alencar (pro-tempore)	Pernambuco	2002-2003
Maria da Glória Santos Laia	Ouro Preto – MG – (atualmente está como pro-tempore na Escola Técnica Federal de Palmas desde janeiro de 2008)	2002-2007
Consuelo Aparecida Sielski Santos	Santa Catarina	2003-2007 e 2007 -
Aurina Oliveira Santana	Bahia	Desde 2006
Claudia Schiedeck Soares de Souza	Bento Gonçalves- RS	Desde 2007
Cibele Daher Botelho Monteiro	Campos- RJ	Desde 2008
Vera Maria Ferreira Rodrigues	Colégio Pedro II	Desde 2008

Fig. 1 – Quadro de mulheres que estiveram ou estão na direção geral dos CEFETs.⁶

Como se pode observar no quadro acima, atualmente 6 mulheres estão à frente de direção geral de CEFETs e 30 homens, totalizando as 36 instituições dessa rede.

Entende-se que essas situações não aconteceram naturalmente, sendo necessário que as mulheres estejam sempre lutando, para demonstrar a capacidade de desenvolver trabalhos culturalmente entendidos como masculinos, como aqueles relacionados à gestão de instituições voltadas a cursos profissionalizantes. Para a formação dessa cultura, é fundamental o fato de os CEFETs serem instituições antigas, criadas para a formação de profissional das classes menos favorecidas para o mercado de trabalho, em uma época em que as mulheres ainda se preocupavam apenas (ou na maior parte do dia) com o trabalho no lar. Demoraram décadas até que mulheres fossem aceitas como alunas nessas instituições, outras tantas para serem aceitas como professoras e mais algumas para alcançarem a posição de gestoras. Assim, atualmente

⁶ Pesquisa feita junto ao setor de recursos humanos dos CEFETs de março a outubro de 2008.

percebe-se que as mulheres atuantes na direção dessas instituições mostram-se mais fortes, demonstrando capacidade de serem profissionais, mães e esposas. Além da dedicação intensa que o trabalho de dirigirem instituições deste porte exige, são capazes, por exemplo, de acompanhar os afazeres dos filhos na escola (quando os têm), aconselhar nas suas escolhas profissionais, irem a jantares, festas com amigos e/ou organizarem suas próprias recepções.

2.2 Descrição das especialidades dos CEFETs das diretoras entrevistadas.

Os CEFETs, aos quais pertencem as quatro mulheres que foram objeto da análise neste trabalho, fazem parte de instituições que têm o perfil descrito a seguir:

Daiane é Diretora Geral de um CEFET que foi criado entre as primeiras dezenove escolas, em 1909, e conta com uma estrutura de sete Unidades, implantadas até o ano de 2008. Dessas Unidades, uma é na capital, e as demais em outras cidades do seu estado.

Ao final de 2007, segundo dados fornecidos pela pesquisadora institucional e constantes do Sistema de Informações Gerenciais (SIG), o CEFET contava com 506 docentes (139 mulheres e 367 homens), 384 técnico-administrativos (203 mulheres e 181 homens) e 5082 matrículas⁷ (33% feminino e 67% masculino) somados o primeiro e segundo semestre deste ano, em todas as Unidades.

A distribuição dos cursos acontece da seguinte forma: Cursos a nível técnico de: Eletrotécnica; Estradas; Saneamento; Eletrônica; Telecomunicações; Refrigeração e Ar Condicionado; Eletroeletrônica; Mecânica Industrial; Cozinha; Hospedagem; Panificação; Serviços de Restaurante; Moda e Estilismo; Têxtil – Malharia e Confecção; Enfermagem; Edificações; Automobilística; Geomensura; Meio Ambiente; Meteorologia; Sistemas de Informação; Segurança do Trabalho; Química e Eletromecânica.

Cursos de Graduação em Tecnólogo: Radiologia; Construção de Edifícios; Design de Produto; Sistemas de Telecomunicações; Sistemas de Energia; Gestão da Tecnologia da Informação; Mecatrônica Industrial; Sistemas Eletrônicos e Gestão Pública (modalidade EAD).

Cursos de formação inicial e continuada e Ensino Médio para surdos, além dos Programas de Pós-graduação em: Especialização em Gestão Pública; em

⁷ Os dados dos alunos foram tomados do relatório de gestão de 2007, p. 61. Disponível em: <http://artemis.cefetsc.edu.br/images/stories/file/Docs/Relat%C3%B3rios/Relatorio_de_Gestao_2007.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2008

Desenvolvimento de Produtos Eletrônicos Digitais; em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na modalidade de jovens e adultos; em Educação de Surdos.

O CEFET em que Iracema atua também foi criado em 1909 e, segundo informações encaminhadas pela pesquisadora institucional e que constam no SIG, possui nove Unidades, onde trabalham 573 docentes (170 mulheres e 403 homens), 405 técnico-administrativos (186 mulheres e 247 homens), e 7521 estudantes estão regularmente matriculados, nos mais diversos cursos da Instituição, segundo o relatório de gestão de 2007⁸.

Os cursos nos diversos níveis estão assim constituídos: Cursos Técnicos de: Metalurgia; Manutenção Mecânica Industrial; Petróleo e Gás; Eletrônica; Meio Ambiente; Informática; Eletromecânica; Turismo; Turismo e Hospitalidade; Aquicultura; Tecnologia da Informação; Biocombustíveis; Eletrotécnica; Automação e Controle Industrial; Operação de Processos Industriais Químicos; Análise Química; Geologia; Refrigeração; Edificações; Processamento em Alimentos e Bebidas; Infra-estrutura Urbana; Meios de Hospedagem; Enfermagem e Agente Comunitário de Saúde.

No nível superior encontra-se os seguintes cursos: Engenharia Industrial Elétrica; Engenharia Industrial Mecânica; Administração; Administração Hoteleira; Licenciatura Plena em Matemática; Tecnologia em Processos de Polimerização; Tecnologia Elétrica/ Habilitação Manutenção Elétrica; Tecnologia Elétrica/ Habilitação Telecomunicações; Tecnologia Mecânica/ Habilitação Manutenção Mecânica; Tecnologia Mecânica/ Habilitação Manutenção Petroquímica e Tecnologia Química/ Habilitação Processos Petroquímicos.

O CEFET onde Carolina atua foi fundado em 1959 e é composto de três Unidades, sendo todas no interior do estado, tanto a sede como as Unidades descentralizadas. Essa escola nasceu como uma escola agrotécnica e se transformou em CEFET na década de 2000. Segundo os dados da pesquisadora institucional constantes no SIG, conta com a colaboração de 105 docentes (47 mulheres e 58 homens) e 121 técnico-administrativos (68 mulheres e 53 homens). O número de alunos matriculados no ano de 2007⁹ foi de 674 no primeiro semestre e 655 no segundo. Os cursos disponíveis são: técnicos em: Enologia; Informática ; Agropecuária, Administração, e Comércio e os cursos superiores de Tecnologia em: Alimentos; Viticultura e Enologia,

⁸Os dados dos alunos foram tomados do relatório de gestão de 2007 disponível em: < <http://www.cefetba.br> – Relatório de gestão 2007>. Acesso em: 20 de out. 2008.

⁹Os dados dos alunos foram tomados do relatório de gestão de 2007 disponível em: <<http://www.cefetbg.gov.br> – Relatório de gestão 2007> Acesso em: 20 de out. 2008

Logística, Horticultura e Agronegócio e ainda as licenciaturas em: Matemática, Informática e Formação de Professores para a Educação Profissional.

A Unidade onde Ana é Diretora faz parte de um CEFET que é composto de quatro Unidades. Nele trabalham, segundo dados enviados pelo pesquisador institucional e constantes do SIG, 392 docentes (122 mulheres e 270 homens) e 246 técnico-administrativos (111 mulheres e 135 homens). O número total de alunos é 3349, distribuídos nas quatro unidades¹⁰ e nos seguintes cursos: Cursos técnicos de: Eletrotécnica; Design de Produtos; Design Gráfico; Eletrônica; Telecomunicações; Alimentos; Eletromecânica; Mecânica; Metalurgia e Materiais; Edificações; Saneamento Ambiental; Programação de Computadores e Segurança no Trabalho.

Possui também o Curso Superior de Tecnologia em Eletrônica Industrial; as Engenharias Elétrica e Mecânica; as Licenciaturas em: Matemática; Física; Química; Biologia; Informática; Mecânica; Eletricidade e Construção Civil e ainda a Pós-graduação em Educação Ambiental e Gestão Participativa de Recursos Hídricos.

Infelizmente, os dados constantes do relatório de gestão não estão demonstrados por gênero, ficando difícil o acesso a essa informação. Depende-se assim, do pesquisador institucional que trabalha com esses dados nas informações do censo escolar e no preenchimento do SIG. Com isso pode-se perceber um equilíbrio entre gêneros na força de trabalho no que diz respeito aos servidores técnico-administrativos, o que já é diferente nos servidores docentes, em que a predominância dos homens ainda é bastante forte.

¹⁰ Os dados dos alunos foram retirados do relatório de gestão de 2007. Disponível em: <<http://www.cefet-ma.br> – Relatório de gestão 2007> Acesso em: 20 de out. 2008.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada utilizando-se uma abordagem qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986; MINAYO, 1993; BOGDAN e BLIKEN, 1994, TERRAGNI, 2005), visto que se pretendia compreender e descrever as particularidades dos comportamentos ou atitudes cotidianos das gestoras entrevistadas, bem como a complexidade das suas experiências profissionais e pessoais. Sendo uma atividade que leva em consideração aspectos relativamente novos, vale a colocação:

Recorrendo à observação participante, à análise de documentos, à investigação sobre histórias de vida e às entrevistas em profundidade, os investigadores qualitativos tomaram seriamente em consideração actores sociais e categorias de comportamento previamente ignorados (BOGDAN e BLIKEN, 1994, p.44).

Para embasar ainda a utilização de entrevistas narrativas, considerou-se o que dizem os autores do livro “Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais:

A qualidade da entrevista depende, primeiramente, de um planejamento adequado. (...) a arte do entrevistador consiste em criar uma situação onde as respostas do informante sejam fidedignas e válidas. A situação ideal usualmente procurada, é aquela permissiva, onde os informantes são encorajados a emitirem opiniões francas, a não temerem que suas atitudes sejam levadas a outras pessoas, e na qual o entrevistador não usa de expressões de surpresa ou julgamento de valor. (SELLTIZ e WRIGHTSMAN e COOK, 2007, p. 34)

O procedimento escolhido para a realização da pesquisa é o da entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002; FLICK, 2004, APPEL, 2005). Essa técnica de entrevista desenvolvida por Fritz Schütze¹¹, tem como foco a narração de experiências, como história de vida, vivências enquanto professores(as), sindicalistas, operários(as), entre outros. Não existe um roteiro a ser seguido tal como na entrevista semi-estruturada, pois Schütze entende que existirá uma aproximação mais efetiva com

¹¹ Fritz Schütze, * doutorado em Sociologia (Pädagogische Hochschule Westfalen-Lippe) pela Universidade de Münster e livre docente pela Universidade de Bielefeld. Publicou uma série de artigos e desenvolveu vários módulos de ensino sobre a /entrevista narrativa/ e o /método analítico de narrações/. Foi professor assistente na Universidade de Bielefeld no período de 1972 bis 1980, desenvolvendo no período estudos de pós-doutorado no Department of Social and Behavioral Sciences der University of California, San Francisco sob orientação de Anselm Strauss. Entre 1980 e 1993 foi professor de métodos qualitativos em Ciências Sociais na Faculdade de Estudos Sociais da Universidade de Kassel. Desde outubro de 1993 é professor da cátedra/sociologia/microsociologias/ do Instituto de Sociologia da Universidade Otto-von-Guericke em Magdeburg e parte do conselho do ZBBS (Centro de pesquisa qualitativa em Educação e nas Ciências Sociais) da Universidade de Magdeburg e do conselho editorial da revista ZBBS. Para maiores informações vide: <http://www.isoz.uni-magdeburg.de/>

os fatos realmente experimentados pelo/a entrevistado/a. Após a pergunta inicial, o/a pesquisador/a deve estar atento/a aos fatos narrados e introduzir uma nova pergunta somente quando houver a sinalização por parte do/a entrevistado/a.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: entrevista narrativa e análise de documentos sobre os CEFETs, através de leitura de Leis, Decretos e de visita a sites dos diversos CEFETs. A entrevista narrativa buscou o relato das experiências pessoais e profissionais. Para a realização, fez-se necessária uma preparação prévia, pois Schütze(1992) entende que existirá uma aproximação mais efetiva com os fatos realmente experimentados pela entrevistada sempre que haja sensibilidade para essas questões por parte da entrevistadora (apud APPEL, 2005 p.6). As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas. Reforçando a técnica, cita-se: “A entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje e estimule um(a) entrevistado(a) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (BAUER e GASKELL, 2002, p. 93).

Appel (2005) e Jovchelovitch e Bauer (2002) descrevem as diversas fases e preocupações que devem ser observadas durante a realização da entrevista narrativa, transcrição e análise, fases essas que foram também elaboradas por Schütze(1992).

A entrevista começou com uma pergunta que procurou deixar a entrevistada à vontade para que relatasse diversos fatos de sua vida, sem que houvesse qualquer interrupção por parte da entrevistadora. Esses relatos podem ter uma ordem lógica de crescimento de acordo com fatos que aconteceram desde a infância até a idade atual ou pode ser relatada aquela parte que a pessoa julga importante na sua vida ou, ainda, pode haver movimentos de idas e vindas sobre o passado e os tempos mais atuais (APPEL, 2005, p.6-7).

Somente após as entrevistadas finalizarem seu relato foram dirigidas novas perguntas que não tenham ficado bem claras durante a narrativa, sobre temas que não foram referidos, mas que são importantes para a pesquisa em questão. Tais perguntas deram vazão a relatos que não finalizaram com uma frase, mas sim com uma continuação da história de vida da entrevistada (APPEL, 2005, p.7).

Previamente ao momento da entrevista foram feitos contatos que buscaram a confiança e a disponibilidade da entrevistada em relação à entrevistadora.

No aquecimento para a realização da entrevista foram estabelecidas conversas cotidianas, nas quais a pesquisadora demonstrou interesse pela vida das entrevistadas e suas experiências, levando sempre em conta as formas culturais e respeitando-as. Foi feito o pedido para permissão do uso do gravador e a garantia do anonimato dos dados e

das pessoas. Foram demonstradas expressões de entendimento e de atenção durante a narração, com o intuito de tornar exitosa a entrevista (APPEL, 2005, p.6).

Essa metodologia desenvolvida por Schütze(1992 está orientada por dois marcos teóricos: a teoria narrativa e a teoria biográfica.

Quando a pessoa passa a narrar fatos que aconteceram em sua vida, traz à tona momentos nem sempre agradáveis, mas pela pressão psicológica do momento é influenciada a contá-los e sente-se no dever de descrevê-los até o fim, mesmo que a emoção tome conta. Enquanto narra, ela acaba descrevendo cenas, contextualizando os fatos acontecidos com o momento histórico em que se desenvolveram e ainda vê-se obrigada a fazer uma avaliação completa, visto que retornam a sua mente situações por vezes adormecidas durante anos. Segundo Jovchelovitch e Bauer, “Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p.91).

A teoria biográfica tem como foco principal a análise da trajetória da protagonista da biografia. Schütze(1992) destaca quatro processos biográficos estruturados: padrões institucionais da caminhada, as censuras feitas pelo ciclo da vida e pelo ciclo familiar; o esquema de atuação com relevância biográfica; trajetórias biográficas e o processo de troca de identidade. Para os autores, Jovchelovitch e Bauer(2002), “a estrutura de uma narração é semelhante à estrutura da orientação da ação: um contexto é dado; os acontecimentos são seqüenciais e terminam em um determinado ponto; a narração inclui um tipo de avaliação do resultado”(JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p.92). Com base nessa teoria não se tem o objetivo simplesmente de listar acontecimentos, mas de ligá-los tanto no tempo como em seu significado.

Schütze (1992) propõe analisar as entrevistas observando os esquemas de comunicação: narração, descrição e argumentação. Em seguida propõe a análise do material indexado, ordenando os acontecimentos, com o objetivo de reconstruir a trajetória do indivíduo, seguido da análise dos componentes não indexados, que são as opiniões, conceitos, teorias gerais e reflexões¹². Também considerações sobre ética nas pesquisas qualitativas foram valorizadas:

A pesquisa qualitativa feminista participa das diversas preocupações éticas quanto à privacidade, ao consentimento, à confidencialidade, à falsidade, à fraude, que perturbam o campo em um sentido mais amplo, inquietações que exigem uma conduta decente e honesta da pesquisa para que se evitem prejuízos de qualquer tipo (ênfase excessiva,

¹² Para maiores informações sobre esta proposta cf. APPEL, 2005; WELLER, 2008 (mimeo).

publicidade indesejada, perda de reputação), tanto na coleta de dados ou no texto subsequente (OLESEN, 2006, p. 237).

Preliminarmente, fé-se a análise formal do texto, considerando-se os fenômenos estruturais. Seguiu-se com a análise da abstração analítica. Nessa reconstrução das teorias biográficas da narradora foi estabelecida uma relação entre as estruturas processuais e os seus comentários. Nesse momento, foi possível verificar como ela desenvolveu sua vida e reconstruir aquilo que imagina ter significado dentro e fora do caso em questão. Após essa etapa, partiu-se para a comparação entre os diversos casos pesquisados, buscando comprovar a significação geral dos conhecimentos resultantes e se estes estão explícitos e podem explicar os fenômenos investigados ou, ainda, se servem como um início para um comparativo de novos casos. Nesse momento, realizou-se um agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais, levando sempre em consideração o contexto social de cada entrevistada.

A utilização das entrevistas neste tipo de pesquisa qualitativa é realizada com o objetivo de compreender as visões de mundo das pessoas entrevistadas¹³, que contribuirão para a compreensão das colocações feitas. Foram analisadas as semelhanças encontradas com o objetivo de identificar trajetórias coletivas.

O universo empírico desta pesquisa foi constituído por mulheres que participaram e/ou participam da gestão dos Centros Federais de Educação Tecnológica situados em diversos estados da Federação.

A escolha dessas mulheres levou em consideração a sua atuação como Diretora Geral, Vice-Diretora Geral ou Diretora de unidade de algum CEFET, a diversificação de gestoras das mais diversas cidades e estados da Federação, com o objetivo de buscar experiências oriundas de diferentes realidades brasileiras e também a facilidade na obtenção das entrevistas.

Ao todo foram entrevistadas dez diretoras, mas, analisou-se apenas quatro entrevistas em profundidade com o objetivo de apresentar trajetórias biográficas e percursos profissionais distintos de mulheres de diferentes regiões do Brasil.

Após o processo de coleta dos dados e do material gravado, passou-se ao momento das transcrições. Para tanto, procurou-se identificar as falas, as expressões, entonações de voz, que foram demonstradas durante a entrevista utilizando a codificação sugerida por Ralf Bohnsack e que se encontra anexada como apêndice número 7. Weller (2005b) destaca a importância da numeração das linhas das

¹³ Sobre o conceito de visão de mundo de Karl Mannheim ver WELLER et. Al. (2002).

entrevistas para facilitar a identificação das passagens e citações durante as análises. A parte da transcrição das entrevistas parece simples, mas é carregada de responsabilidades, pois além de trabalhosa, registra a identificação de cada gesto, situação ou fato ocorrido, demonstrando muitas vezes o significado de cada fala no contexto em que foi vivido ou qual a sua importância para a entrevistada. Tais informações são imprescindíveis durante a análise das narrativas.

Nessa etapa, recomenda-se o uso de nomes fictícios para identificar os participantes da pesquisa, bem como lugares e outros elementos a fim de garantir o anonimato dos(as) informantes.

A análise foi orientada pela proposta de Schütze (cf. APPEL, 2005; JOVCHELOVITCH e BAUER, , 2002) e pelo método documentário de interpretação desenvolvido por Ralf Bohnsack, cujas bases teóricas reportam à Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim, à Fenomenologia Social de Alfred Schütz, ao Interacionismo Simbólico e à Etnometodologia (cf. WELLER, 2005b e BOHNSACK e WELLER, 2006). O método documentário vem sendo utilizado, desde os anos oitenta do século passado, na análise de entrevistas narrativas, grupos de discussão, imagens e filmes. Tal instrumento permite que o(a) pesquisador(a) se insira nos contextos sociais alheios, indo além da análise intuitiva ou dedutiva, dando condições de mapear e dar forma às experiências cotidianas. O método documentário não tem como objetivo a busca de confirmação ou refutação de hipóteses, mas a reconstrução das experiências, visões de mundo ou orientações coletivas e do meio social em que se encontram inseridos os sujeitos da pesquisa.

A análise das entrevistas foi realizada da seguinte forma: transcrição completa das entrevistas; divisão temática¹⁴; reconstrução e análise das trajetórias. Com respeito à reconstrução das trajetórias, foram selecionadas as passagens que continham elementos narrativos sobre diferentes fases da vida das entrevistas, entre outras, as vivências familiares e escolares, a formação profissional, o ingresso no mundo do trabalho e o percurso até o cargo de direção ocupado. Buscou-se interpretar o meio, as circunstâncias, as situações, os elementos descritivos, narrativos e avaliativos trazidos pelas entrevistadas. Foram Traçadas ainda algumas comparações entre as partes semelhantes dessas trajetórias. Em todas as análises foi levado em consideração o momento na história vivido individualmente.

¹⁴ As divisões temáticas das entrevistas analisadas encontram-se nos apêndices 3, 4, 5 e 6.

4 TRAJETÓRIA DE MULHERES NA GESTÃO DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS PROFISSIONALIZANTES

4.1 Quatro mulheres, quatro histórias: critérios para a seleção das entrevistadas

As quatro histórias que contam a trajetória de vida de mulheres que ocuparam ou ocupam a função de gestoras de algum CEFET, foram selecionadas dentre dez entrevistas realizadas. Foram escolhidas duas histórias que apresentam percursos não-lineares e duas com características que apontam para uma transição linear entre a formação profissional e o ingresso no mercado de trabalho. Esses percursos podem ser vistos como enredos que permeiam a vida dessas mulheres.

O método biográfico utilizado nesta pesquisa prioriza a análise de passagens narrativas que se constituem como uma linha que perpassa diversos aspectos das trajetórias (escola, profissão, família) e que nem sempre se desenvolve dentro dos padrões considerados normais. Pais (2001) destaca que as vidas podem não seguir uma linearidade, e as mudanças constantes no cenário contemporâneo obrigam as pessoas a permanentes mudanças de rumo, que o autor define como trajetórias *yô-Yô* (PAIS, 2001, p. 73).

Em alusão a Pais (2001) definiu-se como não-linear as trajetórias em que o caminho percorrido não foi contínuo, nem na formação escolar nem no caminho profissional, nem no seu estilo de vida. Esse enredo não segue uma sequência cronológica; desenvolve-se descontinuamente, com saltos, antecipações, retrospectivas, cortes e com rupturas do tempo e do espaço em que se desenvolvem as ações. Durante esses percursos surgiram algumas mudanças de direção, de opções de vida, de expectativas de formação e de oportunidades de trabalho. As trocas de objetivos, de buscas e de novas construções diminuem o ritmo de ascensões e de conclusões das etapas, impedindo um aprofundamento em qualquer área onde este caminho esteja sendo percorrido.

Já as trajetórias lineares estão representadas por histórias de mulheres que escolheram um caminho e persistiram nessa opção. Decidiram-se por uma carreira, por uma atividade, por um local de moradia, um modo de vida, um plano para o futuro, ou uma relação pessoal. Seguiram nessa mesma direção. Aperfeiçoaram-se, obtiveram

progressos por meio de construções e conquistas. Também surgiram percalços, bifurcações no caminho, buracos inesperados, acidentes, mudanças de rumo. Também existiram golpes de sorte, atalhos. Mas suas biografias se caracterizam, sobretudo, pela constância e linearidade dos percursos traçados.

4.2 Trajetórias não-lineares: as mudanças de rumo na busca pela realização

4.2.1 Carolina: a gestão como conciliação das aspirações de toda uma vida

Contexto da entrevista

A entrevista narrativa com a Prof^a. Carolina aconteceu no dia 04 de janeiro de 2008, no prédio da Petrobrás, em Cidade-PA, onde o marido dela trabalha. Desde agosto de 2007, vínhamos mantendo contato telefônico para fazermos a entrevista e já tínhamos nos encontrado pessoalmente em diversos eventos, mas em nenhum deles houve tempo e momento propício para que ocorresse. Então fui à Cidade-PA exclusivamente para entrevistá-la. Embora resida em Cidade-XM, no dia da entrevista a Prof^a. Carolina estava em Cidade-PA em uma atividade com o Secretário da Educação Profissional e Tecnológica, e conseguimos agendar um encontro para o final da tarde. Peguei o ônibus das 16h e cheguei à Cidade-PA às 19h10min. Tomei um táxi e fui ao prédio da Petrobrás, onde cheguei após o término normal do expediente de trabalho, às 19h30min. Subi até o 12º andar e me dirigi à sala de trabalho do marido da Prof^a. Carolina. Cumprimentamo-nos e sentamos em um lugar tranquilo para conversarmos. A entrevista durou 55 minutos. Quando terminamos, fomos jantar juntamente com outras pessoas de CEFETs que tinham estado na mesma atividade durante o dia.

Perfil da entrevistada

Carolina tem 43 anos, casada, sem filhos. Os seus pais tiveram três filhos: um homem e duas mulheres. Sua mãe tem o curso superior completo e é professora estadual aposentada. Seu pai possui formação como técnico em contabilidade em nível médio e é bancário aposentado.

Carolina é licenciada em Letras por uma Faculdade Particular, Especialista em Gestão Educacional e Mestre em Letras. Realizou o ensino fundamental e ensino médio em escola pública, menos a quinta série, que fez em uma escola particular.

Seus primeiros trabalhos foram em empresas privadas como tradutora-intérprete. Trabalhou em três empresas e, depois, passou a atuar como professora em colégio particular e em uma escola do município. Posteriormente ingressou na rede federal.

Iniciou suas atividades no CEFET-XM no ano de 1997 e, durante o seu percurso

na Instituição, foi coordenadora de curso superior, curso de pós-graduação; participou de comissões específicas e há oito meses foi eleita e assumiu a Direção Geral do CEFET-XM.

Juntamente com os seus primeiros anos de professora do CEFET-XM continuava a trabalhar em mais dois locais: em uma escola particular de ensino médio e em uma Universidade privada, onde coordenava um curso de pós-graduação. Conforme foi se envolvendo nos trabalhos, comissões e coordenações no CEFET-XM, foi se desligando dos outros trabalhos.

Infância e família

Ao transcorrer sobre sua vida e lembrar dos diversos lugares pelos quais passou, Carolina não apresenta muita emoção e, por vezes, retrata de forma cômica as constantes mudanças de cidades. A lembrança se detém mais às cidades em si do que às pessoas que fizeram parte desta história, pois esta forma de vida apagou da memória a maioria das amizades do período da infância e ela mesma passa a acreditar que não tinha amigos naquela época.

Y: Carolina eu gostaria de conhecer a tua história de vida. Podias me contar como é que é, como é que foi, como é que é a tua história de vida.

Af.: Tu quer saber desde o nascimento? tudo?

Y: É

Af.: Bom então eu nasci em ...1964 portanto eu sou filha da ditadura como se diz né nasci em Cidade-GV próximo de Cidade-PF e Cidade-EM é um município muito pequeno a minha mãe era professora estadual e o meu pai era funcionário do Banco do Brasil a minha vó era professora também professora primária e o meu avô também era professor mas era ferroviário aposentado, mas ele se tornou professor porque ele tinha um desejo muito grande de que Cidade-GV tivesse uma escola profissional estadual e ele batalhou muito pra isso só que quando abriu a escola não tinha alunos número suficiente de alunos então ele se matriculou e aí ele fez o curso e depois foi ser professor desta escola (L.1-13).

Carolina começa a sua história pelo seu nascimento, salientando que "é filha da ditadura". Lembra que nasceu em uma cidade pequena e agrega à fala sobre o seu nascimento, as profissões de seus pais e de seus avós, mas em momento algum da entrevista ela diz se os avós são paternos ou maternos e nem fala dos outros avós.

Destaca bem a profissão do ser professor de vários membros da família, como uma forma positiva de desenvolvimento humano, inclusive enfatizando a vontade que seu avô tinha de ver concretizado o sonho de ter uma escola profissionalizante em sua cidade a ponto de se tornar aluno para depois vir a ser professor desta mesma escola.

Após esta primeira colocação, Carolina passa a transcorrer sobre as mudanças de cidades ocasionadas pelas transferências do seu pai, funcionário do Banco do Brasil:

Af.:Meu pai era funcionário do Banco do Brasil a gente passou muito tempo viajando. Ah!, com seis anos de idade meu pai foi transferido para Cidade-AR do Estado-XM, depois nós moramos lá quatro anos e meio, depois o meu pai foi transferido para Cidade-SM, nós moramos lá por seis anos e meio e depois o meu pai foi transferido pra Cidade-XM, onde a gente passou a residir de forma definitiva e aí quando nós chegamos a Cidade-XM o meu pai disse que não queria sair mais de lá(L.16-22).

A primeira transferência se deu da Cidade-GV para a Cidade-AR, localizada em outro estado. A permanência por quatro anos e meio deu a Carolina a possibilidade de morar ali dos seis aos dez anos, idade em que o brincar com os amigos é algo muito importante e novamente houve outra transferência de cidade e de estado, pois a Cidade-XM os trouxe de volta ao primeiro estado em que tinham residido.

Ali, ela viveu dos dez aos dezesseis anos e foi novamente transferida, pois não existem colocações que expressam a decisão da família nas mudanças e sim o fato de o pai ser transferido pelo Banco e da família acompanhá-lo. As peculiaridades da idade da adolescência com todas as suas dificuldades e inseguranças também ficaram em uma dessas mudanças.

Af.:E aí ele resolveu então se estabilizar ele ainda se transferiu pra uma agência na Cidade-GL e minha mãe nesse período todo sempre acompanhando ele como professora e::e depois ele voltou pra Cidade-XM(L.25-27).

Nesse período todo, a mãe de Carolina, na sua profissão de professora, acompanhou o marido nas suas diversas transferências. Carolina salienta que a mãe, embora tivesse que acompanhar o marido pelas necessidades do seu trabalho, nunca deixou de exercer a sua profissão, a de ser professora. Trabalho necessário em qualquer cidade que o marido pudesse vir a trabalhar, ela sempre teria o seu lugar e nunca deixou de ocupá-lo.

Af.:Daí ele se aposentou, já faz uns doze anos que ele está aposentado meu pai tem hoje (1) 68 anos e a minha mãe tem 63 anos, bom eu tenho então 43 anos ãh a minha trajetória digamos assim enquanto criança e adolescente, na minha infância o que eu tenho de lembrança da minha infância são poucas coisas-, eu acho que uma coisa importante assim de dizer que eu sempre disse pro meu pai, pelo fato de mudar muito de lugar a gente não-não-não, a gente não estabelece raízes, vínculos, então assim eu não consigo nunca localizar os meus colegas de infância né de escola de infância meus amigos né, alguns, porque a gente permanece veraneando na mesma praia né, então em Praia-AR, o meu pai comprou casa ali no Balneário-AS em Cidade-MC então algumas pessoas que eu ainda consigo encontrar da época que eu morei lá(L.29-39).

A dificuldade em estabelecer raízes e construir amizades na infância e juventude criaram uma lacuna na vida de Carolina, deixando marcas que são difíceis de superar. Na afirmação "eu sempre disse pro meu pai", Carolina o responsabiliza pela perda de raízes e vínculo, pela ausência da memória e de recordações de pessoas que foram

importantes nas diversas fases de sua vida. Deixa claro que essa falta de referências influencia ainda hoje no seu eu, no seu modo de ser ou na sua maneira de encarar a vida.

Reforça que consegue reencontrar algumas pessoas que fizeram parte da sua infância, isso porque quando seu pai esteve trabalhando na Cidade-MC, ele acabou comprando uma casa numa praia que era perto dessa cidade e, a partir de então, retornavam a esse lugar para passar as férias de verão e com isso ela consegue rever alguns desses colegas e manter alguns poucos contatos. O período em que Carolina morou nesse lugar foi dos seis aos dez anos de idade. A forma como citou essas pessoas não expressa sentimento de amizade, mas sim um relato de que as encontra de vez em quando durante os dias de veraneio. A falta dessas referências de amizades infantis é presente em diversos momentos de sua fala. O desapego pelas pessoas, pelas lembranças a torna mais fria ao comentar sobre as passagens de sua vida:

Af: Assim a gente não, eu não consigo ter essa referência eu lembro de alguns nomes esporadicamente e tal a minha maior referência realmente é Cidade-XM que quando eu cheguei lá eu tinha dezessete anos eu já tinha terminado o ensino médio(L.41-44).

As colocações vagas de lembranças até os dezesseis anos fazem Carolina pensar mais na sua vida a partir da chegada na Cidade-XM, pois ali passou a residir definitivamente, criou suas raízes e formou seu grupo de colegas e amigos.

As marcas das experiências vividas pelas pessoas são, por vezes, de difícil superação. Para Carolina essa falta de referência, de raízes, de amigos trouxe consequências, conforme relata em um outro momento da entrevista:

Af.: Eu não posso dizer que a minha adolescência foi uma adolescência feliz não foi eu sofri muito eu fui fazer terapia eu fiz três anos de terapia com um psiquiatra me tratei eu fui uma adolescente muito infeliz eu vou te dizer que eu comecei a viver realmente ser feliz a partir dos vinte e quatro, vinte e cinco anos aí eu comecei a despertar pra vida então assim e hoje eu olho e digo assim ah! podia ter sido melhor podia mas se não tivesse sido daquela forma talvez eu não tivesse me construído ao longo desse tempo dessa forma que eu sou hoje e hoje eu sou uma pessoa de bem com a vida, eu gosto das coisas que eu faço, eu adoro lecionar, eu gosto do lugar onde eu tô(L.573-581).

Ao contar sobre sua adolescência, diz ter sido muito infeliz. Ao admitir a falta de momentos de que possa lembrar com saudades ou recordar de forma satisfatória, está colocando suas frustrações em cima das situações vividas juntamente com sua família pelas diversas cidades pelas quais passou e que considera como experiências negativas.

Embora tenha sido difícil superar esses problemas, ela não se deixou abater em consequência deles. Procurou ajuda, fez terapia e despertou para a vida aos vinte e

quatro, vinte e cinco anos e, se naquele momento, tudo parecia sem significado ou negativo, hoje afirma ser "uma pessoa de bem com a vida".

A convivência com a mãe e os avós lhe trouxe o gosto pelo lecionar, pela sala de aula e pelo desafio do dia-a-dia. As influências do pai, com suas cobranças e da mãe, com sua liderança e dinamismo, são vistas como determinantes em sua história profissional. Embora as exigências do pai lhe incomodassem, foram sempre o desafio para ir além, como segue seu relato.

Af.: Talvez um pouco disso do que eu sou hoje é fruto um pouco não tudo é fruto né da educação que eu tive na minha casa... eu sou a filha mais velha né e tudo era eu- eu tinha que dar o exemplo nada tava bom ah tu fez isso não fez nada mais que a minha obrigação e isso foi se por um lado isso me deu muito problema na minha adolescência porque como eu disse eu me sentia muito mal a minha adolescência foi um período muito difícil por outro lado isso sempre me motivou hã ele não está satisfeito bom então eu vou fazer mais pra provar que eu sou aquilo que- capaz de fazer tal coisa, coisa e a minha mãe por outro lado é o oposto né então assim a minha mãe sempre foi muito mãe assim muito-muito coruja né, ah minha filha @querida papapapá@ aquela coisa toda e uma pessoa muito pra cima com um astral muito pra cima e meu pai sempre muito pessimista são os opostos assim, mas a minha mãe também exerceu uma liderança muito grande na área educação então eu acho que essas duas coisas de certa de forma acabaram influenciando muito na minha vida profissional (L.618-635).

A necessidade de sempre se superar era uma situação que incomodava Carolina. Nada do que ela fazia ou desempenhava satisfazia seu pai, e isso se tornou um desafio constante, pois cada vez que ele dizia que não estava bom, ela tentava fazer melhor, e esse desempenho auxiliava a sua própria motivação e servia de exemplo para seus irmãos mais novos, embora tal configuração, de ter que ser exemplo, aborrecesse Carolina.

Em contrapartida, uma grande influência em sua personalidade e vida profissional veio de sua mãe que, com liderança, otimismo e alto astral, ajudava na superação das possíveis falhas encontradas por seu pai no desempenho de seus afazeres, deveres de escola e modo de ser.

Carolina fala com orgulho da liderança que sua mãe desempenhou na área da educação e de como ela superava o pessimismo de seu pai. Ela não vê como barreira essas diferenças ou os opostos, mas atribui exatamente a esta diversidade a complementação necessária que os dois exerceram em sua vida profissional.

A trajetória de Carolina é bem intensa e, ela procura selecionar as partes que entende sejam de interesse da pesquisadora. Os fatos lhe veem à mente com facilidade, mas ela se controla tentando focar no percurso de sua vida até a direção da instituição, deixando que a entrevistadora conduza as perguntas para continuar a narração:

Af.: Acho que eu esqueci um monte coisa mas enfim é isso aí e então a minha trajetória digamos assim até a direção da escola é isso tem um monte de outras coisas aí que eu não sei o que seria interessante talvez agora tu possa me perguntar pra não ficar aqui que nem um monólogo@ (1)@

Y: A idéia é um monólogo mesmo, mas em todo caso, assim quanto tu estudaste foi em escola pública ou privada?

Af.: Pública, a minha vida inteira, a minha vida inteira, eu tive um ano que foi numa escola particular na quinta série só o resto foi sempre em escola pública e não me arrependo eu acho que o ensino que eu tive na escola pública foi de primeiríssima qualidade...mas a minha concepção é de que muito do ensino quem faz é o aluno, é a decisão, é a motivação que ele tem pra estudar...(L.401-412)...nem só o professor, nem só os alunos(L.428).

A maior parte dos estudos de Carolina foi realizada em escolas públicas. Ela descreve com convicção a qualidade que sempre encontrou nessas escolas, atribuindo o aprendizado na relação de motivação que deve existir entre o aluno e o professor. Uma vez que se estabelece esta interação entre os partícipes do processo, ele vai acontecer de maneira satisfatória. Ter estudado em escolas públicas não atrapalhou o desenvolvimento estudantil de Carolina e, portanto, não se diz arrependida de ter estudado nelas em quase toda sua formação.

A partir de agora, será visto como foi a vida de Carolina na Universidade ou nas Universidades pelas quais passou e pelos cursos que resolveu cursar.

As universidades, os muitos cursos e decisões

Carolina terminou cedo o seu ensino médio, uma vez que ingressou na escola com cinco anos de idade e nunca reprovou. Com isso o seu ingresso na universidade também aconteceu de forma antecipada. Com apenas dezesseis anos, ela já estava em um curso superior, conforme relato a seguir.

Af.:Eu sempre fui estudiosa, sempre fui curiosa, sempre fui de gostar de estudar eu nunca reprovei e nesse meio tempo entrou a reforma de 71 que tirou fora um ano então quando eu terminei o ensino médio, eu terminei o ensino médio com dezesseis anos feitos em setembro

Y: Puxa vida!

Af.: Aí eu entrei na faculdade em Cidade-SM, né fiz um semestre lá tinha dezesseis anos recém feitos e meu pai foi transferido (1)e aí eu tive que parar a faculdade lá e vir junto porque ele disse não, em hipótese alguma porque naquela época não era comum, hoje é comum filho estudar fora e tal mas naquela época não era comum não filha minha não fica sozinha, não sei o que vai junto, lá me vim eu- eu deixei namorado, deixei tudo pra trás vim chorando a viagem inteira minha mãe diz que eu vim aporrinhando a paciência dela a viagem inteira(L.64-75).

Carolina se institui como uma pessoa curiosa e estudiosa, tanto que, mesmo tendo ingressado na primeira serie antes que a maioria das crianças, ela nunca reprovou, vindo a entrar também cedo na faculdade. Ainda em Cidade-SM ingressou em seu primeiro curso superior, que durou somente seis meses, pois com mais uma das

transferências de seu pai, ela teve que abandonar o curso e acompanhá-lo até a nova cidade onde residiriam a partir de então.

Carolina poderia ter continuado seus estudos na Cidade-SM, mas seu pai não cogitou esta hipótese. A decisão do pai é vista por Carolina como algo comum naquele tempo, ou seja, os filhos moravam com os pais e não havia a possibilidade de morarem sozinhos ou fora da casa paterna. Teve que deixar os estudos e ir junto com a família para onde fosse e verificar uma outra possibilidade de continuar estudando na nova cidade.

Mais uma frustração para a vida de Carolina e não foi somente a interrupção do seu curso, mas também o abandono do seu namorado e de sua vida social que, naquele momento, começava a acontecer. O pranto foi o consolo escolhido, talvez como única opção, por Carolina nesta viagem, em que a mudança significou mais do que simplesmente passar a residir em outra cidade, mas abandonar os sonhos de uma jovem que ingressa em uma universidade, que tem um afeto por alguém e que deve deixar tudo para trás, em função do “sempre” trabalho de seu pai.

Af.: Fiz um semestre de cursinho, prestei vestibular em Cidade-PA, na Universidade Federal do Estado-YH e passei pra Letras que era o que eu queria já-já tava bem definida eu tinha falava inglês já e tal era o que eu queria realmente vim pra Cidade-PA fiquei dois anos e meio na Universidade Federal do Estado-YH mas aí, ah minha, dezessete anos, Cidade-PA, eu longe do pai e da mãe, que-que eu queria com estudar, não queria nada com estudar(L.77-82).

Quando Carolina chegou à Cidade-XM, não encontrou uma universidade para cursar e, então, passou a se preparar para prestar o vestibular na cidade vizinha, capital do Estado-YH. Ficou seis meses fazendo um cursinho e foi prestar vestibular, no qual foi aprovada para o que queria, a formação em Letras.

Como a Cidade-PA ficava distante uma hora e meia da cidade onde residiam, seus pais decidiram que ela moraria em Cidade-PA e, desta vez, aceitaram que ela ficasse distante deles para cursar a universidade e foi, neste primeiro grito de liberdade, que a desmotivação pelos estudos e pelo curso que havia escolhido aconteceu, e outras ofertas mais interessantes foram surgindo.

Af.: Fiz dois semestres e meio e aí eu tava, eu tinha um namorado, dois semestres não dois anos e meio aqui em Cidade-PA mas não era muito bem isso que eu queria eu tava fazendo Letras Tradutor Intérprete, né Letras Bacharelado e eu fui pra Cidade-XM voltei fui passar minhas férias e surgiu a oportunidade lá de ah! de trabalhar...tinha uma vaga pra tradutora na Empresa-TR e aí eu disse eu falei com meu pai minha mãe ãh eu disse eu acho que eu vou aceitar eu quero trabalhar, não porque tu vai largar tua faculdade em Cidade-PA porque foi um escarcéu uma brigaçada na minha casa foi uma brigaçada eu disse, mas gente eu não quero fazer tradutora eu quero licenciatura eu quero ser professora bom daí a casa veio a baixo

né, porque a minha mãe era professora, professora do estado, meu pai não queria nem ouvir falar que eu fizesse licenciatura imagina outra professora na família não vai morrer de fome porque é uma inteligência desperdiçada, porque enfim muita briga realmente, mas eu-eu comprei a briga, eu disse não eu vou fazer o que tinha que fazer meu pai disse tu não vai voltar mais estudar, não eu vou voltar a estudar pode deixar comecei a trabalhar com 20 anos então eu comecei a trabalhar na Empresa-TR como tradutora fiquei lá quase um ano aí não tinha ônibus imagina isso há 23 anos atrás né, não tinha ônibus eu ia com o carro da minha mãe eu ia de manhã porque a gente começava a trabalhar às 07h10min da manhã (L.88-107).

Carolina não se encontrou no curso de Letras. O namorado, a independência, o fato de estar sozinha em uma cidade grande fizeram com que ela perdesse a vontade e aquela disciplina que sempre tinha tido em relação às coisas e as atitudes frente a seu pai. A vontade própria começou a falar mais alto e começaram também suas próprias escolhas. Assim decidiu trabalhar em vez de continuar o curso.

Um dos medos de seus pais era de que ela não voltasse mais a fazer curso algum, mas Carolina foi categórica ao salientar o descontentamento com o curso que fazia e reforçar aquilo que gostaria de fazer.

A partir desse momento, ela tranca sua matrícula, volta para a Cidade-XM e começa a trabalhar, até porque o curso de Letras não era exatamente o curso que lhe daria o grau para ser professora naquela época, como era a sua vontade. Então, primeiramente começa a trabalhar como tradutora - intérprete em uma empresa em que o acesso por veículos de transporte coletivo é complicado, tanto que para ir e vir do trabalho Carolina se utiliza do carro de sua mãe.

A decisão de ser professora não foi bem aceita por seu pai, pois ele tinha a experiência com sua esposa que foi professora da rede estadual, aliado à idéia de que se trata de uma profissão "na qual se passa fome". O pai considerava que ser professora representa "uma inteligência desperdiçada", em se tratando da filha de um gerente do Banco do Brasil. No entanto, Carolina se manteve firme nos seus propósitos e "comprou esta briga". Assim Carolina foi buscando sua formação pessoal e profissional conciliando trabalhos e estudo, visto que também voltou a estudar.

Af.:Surgiu uma outra oportunidade e eu fui trabalhar então na Empresa-FZ também na área de exportação por causa do inglês porque eu tinha facilidade no inglês e tal, nesse meio tempo eu voltei a estudar fazer licenciatura na antiga Fundação Educacional-RV(L.113-116).

A partir do seu primeiro emprego, Carolina começou a sempre procurar algum trabalho que lhe satisfizesse ou que fosse mais acessível para o seu desempenho e, com isso, trocou o trabalho da Empresa-TR para a Empresa-FZ.

Nesse momento, ela volta a estudar e agora sim para ser professora, visto que os

seus dois primeiros empregos foram em uma área que não tinha nenhuma relação com essa profissão que ela tinha adiado um pouco em ir atrás e quis experimentar a vida no trabalho. A obediência irrestrita a seu pai tinha sofrido uma pequena modificação desde o momento em que ela se sentira independente, morando sozinha em Cidade-PA. Agora Carolina buscava ela mesma realizar as suas vontades e objetivos, mesmo que eles fossem cansativos e pesados.

Af.:E aí eu voltei pra fazer licenciatura e aí aconteceu uma coisa muito interessante porque se em Cidade-PA eu não era ninguém no meio dessa parafernália porque aqui em Cidade-PA a gente é só mais um número, lá não, lá eu era a filha do meu pai, né, eu era a filha da minha mãe e eu tinha conhecidos e aí a coisa tomou uma outra proporção eu-eu comecei a trabalhar, eu comecei a ter uma outra responsabilidade, uma outra visão e eu comecei a querer aprender eu comecei a querer estudar e aí eu comecei a olhar e disse assim porque eu não aproveitei em Cidade-PA aquela coisa toda então eu trabalhava durante o dia né e estudava a noite pra poder me formar bom ãh fiquei um ano na Empresa-FZ trabalhando no departamento de exportação e aí troquei de emprego de novo não dava não aguentava, não dava o ritmo não sei o que não tinha jeito era um stress um estresse, um estresse fui trabalhar na Empresa-AU área de marketing daí trabalhei lá mais uma ano, daí quase enlouqueci, eu digo, não, isso não é pra mim, não quero saber de empresa e aí eu disse que saber do seguinte eu tô pra me formar e vou procurar vaga numa escola e eu fui procurar vaga numa escola fui procurar vaga nas escolas particulares porque não tinha concurso na época aberto nem pro estado nem pro município deixei meu currículo no Colégio-AP fiz entrevista e tal deixei meu currículo no Colégio-MD... e aí eu fui chamada no Colégio-AP pra trabalhar né e foi assim a minha escola de vida foi onde eu aprendi a ser professora (L.119-139).

Nessa parte do relato de sua vida, Carolina expõe todas as dificuldades de trabalhar e estudar simultaneamente, pois trabalhava todo o dia e estudava durante o período da noite, e isso começou a se tornar cansativo para ela a ponto de ela se dar conta de que poderia ter aproveitado melhor anteriormente, quando estava em Cidade-PA somente para isso.

O estudar nesta cidade menor e na qual seus pais eram conhecidos, somado ao amadurecimento pessoal, adquirido nas experiências profissionais, deu-lhe uma nova visão de vida e das coisas importantes e, com isso, ela voltou a ser a aluna dedicada e estudiosa de outrora.

Ainda passou por uma outra empresa e, então, resolveu assumir a sua função de professora, indo procurar trabalho nesta área, mesmo porque estava prestes a se formar e era isso mesmo que ela queria para sua vida: ser professora. Sendo assim começou a distribuir seus currículos pelos colégios particulares do município e ficou no aguardo da abertura de concurso para os colégios públicos.

O Colégio-AP foi a primeira escola em que lecionou e ressalta que foi nessa escola que realmente aprendeu a desempenhar a sua função. Ainda jovem e com pouca

experiência enfrentou salas de aulas com número elevado de alunos, mas o dia-a-dia e a responsabilidade lhe deram a força necessária para cumprir a tarefa.

Af.: Eu tinha 23 anos eu era uma pirralha, não sabia nem por onde começar, essa- eu tinha essa turma com 54 alunos, eu tinha duas turmas de primeira série, com 47 alunos cada uma, tudo pra trabalhar com inglês e literatura brasileira, (.) foi uma loucura, assim, tive que me virar em vinte mas enfim foi um aprendizado né (L.143-146).

Carolina passou a lecionar inglês e literatura brasileira e se achava muito jovem quando começou a dar aulas, pois tinha vinte e três anos e salienta que foi preciso um empenho bastante grande de sua pessoa para dar conta desta função. Além de ser jovem, as turmas eram bastante numerosas, chegando a ter cinquenta e quatro alunos em uma sala de aula, mas tudo isso se somou como positivo para o seu aprendizado como professora.

Af.:Então assim pra mim a sala de aula foi um aprendizado eu acho que eu-eu não só cresci como pessoa, mas como profissional também e os meus alunos me ensinaram tudo-tudo que eu sei hoje, eu sei em função dos meus alunos, eu tive que conviver com inúmeras situações(L.162-165).

Carolina atribui a situação vivida em sala de aula com seus alunos, a grande responsável pelo seu crescimento pessoal e profissional. Cada aluno traz consigo sua bagagem, um conjunto de experiências que deve ser respeitado, aproveitado e administrado pelo professor juntamente com todo o grupo que compõe a sala de aula. A maneira com que o professor se apropria desses momentos é que faz diferença tanto para os alunos como para o professor. Para Carolina foi muito positiva toda essa troca de experiências. O seu envolvimento com a turma foi tão intenso que ela resolveu prestar vestibular para Direito juntamente com os alunos do Colégio-AP, aliando, a essa decisão, o conflito constante de agradar o pai e a possibilidade de passar os finais de semana longe da família.

Af.:Eu nem me lembro o que é que fui fazer ah! me lembro tá o que aconteceu nesse meio tempo resolvi que eu ia fazer Direito.

Y: Nossa!

Af. Sim, resolvi, não, vou fazer Direito, vou fazer Direito, vim com os meus alunos do Colégio-AP em julho, me inscrevi no vestibular e vim com eles, fazer o vestibular e passei e disse ah! que saber do seguinte, vou @fazer direito@ aí fui olhar pô, mas como é que eu vou coordenar tudo isso né, porque trabalhar e estudar aqui Cidade-PA era muito complicado, eu não queria largar o meu trabalho lá, eu tava muito bem, eu sempre gostei do que eu fazia lá, aí o que-que eu fazia, Janete, eu peguei duas cadeiras, uma na segunda e uma na sexta, então eu fazia assim, eu trabalhava em Cidade-XM, segunda de noite, terça de manhã, terça de noite, quarta de manhã, quarta de noite, quinta de manhã, quinta de noite, sexta- quinta de noite, na madrugada de sexta, eu pegava o ônibus pra Cidade-PA por volta de 4, 5 horas da manhã, chegava aqui, largava minhas coisa em casa, que a gente tinha um

apartamento aqui, na época e ia pra UC e eu fazia na UC, ainda, né, ia pra UC, aí fazia as aulas de manhã, ficava sexta, sábado, domingo, segunda assistia aula, segunda de manhã, ao meio-dia eu pegava o ônibus, de tarde pegava o ônibus, subia pra Cidade-XM, trabalhava segunda de noite e assim eu fiz um semestre,

Y: Que vontade!

Af.: É exatamente porque eu queria e ainda paguei todas as disciplinas porque a gente tinha que pagar as disciplinas, mas eu só podia cursar duas, mas tem bloco obrigatório daí eu disse, não, quando cheguei ao outro semestre que eu fui fazer a minha matrícula de novo, aí os horários não fecharam mais, e aí eu disse, bom não dá, é o meu trabalho ou faculdade, então não tinha realmente como fazer, daí eu optei por ficar lá, por trabalhar lá, aí eu fui fazer então a Especialização, aí fiz uma Especialização na área de língua inglesa que tavam oferecendo lá que foi uma experiência muito legal também fiquei dois anos fazendo a Especialização(L.257-284).

Carolina, em meio a tantas recordações, se esquece um pouco da continuação da sua história, mas logo volta a lembrar. Recorda que se deixa contagiar pelos objetivos e motivações de seus alunos a ponto de se matricular num curso de Direito e cursar um semestre inteiro as disciplinas que lhe eram possíveis, ou seja, pagou todas as disciplinas do primeiro semestre do curso (a universidade era privada) e, pelo horário que disponibilizava, cursou somente duas que eram uma na sexta-feira e outra na segunda-feira. Com isso ela permanecia na capital onde tinha um apartamento e passava ali os finais de semana, longe do controle dos pais.

Para poder cursar tais disciplinas, ela sacrificou-se em horas de viagem e perdeu horas de descanso, visto que trabalhava numa cidade e o curso era em uma outra que, de ônibus, levava de duas a três horas para chegar. Conseguiu manter este ritmo por um semestre e, já no segundo, isso não foi possível, um pouco pelo cansaço e um pouco porque os horários começaram a não coincidir com suas disponibilidades e, como o trabalho estava em primeiro lugar, foi o curso de Direito que ficou de lado. Mas isso não fez com que Carolina parasse de estudar. Decidiu então fazer uma Especialização na sua área de atuação e se aprofundou um pouco mais sobre a língua inglesa.

A primeira fase profissional de Carolina aconteceu simultaneamente às várias mudanças de universidades. A primeira e a segunda foram universidades públicas, e a terceira e a quarta foram universidades privadas. A conclusão do curso superior ocorreu na terceira universidade. Esse contexto foi responsável por uma parte de sua realização pessoal e profissional, mas não foram somente essas experiências pelas quais passou.

Realisarei a seguir a análise da trajetória conduzida paralelamente à vida profissional como professora, enfatizando os diversos caminhos percorridos por Carolina e as convicções formadas a partir de então.

A vida profissional e a política

O envolvimento político se misturou um pouco com a vida profissional de Carolina. Teve como exemplo sua própria mãe, que foi militante desde o seu tempo como professora do estado, ainda na década de 70.

Af.: Quando eu tava no Colégio-AP eu tive a minha experiência digamos assim (2) as minhas primeiras experiências políticas realmente eu tenho toda uma trajetória política também que aconteceu paralelamente a isso... (L.174-177)... eu me lembro da primeira greve que a minha mãe fez como professora estadual eu morava em Cidade-SM ainda foi 78, 79 uma coisa assim e a minha mãe entrou no movimento ãh eu tô e a palavra greve pra nós ainda era finalzinho da ditadura né e aquela greve é foi aquela greve grande que teve... (L.179-183)... e ali eu comecei a olhar pra ela e dizer pô que mulher corajosa né final da ditadura e ela foi não cruzou braços e ela começou a trazer a discussão do CEPE-YH pra dentro de casa quando eu fui pra Cidade-XM eu ainda não tinha despertado pra essas coisas, mas na faculdade lá eu comecei a fazer parte do diretório acadêmico, fui vice-presidente do diretório, a gente fundou o diretório acadêmico da região dos VH, tá e aí quando eu fui pro Colégio-AP surgiu a possibilidade da gente criar a delegacia, a XVI delegacia do do Sindicato dos professores particulares do Estado-YH... e a gente conseguiu montar um grupo e fundar a delegacia essa delegacia eu fui a presidente da XVI regional lá da delegacia e eu fiquei 9 anos no sindicato.

Y: Nossa (L.184-198)

Participar da greve por reivindicações e mudanças numa época em que se estava ainda no tempo da ditadura foi para Carolina uma grande demonstração de coragem de sua mãe e fez com ela a admirasse ainda mais. As discussões sobre o movimento dos professores da rede estadual e suas lutas começaram a fazer parte dos momentos familiares, de forma que o seu lado político, de defesa de propostas, de lideranças estudantis, começou a ser despertado.

Carolina passou a fazer parte dos movimentos em cada nível que se encontrava. Primeiro nos diretórios acadêmicos, durante o tempo de faculdade, onde além de participar da criação do órgão, assumiu cargos dentro dele como, por exemplo, a vice-presidência.

Posteriormente participou da criação de uma delegacia do sindicato dos professores particulares, onde assumiu a presidência e trabalhou por nove anos. Nessas duas situações Carolina demonstra o espírito de liderança que exerce nos lugares onde está inserida. Outra característica que aparece é a de equipe, pois nos dois momentos participou da organização dos movimentos: seja estudantil ou trabalhista.

E isso foi só o começo de uma caminhada política que teve sua continuidade em instâncias superiores como veremos a seguir.

Af.: Aí surgiu uma outra coisa que era assim tu é presidente do sindicato, agora tu vai ser candidata a vereadora, né aí me puxaram pra ser candidata a vereadora quando a minha mãe foi candidata a prefeita, porque a minha mãe foi a primeira candidata a

prefeita de Cidade-XM em “1992” quer dizer há 15 anos atrás, pelo PT.

Y: Olha só que jóia!

Af.: Imagina é uma coisa assim muito-muito doida ela é ela é super corajosa porque eu não teria coragem, imagina uma mulher no meio sabe no meio daquela homarada toda digamos assim né abrindo um caminho, abrindo um espaço e justamente pelo partido dos trabalhadores que na época não era nada, não era governo(L.199-209).

A vida política de Carolina teve continuidade quando lhe foi sugerido candidatar-se a vereadora da cidade. A sua candidatura se deu pelo Partido dos Trabalhadores, em uma cidade onde este partido tinha pouca expressão. Mas teve o exemplo e o apoio de sua mãe que mais demonstrou coragem, quando no âmbito de um universo masculino, foi a primeira candidata mulher à prefeitura da Cidade-XM. Esse fato marcou a vida de Carolina que julga não ter a coragem de sua mãe, mas que acompanha e desenvolve, embora um passo atrás, as mesmas lutas que ela vinha travando.

Juntas abriram um caminho até então muito restrito ao universo feminino, no âmbito do Partido dos Trabalhadores que começava a se estruturar. As experiências nas candidaturas a vereadora da cidade foram interessantes e inusitadas como se vê na continuação.

Af.: Com isso eu entrei na política também, eu me filiei né e aí através da minha filiação e através de acompanhar a, meio que assim a-a questão da minha mãe, eu comecei a também trabalhar neste flanco então eu era eu fui candidata a vereadora três vezes pelo Partido dos Trabalhadores, sendo que uma numa delas eu concorri com a minha mãe,

Y: @(1)@

Af.: É foi bem interessante saiu até uma reportagem no Jornal-HZ bem grande mãe e filha disputam o mesmo cargo pelo mesmo partido porque eu e a minha mãe éramos filiadas ao PT as duas candidatas a vereadora né então foi bem interessante(L.213-221).

Em uma das eleições de que participou, aconteceu o fato de mãe e filha concorrerem para a mesma função de vereadora da cidade, instigando a curiosidade inclusive do jornal da capital do estado que colocou o caso como manchete. Carolina se mostra satisfeita com isso, dizendo ter sido uma experiência bem interessante. Para essa função ela concorreu três vezes, mas não mencionou se chegou a se eleger alguma vez, nem sua mãe. O importante era estar participando da construção do projeto do partido, da discussão das propostas e de estar fazendo isso junto com sua mãe.

A seguir vê-se o seu ingresso como professora na rede federal e as suas experiências nas diversas funções que ali desempenhou e desempenha.

O ingresso na rede federal e a chegada à Diretora Geral do CEFET.

Carolina, com todo o seu dinamismo e na busca por novas oportunidades que

trouxessem satisfação profissional, continuou a caminhada ingressando no Centro Federal de Educação Tecnológica da cidade onde residia.

Af.:Aí em 97 eu entrei no CEFET foi o meu primeiro concurso quer dizer o meu o segundo concurso público, eu fiz um concurso público para o município, eu fui professora municipal de Cidade-XM mas, não agüentei o tirão, é muito difícil porque a ingerência política é muito forte.

Y: Ah! é (L.226-229).

Carolina havia prestado um concurso público para professora do município, mas com o tempo e devido às circunstâncias políticas, não aguentou a pressão. Em 1997 ingressa no CEFET, através de novo concurso público.

Af.: É muito mais forte do que a gente sente na rede federal porque lá tem a ingerência do Prefeito pra tu teres uma idéia assim eu fui nomeada pra uma pra uma escola de periferia, assim pra trabalhar de noite porque eu trabalhava durante o dia no Colégio-AP, então era pra trabalhar de noite nesta escola pra vinte horas e aí lá pela metade do ano aconteceu de, lá pela metade do ano os alunos se enfrontarem num projeto de meio ambiente, a com relação à água eles queriam melhorar a questão da água que era um problema bem sério em Cidade-XM na época...(L.231-237).

Af.:...eu ajudei e aí eles ajudamos a estruturar o projeto tinham várias pessoas trabalhando nesse projeto e tal só que claro o que que aconteceu eu era filiada ao partido dos trabalhadores já tinha sido candidata a vereadora e alguém tinha que por o nome no projeto como coordenadora ninguém queria pôr porque sabia que isso ia repercutir na prefeitura eu disse não põe o meu aí, tudo bem, não tem problema nenhum, põe o meu nome como coordenadora do projeto, resultado no outro ano, o anexo teve que fechar porque, enfim, por questões da prefeitura lá e eu pedi o meu realocamento pra mesma escola que um colega ia que era o Colégio-AV que era a escola ao qual nós estávamos vinculados, ele foi pra lá e eu fui parar lá no Bairro-VN, numas bibocas lá longe...(L.242-252)...e aí não agüentei e aí eu peguei uma diretora muito dura muito do tradicional muito da conservadora muito de tudo(L.255-256).

Carolina continuou sempre trabalhando como professora num colégio particular (Colégio-AP) e, paralelamente, começou a trabalhar como professora do município no turno da noite. Seu envolvimento político a tornou conhecida na cidade. Ela não era uma professora anônima que desenvolvia o seu trabalho, e o partido ao qual estava filiada não detinha o poder no município à época. Isso dificultou sua vida levando-a a desistir do cargo que ocupava no município. Carolina era muito ativa, assim como outros professores que atuavam com ela nesta escola da periferia da Cidade-XM, mas nem todos têm ou tiveram a sua coragem.

Os alunos da escola estimulados pelos ensinamentos e projetos de pesquisa na área de meio ambiente resolveram levar adiante um projeto de melhoria da água da Cidade-XM e, para tanto, era necessário encontrar um professor que o coordenasse. Muitos professores faziam parte do projeto, mas um deveria constar como coordenador. O receio a represálias futuras fez com que os demais professores hesitassem em colocar

o seu nome à disposição, mas Carolina não. Ela se tornou assim a coordenadora do projeto.

Quando houve a necessidade de realocação de professores daquela escola, a represália acabou acontecendo, e Carolina foi designada para uma escola totalmente diferente daquela almejada. Os demais colegas foram para a escola preferida e ela foi lecionar num lugar bem mais difícil e distante. Além do local, a diretora da escola também era de difícil convivência, o que ocasionou a decisão de nova troca de rumo em sua vida. Saindo do município, Carolina passou para a rede federal, como relata a seguir:

Af.:É o que eu digo, a gente entra cheia de vontade ainda mais quem vem da iniciativa privada porque vem assim, ãh, na iniciativa privada pode tudo, cheguei lá já ãh Professor-JJ que era o coordenador pode isso? vamos fazer isso vamos fazer aquilo outro. A minha primeira idéia foi fazer uma campanha de arrecadação de doação de livros pra biblioteca porque a nossa biblioteca era e é muito ruim e disse não, vamos fazer uma campanha de doação, vamos passar nas Empresas já que a gente tem essa tradição, né de tá formando esse pessoal e tal ele olhou pra mim e disse assim ah! Carolina, mas é tão feio, mas eu acho que não pega bem uma escola pública pedir doação de livros, foi o meu primeiro não, aí foram dez anos convivendo com isso quer dizer dez anos convivendo com essa burocracia. Bom, enfim, ãh 97, 98, 99, eu entrei como professora de terceiro grau no curso de tecnologia participei aí das mudanças que houve no curso e em 2001, final de 2001 o prof. FL era Diretor da escola e me convidou para assumir a coordenação do curso e aí eu assumi em final de 2001, deve ser ter sido dezembro de 2001, mais ou menos e aí eu passei todo 2002, passei pelo processo de revalidação do reconhecimento do curso(L.287-302).

Carolina continua com seu dinamismo e iniciativas e, logo ao ingressar no CEFET, começa a ter idéias para melhorar o que lá encontra. Começa pela biblioteca, onde verifica a necessidade de livros, e como sabe que para comprá-los precisaria de muitos recursos, sugere uma campanha de arrecadação de obras junto às empresas que empregam os alunos oriundos da escola, pois estas também ganhariam com uma biblioteca provida de bibliografia adequada.

No entanto, sua idéia não foi bem aceita, e o coordenador do curso superior de Tecnologia ao qual estava ligada, argumentava que uma escola pública não deveria receber doações de instituições privadas.

Carolina começou a conviver com a burocracia do serviço público federal e durante dez anos teve que se adequar a essas restrições.

Em 2001, o Diretor do CEFET a convidou para assumir a coordenação do curso superior de Tecnologia. O desafio de coordenar o curso vinha junto com todo o trabalho de preparação da escola para o processo de revalidação que ocorreu no ano seguinte. Esta experiência despertou em Carolina o gosto pelas atividades administrativas existentes na escola, fora da atividade docente.

Af.: Foi em agosto de 2002 e aí assim foi uma experiência muito importante pra mim que me despertou pra uma coisa que eu não sabia que eu tinha que era o gosto pelo lado administrativo eu achava que eu era uma professora assim uma simples professora sala de aula e deu e aí eu tomei gosto pela coisa sabe eu disse pô legal essa experiência e eu digo mas eu queria me especializar eu queria ter um conhecimento um pouco melhor da questão administrativa e comecei a procurar em 2002 uma especialização que eu pudesse fazer a distância porque na época tava começando a surgir o negócio do ensino a distância e não encontrava levei dois anos pra encontrar e aí a UC do Estado-YH abriu um MBA uma especialização em gestão educacional à distância

Y: Ah, legal!

Af.: Isso e aí em 2003 eu aí disse não, vou fazer então, me inscrevi e fiz o curso em 2003 e aí 2003 foi o ano o ano da intervenção na escola, né e nesse período todo eu continuava trabalhando na escola particular tá (L.313-326).

O processo de reconhecimento do curso exige um envolvimento da parte administrativa, pois engloba ensino e suporte a ele e, assim, Carolina se sentiu motivada para desenvolver mais essas atividades. Decidiu preparar-se melhor para desempenhar tais funções, buscando um curso de Especialização a distância em Gestão Educacional.

Carolina começou a se ver em funções de coordenação ou outras que envolvem a parte administrativa, que fazem a escola andar e o ensino acontecer. Mas o CEFET enfrentava problemas administrativos e, com a exoneração do Diretor da escola, houve uma intervenção externa como será relatado a seguir:

Af.: Aí então em 2002 eu fiquei na coordenação do curso, como eu tava falando e 2003 então foi o ano que começou os problemas na escola, né, o foram quando o professor FL foi exonerado... (L.339-341).

Af.: Eu estive numa reunião onde estava um grupo de pessoas mais esse vereador discutindo uma possibilidade de intervenção na escola veja o Lula tinha acabado de ganhar a eleição ganhou em outubro de 2002 em seis de janeiro ele tinha tomado posse fazia seis dias eles já estavam se articulando pra tirar já que estavam se achando os todos poderosos né pra articular pra exoneração do FL professor FL e a entrada de então de um Diretor pro-tempore e nessa reunião me foi oferecida à possibilidade de ser a interventora de tomar posse como Diretora da escola na época não Carolina se tu achar que- nós vamos defender o teu nome junto ao partido junto ao governo e tal eu digo não mas eu não que eu não quero nessa forma eu não quero eu não posso- mas tu vê- não tem justificativa, eu não posso defender uma coisa

Y: e fazer outra (L.348-359).

A exoneração do Diretor da escola ativou novamente o lado político partidário de Carolina, pois as forças políticas da cidade resolveram intervir no processo, e Carolina, como era filiada a um partido e agora servidora concursada da Instituição, tinha um papel a cumprir. Os companheiros achavam que deveriam interferir na intervenção da escola, primeiro buscando a exoneração do Diretor já que estava havendo problemas na sua administração e, segundo, colocando alguém do próprio partido como Diretor pro-tempore, visto que agora o Partido dos Trabalhadores estava no poder na esfera federal com a vitória do presidente Lula.

Essa possibilidade foi sugerida pelos colegas de Carolina, mas ela não aceitou, até porque tinha lutado pelas eleições diretas, pelo exercício da democracia em todos os âmbitos possíveis e, assim, se negou a aceitar tal proposição e lutou juntamente com o grupo de pessoas que a apoiava para que isso não viesse a acontecer. Carolina salientou que não queria o cargo “dessa forma”, portanto, seguiu o seu caminho naturalmente dentro das possibilidades naturais que o bom desempenho de uma função pode fazer alcançar.

Af.: Como é que eu vou chegar e dizer que a minha concepção é de que todo o processo de intervenção, tudo que eu aprendi na minha vida com a minha mãe de que todo o processo autoritário ele não é bom, né, às vezes tu tem que ser um pouco mais firme em algumas coisas sim mas, eu acho que dessa forma não se constrói nada...durante seis meses, nós conseguimos barrar eu e mais um grupo de colegas nós conseguimos politicamente barrar a entrada do cara na escola, ficamos lá seis meses com o vice, não, era Vice-Diretor, na época era diretor de desenvolvimento educacional, eu acho que era DDE, né, e que era o Professor-PE ficou assumiu a direção da escola e aí isto ficou seis meses, ficou nesta função e daí, em julho, ele conseguiu se articular em Brasília com deputados, senadores e tal e ministro e entrou na escola em agosto e ele entrou por uma porta e eu saí pela outra que eu disse que eu não ia trabalhar com ele, então eu abri mão eu digo eu não vou trabalhar, não quero mais a coordenação do curso(L.360-377).

Carolina argumenta que a educação e o exemplo que teve de sua mãe fizeram com que se opusesse a modelos autoritários de gestão. Nesse sentido, juntamente com os colegas, tentou impedir a entrada de um interventor na escola e, por um período de seis meses, o cargo foi assumido por uma pessoa de dentro da escola, que era o substituto natural do Diretor Geral.

Mas o campo político é composto por manobras e pessoas que fazem uso das relações de poder a fim de alcançar seus objetivos, e foi assim que um vereador da sua cidade, que tinha sugerido a intervenção na escola, se comportou. Foi atrás de deputados, senadores e outros que podiam ter alguma influência e conseguiu tomar posse da direção geral da escola depois dos primeiros seis meses da exoneração do antigo diretor.

Carolina, que ainda era coordenadora do curso superior de Tecnologia, entregou seu cargo imediatamente após o interventor ter assumido, pois não se sentia à vontade para colaborar em uma situação com a qual ela não concordava. Dessa forma, iniciaram-se as campanhas pelas eleições para o novo Diretor Geral que deveriam ter ocorrido imediatamente, ou seja, durante o mês de agosto de 2003, mas por influência do interventor só foram acontecer no final de novembro.

Af.: E aí nesse meio tempo nós tivemos o processo eleitoral que ocorreu em novembro, final de novembro e nós montamos uma chapa pra concorrer então na

época já era pra gente ter assumido algum posto de gestão, mas em função de toda a disputa interna dentro da escola e da posição que eu e que o meu grupo tomou que era contrária a intervenção a coisa â:::ãh digamos assim, a coisa meio que se deu lá assim e foi pro brejo era 52 a 48% nós perdemos a eleição por quatro pontos percentuais e aí nesses quatro anos de lá pra cá eu continuei fazendo as minhas coisas, continuei trabalhando sempre dentro de comissão, dentro de coisa e tal e aí há dois anos atrás, paralelamente, né, a iniciativa privada e o setor público e aí há dois anos atrás eu tava muito cansada, porque eu realmente eu tava trabalhando em três Instituições, eu tava coordenando a pós-graduação numa escola que estava começando, eu tava dando aula pro ensino médio na Universidade-CS, tava ãh dando aula no curso superior lá da escola, era uma loucura a minha vida e daí eu optei por, digo, não, vou sai de tudo e ficar só na escola, só no curso superior e aí assumi algumas-algumas turmas de ensino médio e enfim nesses dois anos assim foi comissão permanente de avaliação foi- eu agora no último, terminamos o reconhecimento do cursdo, eu assumi a coordenação de pós-graduação no CEFET, ãh na gestão do Prof-FT e aí começou, esse ano o grupo começou, tu tem que sair candidata, tu tem que sair candidata e tal e aí tô eu como diretora da Escola(L.381-400).

Carolina e seu grupo montaram uma chapa para concorrer à direção geral, mas em virtude das posições assumidas no período da intervenção, a outra chapa acabou vencendo. A diferença percentual foi pequena: 52% x 48%. As atividades da escola são retomadas e Carolina passa a trabalhar em comissões de avaliação e na coordenação do curso de pós-graduação. Paralelamente ao CEFET, continuava a trabalhar em outras escolas particulares no ensino médio e na pós-graduação.

Seu trabalho no sentido de contribuir para o desenvolvimento do CEFET e a possibilidade de vir a ser Diretora Geral fez com que Carolina se candidatasse novamente, vencendo dessa vez as eleições e desempenhando a função de diretora.

Os desafios como mulher em uma função até então desempenhada por homens e o fato de não possuir uma formação na área técnica, visto que era licenciada em Letras acompanham Carolina no seu dia-a-dia como se vê a partir de então:

Y: Legal! Tu sente assim que existiu ou que existe neste cargo que tu assumiste porque a tua profissão na verdade como professora ela não é uma profissão masculina feminina Letras até seria mais normal ser menina, mas nessa função hoje de diretora dos CEFETs são poucas mulheres que são assim, tu sentes dentro da escola ou entre os colegas diretores algum tipo de discriminação por ser mulher ou até em assumir um cargo assim, alguma coisa?

Af.: Por incrível que possa parecer eu achei que eu ia sentir mais, eu achei e eu acho que é um mundo muito masculino é eu acho que é um mundo muito masculino assim nas reuniões do CONCEFET quando vão só os diretores que não tem reunião de diretores de ensino e tal tem momentos que eu tô sozinha não tem mais por exemplo a Iracema que é a outra diretora, às vezes não vai a Daiane também não vai, então quando falta uma delas eu tô sozinha agora entrou uma outra colega que é de CEFET-PC que é a Marina, mas assim, é um mundo predominantemente masculino, mas eu achei que ia me sentir mais discriminada mas não me senti, não eu acho que eles me receberam de forma bastante simpática(L.531-545).

Após uma pergunta da entrevistadora em relação à discriminação por ser mulher,

Carolina responde que pensou que se sentiria mais discriminada, principalmente no que se refere às reuniões que acontecem no CONCEFET (Conselho dos Diretores dos CEFETs), e que reúne diretores de CEFETs de todos os estados. Salaria que foi recebida pelos outros diretores de forma bastante simpática, mas se sente sozinha nestes momentos quando as outras diretoras mulheres, que já são poucas, como ela mesma diz, não estão presentes. Diz gostar quando acontecem, simultaneamente, as reuniões de diretores de ensino, pois daí têm mais mulheres no grupo.

Mesmo afirmando não se sentir discriminada, reforça que este mundo de diretores gerais é muito masculino. Quando se sente sozinha, porque as outras diretoras mulheres não comparecem, sente-se num mundo à parte, uma mulher sozinha em meio aos trinta diretores do sexo masculino.

Af.:Logo no início eu achei que eles acharam que era mais uma “jovenzinha” assim, sabe, lá vem ela, não sabe nada e tal, eu acho que isso já reformulou, mas discriminação por ser mulher não, eu acho que a discriminação talvez ela exista por eu ser da área de comunicação de humanas não ser da área técnica isso sim a impressão que às vezes eu tenho é que as pessoas olham pra ti e quando dizem assim ãh ela não sabe muito da área técnica (L.546-551).

O tratamento que recebeu dos colegas diretores fez com ela se sentisse “uma jovenzinha”, embora tenha 43 anos. Esse preconceito entende já estar superado, mas, com relação à sua formação em Letras, acredita existir uma certa discriminação, não só entre os Diretores Gerais, mas entre as pessoas de um modo geral.

As pessoas acreditam que uma mulher da área de Letras não tem como entender ou lidar com as questões da educação profissional técnica e tecnológica. Mas Carolina se sente realizada com a quebra desses paradigmas que até então existiam no CEFET do qual hoje é a Geral.

Af.:Eu sempre digo que a gente quebrou- e eu falo, a gente, porque não sou só eu, eu acho que é um grupo, mas eu acho que a gente quebrou 2 paradigmas, o primeiro é de que um diretor tenha que ser obrigatoriamente da área técnica, né, que é a vida inteira, por exemplo, lá da escola 50 anos, todos os diretores vieram da área técnica e eu sou da área da formação geral...e a segunda, é a questão de ser mulher, porque todos os outros diretores foram homens, eu sou a primeira mulher diretora da escola, então eu acho que estes paradigmas foram muito importantes e eu acho que eles vão dar frutos muito importantes no futuro e eu acho que a gente vai conseguir fazer uma coisa, eu sou muito utópica, eu acho que isso quebra um ranço, digamos assim, um conservadorismo muito grande que a gente tinha na nossa escola, eu acho que isso é extremamente positivo(L.552-565).

Carolina sempre faz suas colocações no coletivo, atribuindo as conquistas e realizações ao grupo que embasou sua candidatura e que colabora mais diretamente com o desenvolvimento do trabalho, caracterizando um novo perfil de gestão após 50

anos de gerência masculina e por profissionais formados em cursos técnicos.

O percurso de Carolina do seu primeiro trabalho na Empresa-TR até a função de Diretora Geral do CEFET-XM tem uma longa caminhada. A experiência na atuação em empresas trouxe, dentre as outras atividades que desenvolveu na sua vida profissional, a experiência e a coragem necessárias para desempenhar a função de gestora de uma Instituição como o CEFET, tradicionalmente dirigida por homens e de formação técnica. Aconteceram decepções, obstáculos, percalços, dúvidas, tomadas de decisões, conquistas, vitórias, derrotas, superações e outras situações que colaboraram para a construção da sua vida e do seu modo de ser.

A seguir vê-se o que Carolina viveu em relação à vida emocional e afetiva.

O casamento e os desafios

Com o casamento, vieram outras funções e desafios que são relatados por Carolina em um tom de voz de quem está satisfeita consigo mesma, com suas escolhas, com suas decisões:

Af.:O mestrado que eu tinha esquecido, já do mestrado que eu tava fazendo, comecei em 98 tá, eu comecei o mestrado em 98 e terminei em 2001, né, casei em 98, vixe! é @tanta coisa na minha vida que eu vô te dizer,@ casei em 98 comecei o mestrado por interferência do meu marido, porque eu não ia fazer, mas ele disse não tem que fazer, tem que fazer, tem que fazer, digo não, vai fazer, vai fazer,então eu fui, então eu tinha em 2001, quando eu assumi a coordenação do curso, eu defendi a minha dissertação, eu tinha 47 horas em sala de aula, em sala de aula, mais a dissertação de mestrado pra fazer, foi um ano, assim, bem difícil, 2001 foi um ano muito cansativo, eu quase "pirei", realmente eu tive um princípio de depressão, foi um ano muito-muito-muito complicado, mas consegui em outubro de 2001 eu defendi a minha dissertação(L.328-338).

Carolina casou-se em 1998 e, por estímulo do marido, foi fazer o mestrado na área de Letras. A princípio ela não queria fazer, pois estava com uma carga de trabalho bastante grande, quarenta e sete horas em sala de aula, distribuídas nas três escolas que trabalhava e com a coordenação do curso de Tecnologia no CEFET. Mas o marido a incentivou de tal forma que acabou cedendo e, embora tenha passado por um enorme desgaste e por um princípio de depressão, conseguiu concluir mais este desafio em sua vida.

Ao narrar sua trajetória, vivida intensamente pelos relatos que se pôde ver, Carolina se dá conta da quantidade de situações vividas nesses anos todos: "vixe é @tanta coisa na minha vida que eu vô te dizer@". O acúmulo de atividades, obstáculos, desafios está presente desde o momento em que resolveu abandonar a vida de estudante em uma universidade pública, na qual era amparada financeiramente pelos

pais, para conciliar trabalho de tradutora e uma vida de estudante à noite.

Quando Carolina dá por concluída a sua fala, a entrevistadora faz uma colocação que a estimula a continuar a narrativa desta vez em relação a filhos.

Af.: É isso aí

Y: Tu disseste que casaste em 98 e filhos...

Af.: Não, eu casei com trinta e três anos portanto já e por opção eu tive um namorado dos dezoito aos vinte e quatro anos cinco anos um cara que só me aporrinhou a paciência um cara que eu não podia nem olhar pro lado ah, pra quem tu tá olhando pra que tu vai estudar sabe daqueles assim aí quando eu terminei com ele, eu tinha vinte e quatro anos não me lembro acho que foi em 89 é por aí no início da década de 90 aí eu fiz uma opção eu digo não-não agora vou viver a minha vida aí eu fiz muita festa dos vinte e quatro aos trinta e três eu festiei, meu pai chegava ao cúmulo de fechar a porta e me deixar @do lado de fora@

Y:@()@ (L.436-444).

Após a pergunta da entrevistadora, Carolina passa a relatar sobre sua vida pessoal. Relembra o relacionamento de cinco anos com uma pessoa bastante possessiva e ciumenta, que a incomodava muito, tanto que resume essa situação com a fala “um cara que só me aporrinhou a paciência”. Quando terminou o namoro com ele, fez a opção de não se prender a uma outra pessoa imediatamente e resolveu “viver a vida” por um período de nove anos.

A repressão e o controle já eram constantes, através de seu pai que a controlava e exigia dela sempre mais e mais e culminou com o namorado que estava tentando agir da mesma forma. A decisão de Carolina causou muitos desentendimentos com seu pai como ela cita “meu pai chegava ao cúmulo de fechar a porta e me deixar @do lado de fora@”, mas ela foi em frente e viveu a sua vida naquele período como imaginou ser o mais agradável e feliz de se viver.

Chegou o dia que conheceu a pessoa com quem se casou e relembra que seu pai ficou muito satisfeito com isso: “meu pai deu graças a Deus quando eu casei que eu estabelizei né”(L.446-447).

Af.: E aí então eu conheci o ALL em 97, namoramos um ano e quatro meses e casamos, mas ele já era casado, né, ele têm quatro filhos da primeira relação, do primeiro casamento dele, aí a gente conversou e tal e eu, foi opção minha, eu não quero ter filhos, não quero porque- muita gente diz que é egoísmo, eu acho que não é egoísmo, eu acho que é uma questão assim, é esse mundo aí fora, Janete, tá muito complicado pra gente sobreviver e eu fico pensando, assim- eu olho pros meus alunos, eu olho pra todos os alunos que passaram por mim, né, todos que passaram, que morreram, que tu entende, que passaram com problemas, com drogas, com não sei o que eu olho pra isso e eu disse assim, eu não sei pra eu ter um filho, eu acho que tu tem que dar uma atenção muito grande pra esse filho, tu tem que ser talvez a mãe que a minha mãe foi, né, tipo assim —embora ela tivesse a profissão dela, mas ela tinha o momento de cuidar da gente, de dar limites, de estar presente, de participar (.) e eu não sei se eu teria esse tempo e então, aí, eu optei por isso, se é pra botar um filho no mundo pra deixar pra uma babá cuidar, então eu não vou fazer

isso, eu acho que é uma questão de responsabilidade que a gente tem que ter com os filhos, é uma coisa que é pra sempre e o mundo que tá aí tá muito complicado (L.449-464)

Af.: Aí enfim então eu não tive filhos por opção mesmo tá. (L.483-484).

Carolina namora e se casa com um homem que partilha de sua decisão de não ter filhos, até porque já possui quatro filhos do primeiro casamento. Hoje ela é uma pessoa com muitas atividades e responsabilidades somando-se as experiências que já viveu juntamente com seus alunos, tanto boas como ruins que a fazem pensar na grande responsabilidade que é ter, criar, educar e acompanhar os filhos no mundo de hoje.

Lembra que sua mãe foi uma mãe muito presente e participativa na vida dos filhos e que, mesmo trabalhando fora de casa, tinha a habilidade de estar presente para impor limites, nos momentos necessários, e ela não se acha em condições de ter esta postura. Isto é consequência do que se tornou, do tempo que teve para ver e passar por experiências com seus alunos, de ter maturidade para enxergar o mundo com as oportunidades de caminhos ruins tão facilitadas e atrativas, de ter dado prioridade para outras atividades que foram se apresentando na sua frente e que ela foi assumindo.

Carolina conta que exercita seu instinto materno com seus alunos quando os ouve, aconselha, impõe limites em sala de aula.

Além de todas as atividades que Carolina desenvolve, tem tempo e disposição para ler e divertir-se, como se vê a seguir.

O lazer que a acompanha

Ao terminar o relato sobre a sua vida desde a infância, passando pela adolescência, idade adulta, vida escolar, profissional e afetiva, a entrevistadora faz uma pergunta sobre o tempo livre, imaginando que seria pouco, mas necessário, para quem exerce tantas atividades. Carolina passa a relatar o que gosta de fazer além do trabalho e surpreende a entrevistadora com a disposição que a move nesses momentos.

Y: O que tu faz como lazer no tempo livre? quais são as outras coisas que tu gostas de fazer além de trabalhar né deve ter alguma coisa?

Af.: Tem, eu adoro ler adoro ler eu sou afixionada, eu tenho inclusive uma loca- veja só chegou um ponto que eu não tinha mais onde pôr livros porque assim, eu não gosto de pegar na biblioteca, essa coisa de ter prazo pra ler não é comigo, eu gosto de ter o meu livro, né, então eu comecei a comprar muito livro, chegou ao ponto que eu não tinha mais onde pôr e aí, eu até conversei com a minha mãe, eu digo mãe, o que nós vamos fazer, eu porque, eu vou ter que, ou doar e tal, daí a gente optou por abrir uma locadora de livros na praia.

Y: Olha só (L.497-506).

“Eu adoro ler”, foi a primeira colocação sobre o tempo livre. Estava se referindo a

ler mesmo, ou seja, Carolina se tornou proprietária de biblioteca particular, até chegar o momento de ter que tomar uma decisão sobre o que fazer com tantos livros: doar ou abrir uma locadora. Foi assim que começou, juntamente com sua mãe, a organizar uma locadora na praia onde a família possui uma casa na qual costuma passar as férias.

Ao relatar sobre a leitura, citou alguns livros que lhe chamaram a atenção e diz que este hábito lhe acompanha desde a infância, quando sua mãe a incentivava a ler, presenteando-a com livros que colaborassem na sua formação.

Af.: É, então, minha mãe cuida da locadora. eu tenho mais de 1000 livros lá, é assim eu adoro ler tudo...adoro ler eu gosto muito de assistir...quando eu chego em casa que é assim eu não durmo sem ler, tenho que ter uma coisa pra ler mas assim, é ligar a TV e sabe, e arejar a minha cabeça, não quero pensar em nada, eu quero- só- sabe, só, eu gosto muito de dançar, embora eu não tenha tido muito tempo, mas eu gosto muito de dançar mesmo, não é fazer, não é fazer exercícios, não é fazer musculação, essa coisa da academia, da rotina, isso não é comigo, o meu negócio é ser espoleta mesmo, é pular

Y: @()@

Af.: Depois eu não me mexo uns três dias porque fico com os músculos todos dolorido s, mas gosto muito e, enfim, eu acho que é isso, gosto de música, eu gosto de ler, gosto de assistir TV ,gosto de um cinema, né, eu gosto dessas coisa assim, gosto, me divirto muito também na internet, mas não tenho muito saco de ficar, sabe, essa coisa de gente que fica o tempo inteiro na internet, não, isso não é comigo, gosto dessas coisa, mas não assim- o que eu gosto realmente é ler, se tu me deixar 24 horas lendo, eu tô feliz da vida, eu levanto vou comer alguma coisa, volto, deito e leio e esqueço do mundo ,esqueço do mundo. (L.507-530).

Além da leitura, Carolina gosta de chegar em casa, ligar a TV, e ficar fazendo nada, tentando relaxar dos dias cansativos que a sua função lhe promove e, com isso ,tomar fôlego e disposição para o dia seguinte. Embora assista TV, não dispensa a sua leitura antes de dormir, ou seja, ela continua comprando livros, lendo e passando para a locadora, que sua mãe controla na praia.

Gosta de dançar, de ir ao cinema, de ouvir música, enfim coisas que lhe deixem alegre, mesmo que depois o corpo reclame da falta de preparo físico para tanto. A internet lhe faz companhia por alguns momentos, mas não prende a sua atenção por muito tempo. A sua principal atividade fora o trabalho é mesmo a leitura, o que confirma a escolha do curso de Letras para sua formação acadêmica. Salaria que a leitura lhe traz prazer, felicidade, faz passar o tempo e esquecer qualquer coisa que possa estar aborrecendo. Quando diz “esqueço do mundo”, percebe-se que a leitura se constitui como uma espécie de refúgio para qualquer tipo de problema.

Para completar o seu relato, refere-se ao que ainda pensa em fazer, visto que os colegas do CEFET ficam motivando-a a continuar por bastante tempo nessa atividade administrativa que começou a exercer como Diretora Geral, e ela diz ter outras pretensões e que cumprirá seu mandato, mas que esta atividade tem um início, um meio

e um fim como demonstra a seguir.

Af.: Também porque esses dias alguém estava falando comigo e disse assim pô agora tu né tu tem a reitoria e tal, eu disse, ah meu caro, é o seguinte eu vou batalhar pela Instituição, mas eu tô me aposentando, eu tenho mais oito anos, mais nove anos de trabalho e, assim, ó terminou isso, seja em sala de aula, que em alg- qualquer lugar e terminou, eu tô me aposentando eu não vou ficar eternamente não, mas tu não- digo cara o que vocês querem, que eu fique aí vinte anos, aí atormentando a vida de vocês, não, vou fazer o que eu gosto, vou voltar a aprender a tocar piano, que eu toquei piano, violão, música, essas coisas todas, vou aprender de um jeito ou de outro e digo, aí vou fazer o que eu gosto, ler, passear, sei lá, enfim, outras coisas que eu gosto de fazer, eu acho que é isso(L.644-653).

Carolina enfatiza que o trabalho deve ser realizado, mas não deve ficar nas mãos das mesmas pessoas eternamente. Isso são coisas passageiras, e cada um deve desenvolvê-lo de uma forma tranqüila e pelo tempo que lhe é devido. Sendo assim, pretende cumprir seu mandato e continuar onde for melhor para a Instituição Futuramente se aposentar e voltar a fazer algumas coisas que ficaram no esquecimento, como tocar piano, violão, outras atividades relacionadas à música, além de ler e fazer o que gosta.

Quando Carolina faz essas colocações, expressando que gosta do seu trabalho, das atribuições que desenvolve, reforça que isto tem um tempo para ser vivido e que espera da sua vida algo além, que lhe dê prazer e felicidade para os todos os seus dias.

Carolina possui o gosto pela profissão de professora, aprendido com a sua mãe; vai em busca dessa formação, exercita a profissão e tem prazer em fazê-lo, mas não esquece a manifestação do pai de que a sua inteligência estará sendo desperdiçada nesta profissão e tenta satisfazê-lo quando procura profissionalizar-se em cursos de Direito e Especializações na área da gestão.

O estilo de vida que levou foi o somatório das referências das profissões e cobranças do pai e a liderança e dinamismo da mãe.

O presente de sua história na atuação como professora, conciliada ao cargo de gestora que o “ser professora” lhe proporcionou, prova que a sua profissão não lhe faz passar fome, e que sua inteligência não foi desperdiçada, como afirmava seu pai.

4.2.2 Ana: Uma mulher de muitos percursos

Contexto da entrevista

No dia 18 de outubro, o Diretor de Administração e Planejamento do CEFET-RS, solicitou-me que fosse ao Encontro do Fórum de Diretores de Planejamento dos CEFETs. O evento aconteceria de 24 a 27, em outro estado da federação. Aceitei a tarefa pois, segundo meus levantamentos, havia uma Diretora de Unidade do CEFET do Estado-ST. Para minha pesquisa essa entrevista era importante, porque permitiria traçar um perfil de mulheres diretoras de distintas realidades brasileiras. Não consegui fazer contato com ela antes de ir para lá, contudo, ao ler o fôlder com a programação do evento, encontrei divulgados as diversas unidades do CEFET-ST e também os endereços e telefones. Perguntei aos organizadores do evento qual a distância entre o local do evento e a Unidade-ST?, ao que me responderam: aproximadamente 320km. Fiquei preocupada, pois a unidade era bastante longe, e a programação do evento não me permitiria ficar um dia inteiro fora. Mesmo assim, decidi telefonar para a Unidade-ST e falei com a secretária da prof^a. Ana. Esta me informou que a Diretora estava na Unidade Sede (cidade do evento) resolvendo problemas da unidade e que permaneceria por alguns dias. Criei alma nova e, após a abertura oficial do Fórum, perguntei ao Diretor Geral do CEFET-ST como poderia encontrar a prof^a. Ana. Ele respondeu que poderia apresentar-me, já que ela se encontrava na cerimônia de abertura. Fomos apresentadas e conversamos um pouco sobre a minha pesquisa e sobre a possibilidade de ela me conceder uma entrevista naqueles dias. A prof^a Ana se interessou pelo trabalho e prontamente se dispôs a conceder a entrevista. Combinamos que ela passaria no hotel para me pegar e iríamos para o CEFET, onde conversaríamos mais tranquilamente. Esperei durante o horário combinado, mas ela não apareceu. Pensei que ela pudesse ter tido algum problema para resolver e eu não tinha anotado o seu número de telefone celular e nem ela o meu. Assim esperei à noite para buscar informações com alguém do próprio CEFET. À noite, aconteceu o jantar de confraternização do evento e lá estava ela. Disse-me que teria deixado um recado para mim na portaria do hotel, que não me foi passado. Então marcamos para o dia seguinte. Por volta das 10h do dia 26 de outubro de 2007 ela passou no hotel e fomos juntas para o CEFET-ST. Dirigimo-nos até a sala da direção geral, onde conversamos um pouco com o Diretor Geral que falou para a prof^a. Ana sobre a minha pessoa e sobre a importância da pesquisa que eu estava fazendo, pois já sabia do que se tratava, visto que eu tinha feito o levantamento com ele sobre mulheres que

ocupavam cargos de gestão em sua Instituição. Estimulou-a para que se sentisse bem à vontade para falar. Em seguida nos dirigimos para a sala da assessora do Diretor Geral que nos deixou sozinhas para conversarmos. Tomamos um café, que nos foi servido por uma senhora, e começamos a entrevista exatamente às onze horas. A entrevista transcorreu muito bem. Foi uma exposição carregada de emoção, lembranças, sentimentos e esperanças. Fomos interrompidas uma vez por uma pessoa que precisava de uma informação da entrevistada. Às 11h50min terminou a entrevista que teve a duração de 38 minutos e pela qual agradei imensamente. Dei-lhe um abraço e desejei sucesso no seu trabalho e na sua vida pessoal. Ao término da entrevista Ana se dirigiu para uma reunião com a direção geral para tratar assuntos de sua Unidade, e eu fiquei escrevendo o relatório de campo. Trocamos e-mails e telefones para mantermos o contato e trocamos informações em relação à pesquisa.

Perfil da entrevistada

Ana tem 55 anos, é parda (percepção da pesquisadora), divorciada, tem três filhos: dois do sexo masculino e um do sexo feminino. Os filhos homens são casados e um deles é pai. A filha é solteira. Sua mãe é viúva. Os pais de Ana tiveram quatro filhos e foram casados cinquenta e quatro anos (o pai já faleceu). A mãe de Ana tem o segundo grau completo e é aposentada. Seu pai tinha o primeiro grau completo. Ana foi criada pelos avós paternos e por “duas tias moça velha”, sendo ainda a neta mais velha.

Estudou da 1ª à 4ª série em escola pública, da 5ª à 8ª série e o ensino médio em escola particular. Formou-se em Química Industrial e Química (Licenciatura), por uma universidade federal.

Começou a trabalhar como professora depois de a filha mais nova ter completado cinco anos. Seu primeiro emprego foi como professora em uma escola mantida por uma fundação. Posteriormente começou a dar aulas no estado. Os últimos anos de seu curso de licenciatura foram concomitantemente com o trabalho nas duas escolas.

Ingressou no CEFET em 1992 e atuou como coordenadora de curso, chefe de departamento e, mais recentemente, assumiu a direção da Unidade Descentralizada do CEFET-ST.

Infância, família e escola.

Ana se emociona muito ao relatar sua história familiar, pois as lembranças, ora tristes e ora alegres, a fazem sentir saudades ou mágoa de situações vividas em muitos momentos de sua trajetória. Ao relatar a sua vida, o faz de forma abrangente, dificultando inclusive a reconstrução de sua trajetória de forma linear e cronológica, mas o caminhar da fala a faz retroceder e recontar alguns episódios que talvez o seu inconsciente quisesse esquecer. A fala inicial se pautou mais pelo lado da formação escolar e profissional, como se o lado afetivo e familiar não tivesse importância. Mas ao longo da narrativa, essa imagem foi sendo desfeita. Em função das intervenções da entrevistadora, Ana passa a relatar detalhes de sua infância, principalmente do período em que viveu com seus avós:

Af.: Imagine a criação, aquela criação rigorosa, tinha horário pra entrar, tinha horário pra sair, tinha horário pra chegar e meu avô chegava na porta do quarto e perguntava pra minha avó cadê Ana tá deitada? E minha avó, tá deitada, às vezes eu dava uma fugidinha com minhas amigas numa festa, minha avó sabia, minhas tias sabiam, mas ele não podia saber porque achava que aquilo era um absurdo, mas sempre dedicados a mim de carinho de atenção, de estudo na época do vestibular eu tinha professora particular, é química que está com dificuldade, tinha professor particular de química, é português tinha Profa. particular de, era o curso de inglês na época não era, não tinha, hoje em dia, todos os meus filhos nasceram fazendo um curso de inglês, um curso de informática, na época, não tinha informática, mas tinha inglês, muito restrito, mas eu fazia curso de inglês porque aquela dedicação entende de ter tudo do bom e do melhor que era a herança pra mim, pra todos os netos que era a educação, então todos os netos passaram pelas mãos dos meus avós, então como eu era a neta mais velha, entendeu, nascida e criada lá dentro com eles, ali, até que casei só sai dali no dia que casei (L156-171).

Ana foi criada por seus avós juntamente com duas tias, assim como outros primos, isto porque seus pais moravam num sítio e, para viabilizar os estudos, ela morava com os avós, pois consideravam que o estudo era a herança mais importante que podiam deixar a seus netos.

A educação por parte dos avós paternos e tias foi bastante rígida, o que não impedia que, com a convivência das mulheres na família, ela saísse para se divertir com as amigas.

Embora morasse com os avós, tinha um grande respeito pelos pais:

Af.:Brilhante a minha família eu fui criada pelos meus avós paternos né mas meus pais duas pessoas que viveram casados até que meu pai faleceu há dois anos atrás, durante cinquenta e quatro anos viveram juntos, amigos, companheiros, uma família assim totalmente estruturada(L.146-149).

Ana respeita e admira a convivência entre os pais e fala com orgulho e ênfase sobre os cinquenta e quatro anos que estiveram casados, até seu pai falecer. Salienta o fato de a família ter sido unida e “totalmente estruturada” enquanto estiveram juntos.

Ana relata sobre seus estudos do jardim de infância até o científico, somente quando a entrevistadora lhe pergunta especificamente sobre esse assunto:

Y: A questão assim, a escola que a senhora frequentou é, sempre foi, escola pública ou privada, só isso, escola que fez o primeiro, segundo e terceiro grau, era escola pública ou escola privada”?

Af.:O segundo grau na época era o científico né hoje é ensino médio que na minha época era ensino científico eu fiz em escola particular, só. Pera aí, não, me enganei, eu fiz o meu jardim de infância desde os quatro anos de idade que eu estou na escola eu fiz o jardim de infância e o primário em escola pública o ginásio no colégio das freiras das irmãs de caridade.

Y:Ah!

Af.: o segundo grau em escola privada e a universidade pública na Universidade Federal do Estado-ST o curso superior-o curso superior (4) (L.133-143).

Ana frequentou o jardim de infância e o primário em escola pública, o ginásio no colégio das freiras, o segundo grau (antigo científico), em escola privada e a universidade em escola pública.¹⁵ Ana não fala muito sobre a escola de sua infância, detendo-se principalmente no seu científico, hoje segundo grau ou ainda ensino médio, e o seu curso na universidade:

Af.: Era terceiro científico e cursinho era até uma mensalidade bem alta um valor bem alto porque tinha esses dois objetivos não é, e quando meus pais me matricularam, né, naquela época matriculou no terceiro ano determinação da família não é como meus filhos que eles queriam estudar numa escola o que eles queriam eles mudavam- não determinação da família pra surpresa minha eu era a única mulher do colégio da turma e do marista como um todo nos três turnos (L. 244-249).

Quanto ao seu ensino médio, salienta que teve uma peculiaridade interessante, pois, no terceiro ano, seus pais a matricularam no colégio Marista, que até então era um colégio só para homens e, nesse período, abriu matrículas para mulheres. Seu ingresso neste colégio aconteceu porque o terceiro ano era à noite e havia dois primos que moravam também com os avós e que podiam levá-la e trazê-la. Assim ela não andava sozinha à noite e tinha o dia todo livre para estudar para o vestibular. Inclusive o próprio colégio oferecia a preparação para o vestibular.

Ana relembra que a obediência aos pais foi se transformando ao longo do tempo e que hoje a vontade dos filhos é levada em consideração até mesmo nas escolhas da escola onde estudar. Seu primeiro ano no colégio Marista começou mal, pois se sentia

¹⁵ Ressalta-se que Ana estudou antes da reforma de 1973 quando havia uma separação entre os primeiros cinco anos do primário, com exame de admissão ao ginásio e mais três anos de ginásio e ao segundo grau se atribuía o nome de científico.

constrangida sendo a única mulher no colégio. Mas, aos poucos, foi se transformando no melhor ano de sua vida, pois teve a atenção e o apoio dos rapazes que faziam de tudo para lhe agradar: “eu era cercada dos meus colegas até... um copo d’água queriam buscar pra mim” (L256-268) “os meus colegas até hoje são meus amigos” (L.259-260). Salienta que os colegas desta época se tornaram pessoas bem sucedidas profissionalmente e que até hoje ela pode contar com eles nas mais diversas situações, tanto em relação a sua saúde como em relação a sua vida profissional, pois muitos deles hoje são médicos ou convivem com ela no dia-a-dia como professora.

Quando perguntada num outro momento da entrevista se estava arrependida ou se faria hoje de forma diferente, ela respondeu:

Af.: Não, tudo que eu fiz eu não tenho arrependimento de nada que eu fiz, tudo foi muito bem feito, se eu pudesse assim, algumas coisas resgatar, a minha infância no sítio do meu avô materno eu tenho uma lembrança [[espetacular quando eu era criança meu avô enchia uma rural de- dos netos e levava pro sítio que ele tem, que ele tinha, e a gente ia pra terra, pro rio, banhá, pra dentro dos matos juntava coquinho eu com meus primos, levava pro pátio, quebrar, comer.]] ...[[eu tenho muita saudade também de uma parte da minha adolescência, no clube recreativo maréa, aqui em Cidade-LS, que se acabou, esse clube e eu também na minha adolescência ia as minhas amigas, com os paqueras, com o namorado ,os amigos, passar as tardes de sábado]] banhando piscina, jogando baralho, jogando dominó em volta do bar, ouvindo música da jovem guarda, eram assim, tardes maravilhosas(L. 309-321).

Percebe-se que Ana viveu sua infância e juventude intensamente, pois fala com emoção sobre não haver arrependimentos. Destaca que gostaria de reviver e resgatar momentos dessa infância, quando brincava com seus primos no sítio de seus avós maternos e fazia atividades variadas e brincadeiras saudáveis. Do período de adolescência, gostaria de reviver os momentos passados no clube que frequentava constantemente com sua família e com suas amigas, onde considera ter vivido os seus melhores momentos de juventude.

O ingresso na universidade

Ana começa a entrevista dizendo que vai falar sobre a sua vida acadêmica e profissional até chegar a ser professora do CEFET, mas o interessante é que ela começa contando sobre seu ingresso na universidade.

Af.:Eu vou começar falando sobre como eu cheguei até aqui no CEFET tá, todo meu estudo, da faculdade até aqui porque anteriormente eu vou colocar nesse né nesse questionário onde eu estudei então vamos começar do curso superior eu fiz vestibular pra Medicina em setenta---e um como não fui aprovada e fiz um número de ponto muito alto a universidade mandou me chamar se eu queria preencher uma das vagas que sobraram dos cursos da área das Ciências Exatas que eram os curso de

Matemática de Física e de Química e eu optei por Química. Dentro do curso ainda prestei mais um vestibular pra Medicina não consegui aprovação e me encantei com curso de Química passei a me dedicar ao curso entendeu perdi o interesse não quis mais me preparar pro vestibular(L.8-18).

Cursar Medicina era o desejo de Ana e, para isso, ela prestou dois vestibulares, mas não conseguiu aprovação. Após o primeiro vestibular para Medicina, por ter alcançado uma boa pontuação, a universidade a chamou para se matricular em um curso da área das Ciências, e ela optou por Química. O segundo vestibular para Medicina foi prestado quando já cursava Química. Após essas duas reprovações, dedicou-se inteiramente ao curso de Química pelo qual se encantou e, assim, desistiu de cursar Medicina.

Ana fala de seu curso universitário considerando tê-lo concluído normalmente, mas no decorrer da entrevista percebe-se que ela deixou de falar sobre uma parte importante quando se trata de uma trajetória de vida. “Consegui concluir o curso né e logo assim me casei e tive- comecei a ter os filhos então eu parei um pouco assim não me preocupei com o mercado de trabalho” (L. 20-22). Ouvindo essa parte poderíamos dizer que ela simplesmente simplificou as explicações sobre o seu tempo na universidade, mas não foi somente isso que aconteceu. No decorrer do curso, conheceu seu futuro marido, como relata a seguir:

Y: E o curso de Química assim porque não era Química licenciatura como era o percentual de homem mulher assim como é que era no curso, lembra?

Af.: Era mais homens, tinha mais homens, porque é o seguinte no curso de Química eu tive duas fases eu não falei anteriormente, duas fases que agora eu vou ter que citar, quando eu passei no, preenchi essa vaga no curso de Química eu fiz dois anos no curso de Química e meu ex-marido foi meu-era meu professor, nos conhecemos, ele como meu professor e com o namoro e tal ele, tinha recém entrado na universidade né e ele foi fazer o mestrado na cidade FX e quando ele foi fazer o mestrado- não, ele foi ainda namorava, no mestrado, mas logo que ele foi fazer o mestrado, ele quis casar, né, e eu tive que trancar o meu curso porque ele já tinha um ano de mestrado era mais um ano mas acabou esse mestrado se estendendo e eu tinha direito de trancar o curso por três anos, acabei passando três anos com o curso parado, né, quando eu retornei, ((10)) então passei três anos com o curso trancado e quando eu voltei, que eu retornei (L.267-280).

Essa fala de Ana sobre a ruptura entre o início e o término de seus estudos, ocorre em um momento posterior da entrevista, e esses detalhes de sua trajetória são revelados em função de uma pergunta da entrevistadora sobre um outro tema que diz respeito ao percentual de homens e mulheres que faziam o curso, o que levou a entrevistada a falar mais sobre o curso e sobre o período em que esteve na universidade. E assim faz também a explanação de como aconteceu o trancamento de sua matrícula, o seu casamento, seu afastamento da cidade e o seu retorno posterior para concluir os

estudos. Conta que conheceu seu marido, quando foi seu professor na universidade e que, como ele tinha ido fazer mestrado numa outra cidade enquanto eles ainda namoravam, ele quis casar e que ela se mudasse com ele para outra cidade. Nesse momento, o “ele” fala mais alto e para Ana permanece uma única opção: “eu” tive que trancar o meu curso.

Em sua fala, em nenhum momento Ana descreve outro tipo de acerto, conversa ou tentativa de diálogo entre ela e o marido para tomarem tanto a decisão de casar, de mudar de cidade, como também do seu trancamento de matrícula, ou melhor, do abandono de seu sonho de realização acadêmica e profissional, como vinha acontecendo, e pelo qual ela buscava mesmo antes de entrar na universidade quando se preparava para o vestibular, durante o ensino médio.

Ana salienta que “vai ter” que citar as duas fases que compuseram a sua formação na universidade como se essa recordação lhe incomodasse. Relembrar que o comando de sua trajetória e o retardamento causado na sua formação e realização pessoal e profissional foram ocasionados pelas decisões tomadas por seu marido lhe causam uma angústia que tem vontade de esquecer.

Enquanto acompanhava o seu marido na cidade FX, Ana desempenhou o papel de esposa e mãe, pois foi ainda na cidade FX que tiveram o seu primeiro filho. Quando retornaram à cidade natal, ela retomou os estudos e concluiu o curso de Química Industrial. Essas rupturas em sua trajetória acadêmica fizeram com que Ana construísse distintos círculos de amizade.

Af.:Assim que eu tive dois grupos de amizade dentro da universidade, né, mas foi interessantíssimo todos os dois são meus amigos até hoje meus colegas, não, eu em termos de amizade né, assim, fala sério, se eu tenho algum inimigo, eu desconheço@ (3)@ (L.281-284).

O fragmento acima expressa uma tentativa de avaliar o momento de ingresso, parada e reingresso na universidade de uma forma positiva que é realizada pela entrevistada, a partir da perspectiva atual e não do momento em que passou pela situação. Ana termina a sua fala sobre este assunto salientando as amizades que construiu ao longo desse tempo e que mantém, em sua maioria, até os dias de hoje, procurando compensar as rupturas com o ganho de novas amizades que permanecem até os dias atuais. Inclusive, em tom de brincadeira, se considera uma pessoa que conquista amigos e desconhece inimigos.

Ana demonstra ser uma mulher com objetivos definidos, pois, mesmo com todas as dificuldades e os percalços que viveu, não deixou de conquistar seu sonho: o de concluir a sua graduação e buscar sua realização profissional.

Transição de jovem estudante universitária para jovem esposa

Ao contar sobre o seu casamento e a sua vida como mãe e esposa, sua voz se mistura entre a emoção e a mágoa, entre a saudade e a tristeza por algo que foi tão intenso. A maneira como Ana conta sua história, passando superficialmente por fatos importantíssimos, tais como os deslocamentos por causa de seu casamento, a desistência do trabalho para atender os filhos e o abandono dos estudos para acompanhar o cônjuge, demonstra uma espécie de fuga ou omissão das lembranças que lhe causam desconforto, ou trazem à tona situações que não gostaria de lembrar:

Af.: Consegui concluir o curso né e logo assim me casei e tive- comecei a ter os filhos, então eu parei um pouco assim, não me preocupei com o mercado de trabalho, pensava em trabalhar, mas me dediquei mais aos filhos invés de procurar logo emprego né, trabalhar, quando minha filha caçula tinha cinco anos, eu resolvi, eu digo ela já tem cinco anos, os outros dois eram maiores, eu vou agora começar a trabalhar porque a criança ela já tem, ela já ia pra escola, entendeu eu já tinha assim, mais espaço pra mim, me dedicar a um trabalho fora de casa e fui(L. 19-25).

Ana concluiu o curso e se casou. Logo após o casamento começou a ter os filhos e diz que, por um período, deixou de lado a possibilidade de procurar trabalho e dedicou-se somente às funções de mãe e esposa. Nesse período, ela desempenhou as tarefas que julgou importantes e necessárias naquele momento e, só mais tarde, voltou a buscar seus objetivos profissionais. Quando sua filha menor tinha cinco anos e começou a ir para a escola juntamente com os irmãos, ela pensou que podia voltar a desenvolver algum trabalho, além de ser dona de casa e mãe. Essa decisão implicou uma sobrecarga de trabalho, como se vê a seguir:

Af.:Eu tinha muito apoio do meu ex-marido, né, do pai dos meus filhos, um apoio assim entendeu fora de série, irreparável, eu saía acordava cedo de manhã e levava e deixava, se não tinha empregada, eu deixava a farda pronta, a comida pronta, alguma coisa só pra ele concluir 11 horas e ele trabalhava, era professor da universidade ia pra- me dedicava no trabalho às vezes eu ia de ônibus mesmo pra Fundação PXB e ele ia pro serviço e meus filhos estudavam sós e davam contra da sua atribuição eles mesmo preparavam o dever deles né e a gente só acompanhava olha tá faltando isso aqui, entendeu, assim mas eles se viravam sozinhos os três estudando só tinham aquele apoio boa noite ou então nesse intervalo de almoço ou meu, ou do pai, né e assim, a gente foi levando, mas numa paz, numa tranquilidade muito boa, entendeu, com o apoio que eu tinha total do [[meu ex-marido e meus filhos também né porque eles aguentavam né as vezes finais de semana...professor tem que estudar, preparar aula, essa atividade docente que a gente conhece então eu vinha pra casa e às vezes final de semana eu fazia isso e as vezes o pai levava eles porque não dá eu não tinha condição, levava eles a praia, a alguma diversão, quer dizer algumas vezes eu privei com eles, ou eu só, entendeu, da diversão do final de semana e assim foi a minha vida(L. 184-206).

Nas falas acima, percebe-se que Ana está completamente envolvida com a função de ser mãe e esposa, e cada coisa que deixa de fazer neste recai como uma falta sua quanto às funções que acredita ter que desempenhar. A parceria do marido que leva os filhos para a escola ou para passear é vista como uma grande contribuição, como se ele estivesse fazendo mais do que o esperado de um pai.

Considera que passear com os filhos, enquanto ela trabalha para colocar a casa em ordem e preparar a comida da semana é sinônimo de parceria. E assim, quando diz ter se privado da diversão com eles nos finais de semana está pensando mais neles, que ficaram sem a companhia dela, do que no fato de ter ficado fazendo todo o trabalho de base e de suporte, enquanto os demais familiares se divertiam na praia ou na piscina do clube.

Ana fala do seu papel como professora e do que fazer para conseguir cumprir tais funções. Salienta que o trabalho não termina quando se fecha a porta ao sair da escola onde desempenha suas atividades, mas suas responsabilidades lhe acompanham nas suas horas de folga, nos finais de semana, feriados ou noutro dia qualquer. Esse fato a impediu muitas vezes de conviver com os filhos e o marido naqueles momentos de lazer, tão esperados durante a semana. Ao contar esta parte de sua vida, Ana deixa-se tomar pela emoção das lembranças. Embora fale com tom de satisfação sobre o exercício da profissão, tem presente que é uma função diferente das demais e que transpassa a sala de aula, interferindo na vida particular dela e de quem a exerce. A formação em licenciatura aconteceu num momento posterior e em conjunto com o desempenho do papel de professora, como se vê a seguir.

A retomada da condição de estudante e o acúmulo de papéis

Numa segunda fase, após os filhos terem crescido e Ana estar trabalhando, teve a oportunidade de continuar os estudos de licenciatura em Química:

Af.: As pessoas graduadas que quisessem preencher aquelas vagas que tinha a ver com a sua área poderiam preencher e eu fui procurar onde tinha vaga em Licenciatura em Química e eu fui fazer [[licenciatura em química]]... (L. 49-52).

.Af.: Quando eu comecei a trabalhar até como eu falei até antes né dedicada aos meus filhos o mais velho tinha sete anos- tinha nove anos o outro tinha sete era uma diferença de dois a três anos de um pro outro e a menina com cinco anos quando eu comecei a trabalhar(L.179-182).

Af.: O meu primeiro emprego foi na Fundação PXB [[2]](L.26).

Af.: Nunca pensei em magistério(L.30).

Af.: Pra mim foi uma [[experiência a tanto]](2) o apoio que eu tive da direção e da área pedagógica da escola que me acompanharam com o meu trabalho assistiram as minhas aulas [[e se encantaram com o meu trabalho]](2) eu nunca pensei que eu

fosse dá pra professora e amei essa área eu adoro tá com meu alunos então eu trabalhei lá dois anos tive um contrato no estado fui trabalhar no estado(L. 41-46).

Ana começou a estudar numa oferta de preenchimento de vagas oferecida pela universidade para pessoas que possuíam graduação e assim aproveitou a oportunidade e completou seus estudos fazendo a licenciatura em Química. Nesse percurso, reconhece que o setor pedagógico da escola em que dava aulas teve papel fundamental no seu desempenho e na sua formação. Aprendeu a gostar de ser professora, de estar com os alunos, apesar de não haver cogitado essa profissão quando se preparava para o vestibular, visto que, a princípio, ela queria fazer Medicina.

Af.: Eu descansava na hora que chegava universidade em torno de uma e meia a aula era às duas horas aula de didática e eu passava essa meia horinha corrigindo as minhas provas da Fundação PXB, as minhas provas do Estado, preparando as minhas aulas sentada num banco por lá nas horas livres da universidade começava as duas horas da tarde de lá eu saía pra uma escola a noite dar aula, até próximo daqui, aula do estado e à tarde como sabe a universidade você não tem aula todos os dias e eu conciliava assim duas, três tardes eu passava na universidade e os demais dias a diretora da outra escola estadual fazia o meu horário de acordo com o da universidade [[Eu tive todo esse apoio]] (4) e foi assim que eu cresci terminei o meu curso de licenciatura(L. 56-65).

O tempo de dedicação aos estudos era pouco, já que, neste período, ela dava aula pela manhã, à noite e ainda durante duas tardes. Sobravam somente três tardes nas quais ela tinha as aulas de didática na universidade. Ao relatar esta parte de sua vida, Ana demonstra um sentimento de pesar como se tivessem custado muita dedicação e abnegação para concluir o curso de licenciatura, pois o trabalho de professora a acompanhava em todas as horas, até mesmo nos intervalos que deveriam ser para descansar.

E assim Ana foi enfrentando as diversas etapas que se apresentaram em sua vida. Estudando, trabalhando, cuidando dos filhos, da casa e do marido. Algumas etapas foram concluídas e outras permanecem abertas. A vida dos filhos, com suas formações, seus trabalhos, o cuidado com o bem-estar deles constituem uma constante preocupação.

Num momento posterior da entrevista, Ana expressa sua grande preocupação em relação a sua filha menor. Embora a filha já seja uma pessoa adulta, Ana se sente responsável por ela:

Af.: Uma preocupação assim que eu tenho preocupação entre aspas é com a [[minha filha (4) ela , é dedicada ao trabalho, mas eu tenho lutado pra deixar tudo que eu tenho conquistado de um tempo pra cá é pra deixar pra ela. Meus filhos são casados. Ela tem o emprego dela, mas eu me preocupo assim- assim não sei explicar de eu faltar e ela ficar só entendeu. Ela não tem uma família. Tem os irmãos, mas os irmãos

têm a vida deles né e eu me dedico, o momento que eu estou aqui em Cidade-LS, eu me dedico me preocupo da alimentação ao emprego dela, como é que ela tá trabalhando na cidade que ela mora como é que ela vive então eu tenho essa preocupação de falecer e deixar minha filha ainda assim eu acho que apesar de ela não demonstrar essa dependência]] eu sinto que ela ainda precisa de mim. Eu ainda quero deixar muita coisa pra ela. (L. 377-388).

Um dos aspectos enfatizados por Ana diz respeito à preocupação que tiveram, tanto ela como o pai, com os estudos dos filhos, sua formação e sua independência econômica e familiar. Os filhos já são casados. A filha também é formada, trabalha e mora sozinha. Mas Ana se preocupa com a filha que vive só, como se a necessidade do casamento fosse condição de segurança para a vida tanto afetiva como profissional. Diz que gostaria de deixar sua filha em condição mais segura. Ana fala de sua filha sob forte emoção, pois as lágrimas saem dos olhos durante toda esta fala. Lembrar da filha certamente lhe traz lembranças de sua própria juventude, de suas escolhas, de suas privações, seus erros e acertos.

Podemos ver essa situação de insegurança familiar no momento em que Ana passa a relatar como foi que aconteceu a sua separação. Nesse momento, ela traz à tona recordações muito fortes e, sob grande emoção, descreve um pouco do que foi para ela o motivo que rompeu o casamento, fato esse que lhe é difícil de entender e aceitar:

Af.: E meu marido se- meu ex-marido se aposentou da universidade há dez anos atrás e depois de um certo tempo ele foi convidado pra ser coordenador do curso de Farmácia, de Farmácia e Bioquímica em uma faculdade particular em Cidade-GA e até aí então o [[nosso casamento estava tudo bem e ele foi pra lá e com pouco tempo que ele estava lá]] ele já voltou totalmente transformado e eu não pensei duas vezes e parti pra separação. porque a tendência era-.ele cada vez que vinha ele vinha pior né uma pessoa totalmente transformada(L.215-221)

Af.: Há dois anos atrás três anos atrás eu me separei do meu marido uma pessoa que vivia aqui dentro comigo, todos os colegas conhecem, e o apoio que eu tive nessa separação dos meus amigos dos meus colegas então quer dizer até na minha vida particular o CEFET faz parte de uma forma assim [[entendeu, fora de série]] que eu não sei nem como (2) agradecer o CEFET é tudo na minha vida eu visto a camisa dessa Instituição(L.106-111).

Ana narra que, até o marido se aposentar na universidade e ser convidado a assumir um cargo em uma outra escola numa cidade vizinha, o seu casamento estava bem, mas que ele, em seguida, começou a retornar para casa com um comportamento transformado e diferente, o que a fez pedir logo a separação. Ana não conta detalhes do porquê dessa mudança de comportamento mas, pela expressão e pela voz embargada, percebe-se que lhe causa muita dor falar sobre o assunto. Essa separação aconteceu há cerca de três anos e ela não fala mais sobre o contato com o ex-marido e nem com os filhos. Conta que ele estava sempre junto com ela, inclusive dentro do CEFET, onde todos o conheciam. Parecia dizer que conheciam uma pessoa que hoje é outra. Ana é

grata aos amigos e colegas do CEFET pelo apoio que recebeu quando se separou. Percebe-se que ela tem uma grande dedicação à Instituição em que trabalha.

A conquista do reconhecimento profissional

Além de professora, profissão que aprendeu a gostar e a desenvolver com grande capacidade, também ocupou outros cargos até chegar à condição de diretora de uma Unidade Descentralizada, demonstrando que cada conquista foi fruto de seu empenho. Desde o seu ingresso, em 1992, até os dias atuais, ela construiu sua história no CEFET.

Af.: No meu trabalho, me preocupa muito, como diretora, foi um desafio muito grande o prof. Julio ter me convidado agradeço demais a ele esse momento que passei na minha vida e que eu fui convidada, foi uma outra história de vida, um outro trabalho um empenho muito grande do trabalho que isso preencheu muito um pouco do meu vazio entendeu dos meus pensamentos que eu me dediquei totalmente a essa Uned ao meu trabalho mais ainda que eu me dedicava, isso pra mim foi assim de grande, não sei como agradecer(L.336-342).

O cargo de Diretora desta unidade veio mediante convite do atual Diretor Geral que a chamou para um grande desafio, pois não foi só o de assumir uma direção de Unidade, mas o de implantar uma nova Unidade, isto quer dizer começar uma escola da estaca zero. Sendo assim, o envolvimento como Diretora vai além do administrar algo pronto; perpassa o acompanhamento da construção, compra de equipamentos, realização dos concursos para servidores técnico-administrativos e docentes, seleção de ingresso dos alunos até a inauguração e implementação da rotina de um CEFET.

Af.: O CEFET é tudo na minha vida eu visto a camisa dessa Instituição, me dedico, não tem hora, não tem mês, não tem dia o que precisarem de mim eu estou sempre aqui disposta a me dedicar porque tem todo esse histórico aí entendeu di –que me faz assim- além de eu adorar o magistério tem toda essa parte aí- eu me sinto em casa aqui (L.110-114).

Ana fala com satisfação sobre a sua trajetória no CEFET, pois não consegue separar a sua própria vida do seu envolvimento profissional. Ela também entende que sua responsabilidade nesta instituição é grande, tanto frente aos servidores, como também aos alunos e à sociedade em geral, e que a atualização e o estudo de leis e normas são atividades pertinentes ao cargo de uma diretora. Portanto, utiliza seu tempo livre para estudar, conforme segmento a seguir:

Af.: De legislação 8.112, 8.666, as leis que regem as minhas funções a minha função como diretora eu gosto sempre de estar lendo estar me atualizando, me atualizando não, revendo as vezes até questionamentos que os próprios servidores da Unidade fazem, então, as vezes, pela experiência que eu já tenho, pela convivência na

Instituição, eu dou uma resposta mas eu fico meia cabreira e vou ler de novo pra ver se realmente aquilo que eu disse se enquadra ali tudinho ou apresentar mais alguma coisa para eles é isso que eu faço(L. 292-298).

Já a atuação enquanto gestora é vista por Ana como um “grande desafio”:

Af.: Um grande desafio porque quanto ao ensino em si é a minha praia, é o que eu gosto de fazer, mas eu como gestora como diretora de uma unidade eu não posso me preocupar só com o ensino, eu tenho que me preocupar com o todo, e esse todo em relação a parte administrativa e orçamento de finanças era a minha maior preocupação, é a minha maior preocupação eu nunca trabalhei nessa parte aqui dentro da escola outros cargos que eu assumi não foi nesse sentido, então eu me preocupo muito eu procuro fazer tudo certinho (L.342-349).

Ana entende que existe uma grande diferença entre ser professora e ser diretora de uma Unidade de Ensino, visto que as responsabilidades além de aumentarem são diferentes daquela de professora. A partir desse momento, todas as respostas são solicitadas à Diretora, assim como as tomadas de iniciativas e muitas decisões.

A demonstração de responsabilidade de Ana em relação aos compromissos assumidos é explicitada em várias colocações, o que também aparece na preocupação com os filhos, desde a sua abnegação de trabalho, enquanto eles ainda eram pequenos, até o presente momento, quando ainda procura ajudá-los naquilo que lhe é possível. Sua satisfação em ter chegado ao atual patamar fica evidente no tom de voz e nos sorrisos que expressa enquanto relembra sua trajetória profissional, desde as dificuldades em ter que trabalhar em dois colégios e ainda fazer o curso de licenciatura para ser reconhecida como professora, até o presente momento, quando assumiu a função de implementar e dirigir uma Unidade nova, na qual emprega grande parte do seu tempo, de seu conhecimento e de sua dedicação:

Af.: O meu desafio é maior, eu confio em mim eu confio em Deus pela forma de eu trabalhar da minha preocupação que já é assim exagerada que às vezes passa pras pessoas até como se eu não acreditasse nas pessoas que trabalham comigo que a cobrança é grande a exigência é grande mas nada disso eu enfrento esse desafio até o dia que Deus quiser e o dia até então fim do meu mandato(L.353-358).

Durante suas colocações, fala com pesar sobre o que o seu comportamento faz no agir e pensar das pessoas em relação a ela, pois entende que muitas vezes precisa agir com mais rigidez e firmeza nas determinações das tarefas a serem desenvolvidas pelos seus servidores e que nem sempre é entendida em suas preocupações.

Af.: Eu vô já que eu tenho um filho que mora fora eu vou visitar meus parentes que moram fora eu vou levar a vida assim mas eu penso atualmente eu penso um pouco diferente eu não sei se vou me aposentar tudo vai depender da minha saúde entendeu da minha cabeça se os meus neurônios ainda estão trabalhando bem é disso que vai depender se tiver eu continuo até o dia que Deus quiser a não ser que o

governo me mande não tu tem que sair e é o jeito mas eu quero continuar na escola né(2) uma distração pra mim né não é só trabalho não é a gente se distrai também ou então se eu mudar de idéia e tiver que me aposentar eu quero me dedicar a minha igreja católica [[pra cuidar de velhos idosos (2)fazer um trabalho com pessoas idosas (2) ajudar conversar um asilo tão bom ouvi-los dar atenção pra eles (3)]] isso na minha parte assim profissional(L.367-377).

Ana pensa em desenvolver esse desafio e ainda retornar para a sala de aula e lecionar até o dia em que chegar a data da sua aposentadoria. Se, por um lado, espera ansiosa por esse dia, por outro, diz que o trabalho lhe distrai e que pretende ficar na escola enquanto sua saúde lhe permitir, ou até que a idade máxima lhe obrigue a ficar em casa. Salieta que se tivesse começado a trabalhar mais cedo, esse dia já teria chegado, e assim planeja seus dias de aposentada, convivendo com seus filhos, cuidando de idosos e visitando pessoas, parentes ou amigos que sente vontade de rever e que o acúmulo de atividades não lhe permite no momento.

Ana tem vontade de ajudar as pessoas. Com a aproximação da aposentadoria, começa a pensar sobre o que fazer com seu tempo, e isso causa um certo desconforto e incerteza em relação ao futuro. Primeiro por imaginar que será difícil abandonar uma vida profissional tão intensa e ficar na condição de cuidar de alguém na comunidade, ou de ajudar na criação da neta, repetindo um pouco do que foi a sua própria criação. Isso faz com que ela pense em continuar trabalhando até que a saúde lhe permita e então o seu tempo já estaria bem ocupado, não tendo assim a preocupação de buscar o que fazer.

Ana é uma pessoa que viveu sua juventude em um tempo em que muitas coisas que hoje são livres para ambos os sexos não as eram, mas não deixou de viver aquilo que era permitido, e até mais do que isso, foi além na sua formação escolar do que o foram seus avós e seus pais, caracterizando a idéia de que o estudo permanece e leva mais longe que qualquer outro patrimônio que possa ser deixado por alguém a seus filhos.

Precisou ainda criança deixar a casa dos pais para ir morar com seus avós, a fim de buscar sua realização nos estudos e na busca de uma profissionalização.

Diz nunca ter se sentido discriminada, mas relembra com angústia os momentos em que ficava em casa limpando, passando roupa e fazendo comida, ditos “deveres de mulher”, enquanto seu marido e os filhos passeavam na praia e no clube nos finais de semana. Não demonstra rancores por haver abdicado dos estudos durante o período em que acompanhou o marido no seu mestrado em outra cidade, dizendo que “ele” quis casar e não que decidiram casar ou viverem juntos a partir daquele momento, mas a sua voz e suas lágrimas deixam dúvidas quanto a esta afirmação.

Profissionalmente, é uma mulher realizada, tem o carinho dos alunos expressos em palavras e abraços carinhosos, o respeito dos colegas e amigos pela sua postura como professora e, agora, como Diretora desta Unidade de Ensino Descentralizada do CEFET-ST.

Desempenhou, em alguns momentos, simultaneamente, os papéis de mulher, mãe, esposa, estudante, professora, amiga e filha. É uma mulher capaz de superar percalços e enfrentar desafios.

Ana teve momentos marcantes em sua vida, obstáculos que poderiam tê-la feito, apenas, manter-se no papel de mãe e deixado de lado os seus objetivos profissionais, mas não o fez, muito pelo contrário, foi exatamente nos momentos mais difíceis e quando parecia mais trabalhoso desempenhar vários papéis simultaneamente que ela buscou forças para se aprimorar na profissão, garantindo seu espaço embasado pelo seu fazer profissional.

4.3 Trajetórias lineares: o caminho contínuo e definido ao longo da vida

4.3.1 Iracema: A persistência é o seu lema

Contexto da entrevista

A entrevista narrativa com Iracema estava agendada para o período de 12 a 15 de setembro, durante o XXXI REDITEC (Reunião dos Dirigentes das Instituições Federais de Educação Tecnológica), em Florianópolis, Santa Catarina. Já tínhamos conversado por telefone um mês antes e a Prof^a. Iracema tinha se mostrado totalmente receptiva para conceder a entrevista. Quando tive a oportunidade de também participar desse evento em Santa Catarina, não só lhe telefonei para agendar a entrevista como também decidimos dividir o mesmo quarto de hotel e, assim, ter bastante tranquilidade para conversarmos não só sobre o assunto em si como também sobre outros contextos das nossas vidas, estabelecendo um estreitamento na relação de amizade, a qual já tínhamos começado há mais tempo. Eu já conhecia a Prof^a. Iracema há muitos anos (de nome) primeiro pela situação que ela tinha vivido com relação às eleições para Diretora do CEFET-HD, sem ter podido assumir por problemas que ela mesma relata na sua entrevista, o que a tornou conhecida na rede CEFET, e depois em momentos que estivemos juntas em Brasília e em Manaus durante reuniões do CONCEFET (Conselho dos Dirigentes dos CEFETs). Assim que ficamos no mesmo quarto, conversamos, fomos para as reuniões, e no segundo dia do evento, mais precisamente no dia 13 de setembro, à tardinha (19h), partimos para a entrevista, que transcorreu em um clima de bastante tranquilidade e confiança. O tempo da entrevista foi de, aproximadamente, 50 minutos e, após, continuamos conversando e participando das atividades previstas para aquele período. Ao final, a Prof^a. Iracema se colocou à disposição para outros esclarecimentos se assim fosse necessário.

Perfil da entrevistada

Iracema tem 54 anos, é negra, casada, tem três filhos: dois homens e uma mulher e um neto. Os pais de Iracema tiveram nove filhos e já são falecidos. Uma irmã de Iracema também é falecida. Seu pai tinha o ensino fundamental e trabalhava como

autônomo, e sua mãe também tinha o ensino fundamental completo e era doméstica. Seu marido é técnico em manutenção e possui o curso superior completo.

Sua formação é Técnica em Eletrotécnica e Licenciada em Pedagogia e Sociologia. Todo o seu estudo da primeira série do ensino fundamental ao curso superior foi feito em escola pública.

Começou a trabalhar como estagiária na Escola Técnica e depois como professora no mesmo local, onde está até hoje. Paralelamente ministrou aulas nos cursos de licenciatura na Universidade Estadual do seu estado.

Ingressou no CEFET como estagiária em mil novecentos e setenta e quatro e logo passou a professora. Durante seu percurso dentro da Instituição foi coordenadora de curso, integrante de comissões de avaliação docente até assumir a direção geral em fevereiro de dois mil e seis.

Da infância à juventude - A vida em família

Iracema começa o relato sobre sua vida do momento em que ela tem envolvimento com o CEFET, ou com a Escola Técnica, que era o nome da Instituição antes de se transformar em CEFET, e só passa a falar sobre sua vida familiar quando a entrevistadora lhe faz a pergunta específica sobre o assunto, como se vê a seguir.

Y: Uma coisa que seria interessante saber é um pouco a história da tua família de onde eram teus pais, falar um pouco sobre a tua infância sobre a tua família de casa mesmo.

Af: Ah tá. Eu nasci na verdade eu não nasci na capital eu nasci na Cidade-CA de onde eram os meus pais, mas eu muito pequena ainda nós mudamos pra Estado-GM porque meu pai trabalhava e precisava viajar então nós fomos para Estado-GM e moramos lá durante oito anos quando eu saí de Estado-GM eu tinha sete anos, não, moramos durante eu não sei quanto tempo eu sei que quando eu cheguei no Estado-HD eu tinha oito anos tanto que eu fiquei- quando nós chegamos voltamos pro Estado-HD e aí nós fomos morar em Cidade-SL e aí eu fui, nós fomos, eu sou de uma família grande, nós somos nove irmãos.

Y: Puxa! (L.82-93).

Iracema nasceu numa cidade do interior do Estado-HD e, ainda pequena, seus pais se mudaram para uma cidade de um outro estado da Federação. Quando ela tinha oito anos, pelo que recorda, retornaram ao Estado-HD e agora para morar na capital, Cidade-SL. Ela relembra que a família era grande, pois seus pais tinham tido nove filhos.

O trabalho de seu pai foi o que ocasionou a mudança de cidade. Primeiramente saíram de uma cidade do interior para outra, depois retornaram à cidade de origem e, posteriormente, passaram a residir na capital. Iracema não se detém em minúcias sobre

a sua infância e nem sobre o trabalho específico do pai, a não ser salientar que ele era autônomo, ea mãe tinha a grande tarefa de gerenciar uma casa, cuidar e educar nove filhos.

Durante o transcorrer da entrevista, não fica totalmente claro se todos os irmãos acompanharam a família nesses deslocamentos, mas o “nós”, sempre utilizado, é que permite pensar que foi isso que aconteceu.

Af: Eu sou assim a irmã do meio e aí nós fomos assim estudar, sempre estudando em escola pública eu venho de uma família humilde, de uma família trabalhadora sacrificada também né mas assim eu tive uma infância legal, uma infância boa bem assistida pelos pais graças a Deus, mas que também não foi por muito tempo porque aos 15 anos eu perco minha mãe e aí também eu passo a ter uma-uma responsabilidade maior com a família eu sempre fui a provedora de família porque aos 15 anos quando minha mãe morreu meu- já estava, logo depois, dois anos depois meu pai também morreu e eu era a mais velha, solteira na família porque os meus irmãos maiores já eram todos casados então na verdade eu fico com uma responsabilidade muito grande com os quatro irmãos menores e concluí os estudos na Escola Técnica comecei a trabalhar e aí provedora da família mesmo de tá ajudando de tá fazendo os irmão trabalharem di tá- di estudar primeiro então todo mundo estudou meus irmãos nem todos tem nível superior alguns tem só tem até o nível médio por preguiça de estudar eu julgo isso eu sempre digo a eles que foi preguiça de estudar mas todo mundo bem graças a Deus todo mundo hoje muito bem eu só perdi até hoje ^ouma irmã^o no mais é isso(L.94-109).

Iracema é a irmã do meio desses nove irmãos. Diz ser de uma família humilde e, ao fazê-lo, está se referindo à condição financeira a que pertenciam e ainda reforça ser de uma família trabalhadora e sacrificada, sendo que o “sacrificada” não foi detalhado por Iracema. Ressalta que tiveram assistência dos pais na infância e também diz ter sido muito boa, que todos sempre estudaram, registrando, ainda, que estudavam em escola pública e que sempre foi proporcionado a todos os irmãos o acesso à educação. Alguns chegaram a fazer o curso superior e outros não. Ela entende que aqueles que não continuaram os estudos no nível superior, foi por desinteresse, inclusive salienta que sempre diz a eles que não estudaram por preguiça, já que oportunidades eles sempre tiveram.

Quando Iracema tinha quinze anos e concluído o ensino fundamental, sua mãe ficou doente e ela teve que parar de estudar para cuidar dela; em seguida a mãe faleceu. Dois anos após a morte da mãe, o pai também faleceu. Os detalhes desse momento que mudaram bruscamente a vida de Iracema, passando de filha para mãe e pai dos irmãos mais novos, não são relatados durante a entrevista, não que não fossem marcantes para ela, mas porque recordar perdas de tamanho significado é realmente difícil. E assim Iracema, que era a filha mais velha solteira passou a tomar conta dos seus quatro irmãos mais novos. Com dezessete anos de idade e os irmãos mais velhos já casados e

morando com suas famílias, ficou para Iracema o cargo de provedora, mantenedora, de uma família de cinco pessoas, ela e os quatro irmãos. Ela salienta que foi uma grande responsabilidade assumir, ainda na adolescência, todas essas funções. Iracema tinha que ser exemplo para os irmãos nos estudos e no trabalho, e assim foi. Lembra em tom de voz baixa que uma de suas irmãs também já é falecida. Iracema não relata com detalhes nem a doença da mãe e nem a do pai.

Quando começa a relatar sua vida escolar, o faz com bastante ênfase, lembrando de partes que lhe dão saudades até o dia de hoje, como se vê a seguir:

Vivências escolares e os percalços da vida familiar

Ao ser perguntada sobre a sua formação e em que tipo de escola estudou, Iracema passa a relatar com detalhes a sua história escolar.

Y: Legal! E com relação a tua vida escolar assim tu sempre estudaste em escola pública e a tua formação é Eletrotécnica mesmo?

Af: Só estudei em escola pública fiz o primário na época numa escola pública próxima de casa relativamente próxima de casa eu era assim uma excelente aluna era uma escola pública que ela era assim mantida um pouco pelo exército era bem próximo a um quartel do exército e era assim assistida pelo exército então a gente tinha assim mensalmente ou eu não lembro bem se era mensalmente ou bimestralmente não sei era durante um tempo ou ao final de cada unidade de ensino que se apurava as médias de todo mundo aí o exército homenageava aqueles melhores alunos e eu sempre fui homenageada porque eu sempre fui muito boa aluna no primário eu fui excelente aluna @no ginásio eu já não fui assim tão boa@

Y: @()@ (L.133-145).

Reforça que sempre estudou em escola pública e ainda que, durante o primário, foi uma excelente aluna, inclusive sendo premiada com homenagens por suas médias escolares e começa a rir ao falar que no tempo em que fez o ginásio as suas médias não eram tão boas assim. Ao lembrar de sua primeira escola, diz que ela era mantida em parte pelo exército, que acompanhava o rendimento dos alunos, o que resultava em algumas premiações nas quais ela se inseria. Ao narrar essas experiências o faz num tom de voz que demonstra uma certa satisfação e orgulho de suas primeiras vivências na escola.

Af: Eu fiz um primário que eu acho que foi assim a base de toda a minha vida escolar um primário muito bom, numa escola pública, professoras excelentes que até hoje eu tenho eu tenho assim um carinho muito grande e elas ainda vivem ainda graças a Deus foram pra minha posse quando eu-eu tomei posse como diretora elas foram e foi assim muito emocionante e são duas pessoas assim que foram minhas primeiras professoras pessoas muito muito especiais na minha vida, fiz o ginásio também numa escola pública(L146-153).

Iracema atribui aos ensinamentos que recebeu das suas professoras na escola primária a base de toda a sua vida escolar, reforçando a qualidade de ensino que existe na escola pública. Tem por suas primeiras professoras um carinho especial e mantém a amizade com elas até hoje. Salaria ainda que compareceram a sua posse quando se tornou Diretora, o que a emocionou muito. Reforça que fez o ginásio também em escola pública e que logo em seguida teve que interromper seus estudos em função da doença de sua mãe, como se vê a seguir:

Af.:O ano de 70 eu não estudei porque a minha mãe ficou doente e eu fiquei com ela em casa cuidando dela então durante o ano de 1970 eu não estudei e se eu tivesse estudado em 1970 certamente eu teria feito o curso normal para ser professora primária porque era assim eu queria ser professora e eu estudava numa escola que é a escola tradicional de formação de professor primário na Cidade-SL que era o Instituto CIA que era uma escola que era referência melhor escola pública para o ensino de professor então como eu fiz o ginásio certamente eu teria dado continuidade, mas aí eu tive que interromper quando eu concluí o ginásio porque foi exatamente quando minha mãe já estava doente e eu tive que ficar com ela daí eu fiquei durante o ano com ela em 1970 em julho ela veio a falecer (L.154-164).

Iracema salienta que fez o ginásio em uma escola pública muito boa e que era referência na formação de professores para a escola primária, e que só não seguiu neste caminho, no segundo grau, e se tornou professora primária, porque a sua mãe ficou doente e ela parou um ano de estudar e ficou cuidando dela. A questão do “ser professora” acompanhou Iracema mesmo na mudança de rumo que essa parada nos estudos ocasionou.

A opção pelo curso de Eletrotécnica: dificuldades de aceitação

Iracema começa a contar sobre a sua opção pelo curso Técnico em Eletrotécnica, curso este na forma integrada em que, juntamente com as disciplinas da cultura geral do segundo grau, cursava as disciplinas da área técnica, na então Escola Técnica Federal como sequência dos seus estudos.

Af.:Aí surgiu a possibilidade de fazer o concurso da Escola Técnica, isso porque uma prima minha com os amigos iam fazer e me convidaram pra fazer e eu aí fui e por acaso mesmo porque eu fui no último dia fazer a inscrição no último dia, na última hora, do último dia...então eu fiz e passei e aí comecei fiz os três anos de Escola Técnica de 71 a 73(L.164-174).

Iracema foi motivada pelos amigos e sua prima a fazer a inscrição para a Escola Técnica e prestar a prova do processo seletivo para ingresso em um dos cursos. Ela conta que foi uma casualidade, pois não vislumbrava essa perspectiva e então foi fazer

sua inscrição no último momento. Fez, passou e cursou o segundo grau profissionalizante de 1971 a 1973 com muitas dificuldades, como se vê no decorrer da sua fala:

Y: E o estalo assim para escolher o curso de Eletrotécnica como é que aconteceu?
 Af: Ah! É bem interessante você me perguntar isso sabe por quê? porque na verdade eu não tinha idéia do que era, então na época em que eu fiz o curso de Eletrotécnica na Escola a Escola tinha o curso de Mecânica, Eletrotécnica, Estradas, Edificações, Química, eram só esses porque era por áreas, então eu olhei assim o nome dos curso falei, poxa química eu não suporto, não sabia bem o que eu ia fazer aí olhei, olhei, olhei o curso assim mais extenso escrito maior eu, olha vai ser esse aqui, aí eu não sabia nem o que era...a gente ia de ônibus então as pessoas perguntavam ah que bom que você estuda na Escola Técnica qual o curso você faz? Aí eu falava Eletrotécnica, aí começaram a dizer assim sempre que eu dizia Eletrotécnica aí as pessoas faziam uma admiração e falavam tem várias que me falaram assim você é louca como é que você vai fazer Eletrotécnica mulher não pode mexer com eletricidade mulher. Você vai subir em poste e aí eu comecei a ter uma ogeriza pelo curso eu comecei a achar que realmente não ia dar certo e pra piorar eu tinha um professor de química que era um horror então eu tirei nas duas primeiras unidades eu tirei dois na primeira e zero na segunda aí eu falei vou desistir do curso então aliado a toda aquela discriminação ainda havia esta possibilidade porque eu não tava conseguindo andar em química porque o professor era um professor assim muito chato e ele-ele-ele na verdade ficava me olhando o tempo inteiro na sala e aí eu ficava inibida e na prova me dava mal e eu sentava sempre a frente porque eu era a única mulher não ia sentar lá no bolo aí eu sentava sempre na primeira fila e ele ficava o tempo inteiro me olhando e eu ficava muito constrangida e durante a prova eu me estragava mas aí na terceira unidade eu me lembro eu tinha um colega assim muito apegado a mim e muito levado né na turma ele falou assim olha eu falei pra ele eu vou desistir do curso eu não vou conseguir passar em química e não vou ficar aqui perdendo tempo eu vou arrumar outra coisa pra fazer ele falou não vai desistir nada(L.185-214).

A entrevistadora lança uma pergunta sobre o que levou Iracema a escolher o curso técnico de Eletrotécnica e ela responde que foi por uma questão de opção sem saber do que se tratava, ou por exclusão dos demais. No momento da escolha e lendo os nomes dos cursos oferecidos, ela foi logo excluindo o curso de Química visto que ela não gostava de química e, sobre os outros, como não sabia do que se tratavam, escolheu aquele com o nome mais extenso e foi ver em que consistia tal denominação.

Na época, os alunos da Escola Técnica usavam uniforme e, enquanto iam e vinham da escola, a população que admirava o trabalho dessa Instituição de Ensino, perguntava a Iracema qual o curso que ela estava frequentando. Causava espanto o fato de cursar Eletrotécnica, e as pessoas argumentavam se tratar de curso masculino, que determinadas atividades não eram próprias para uma mulher, como subir em postes e mexer em eletricidade. Essas falas discriminadoras começaram a causar uma certa aversão pelo curso o que, aliado à dificuldade encontrada na disciplina de química, começou a levantar dúvidas sobre estar no caminho certo.

Chegou mesmo a pensar em desistir do curso, mas um colega estimulou a

continuar oferecendo, inclusive, ajuda na disciplina de química. Foi então que Iracema buscou todas as suas forças, estudou muito e conseguiu vencer.

A par da dificuldade com a disciplina, estava o fato de o professor ter atitudes que constrangiam a única menina da sala de aula, Iracema. Como ela mesma diz, “na verdade ficava me olhando o tempo inteiro na sala e aí eu ficava inibida e, na prova, me dava mal”. Ela sentava bem na frente, e o professor ficava olhando muito para ela, o que lhe ocasionava um desconforto e um nervosismo extra, dificultando o seu desempenho nas avaliações.

A maneira indiscreta do professor para com uma menina sozinha em uma sala de aula cheia de homens, fazia com que ela se sentisse mais inferiorizada do que propriamente o era. Mesmo a ajuda dos colegas não conseguia apagar a influência negativa que o comportamento do professor causava ao seu pensamento, rendimento escolar e modo de ser. Ela faz questão de fazer uma ressalva quanto ao sentimento de pioneirismo no ingresso nesse curso que ela e os demais consideram “bem masculino”:

Af.:Aí eu já quero fazer uma ressalva que eu fui aluna de um curso que na época era um curso masculino, né eu fui aluna de Eletrotécnica que era assim um curso bem masculino pra você ter idéia eu fui a única mulher da turma eram 28 homens e eu era a única mulher da turma sendo a segunda na Escola Técnica Federal do Estado-HD a segunda mulher do curso nesse tempo(L.32-37).

Iracema faz uma ressalva na sua fala para salientar que o curso de Eletrotécnica, em 1971, era um curso bem masculino, e que ela era a única mulher na sala de aula, em uma turma de 29 alunos, e ainda, foi a segunda mulher dentro daquela escola a fazer este curso. Apesar dessas dificuldades, ela foi em frente e se dedicou a estudar muito para vencer os obstáculos que iam se apresentando.

Af.:Falei não eu vou estudar e vou fazer a prova daí na outra unidade, eu estudei bastante e aí consegui tirar um 8,0 e fiquei na média de fazer prova final, porque na época tinha prova final e ainda tinha segunda época não sei se era segunda época ou não, mas era uma outra chance uma recuperação, sei lá, só sei que eu fiz a prova e acabei passando aí eu tive essa dificuldade no curso, né, porque além das pessoas fazerem assim hum mas é todas as pessoas que me perguntavam que eu falava que eu fazia Eletrotécnica aí todo mundo fazia, mas você é louca mulher não pode fazer Eletrotécnica aí o que é que eu fiz a partir de um determinado tempo eu comecei a dizer que eu fazia química todo mundo que me perguntava @o que é que você faz@ Y: @()@(L.235-245).

Iracema enfrentou o desafio da disciplina de química com muito estudo e acabou conseguindo a sua aprovação. Ao recordar deste episódio, ela não lembra bem como se chamavam as avaliações e reavaliações que teve que fazer para conseguir a aprovação, mas, o resultado final foi esse.

Recorda de falas bem enfáticas, tais como, “mas você é louca mulher não pode

fazer Eletrotécnica” quando descreve a discriminação que sofreu ao começar o curso, tão forte que ela passou a responder que fazia química, quando perguntada sobre o curso. Iracema ri ao se lembrar desse momento de sua vida, em que a mentira sobre a profissão lhe aliviou de falas discriminatórias:

Af: Falava, Química, ah bom! que bom curso, ótimo, você vai se dar bem não sei o que, e aí ficou então eu fiquei assim eu falava que era Química e tava fazendo Eletrotécnica e eu mesma não acreditava muito em mim com o que eu tava fazendo eu falei meu Deus esse curso não vai dar certo pra mim não tem como dar certo mas aí deu tudo certo a gente até pensava que tinha mais dificuldades(L.246-250).

Iracema começou a acreditar nas falas dos outros e vivia numa vida de faz de conta, e isso suscitou dúvidas em si mesma sobre a sua capacidade para desempenhar a sua atividade como Eletrotécnica, mas ela confessa que pensou ter mais dificuldades do que realmente tinha e que, no final, tudo deu certo. A maneira como ela entende que tudo deu certo está na continuação do relato de Iracema do qual parte por parte será transcrito com as colocações pertinentes. A seguir, vê-se como ela continua dentro da Escola Técnica, após ter concluído o curso técnico em Eletrotécnica.

De auxiliar de ensino a professora da Escola Técnica

Quando a entrevistadora fez a pergunta inicial para Iracema, foi dessa fase que ela começou a relatar sua história como se o todo se resumisse ao seu ingresso na Escola Técnica e o que aconteceu a partir daí. Talvez pela colocação por parte da entrevistadora do seu objeto de pesquisa, o “sobre tudo” foi entendido como sobre tudo a respeito desta parte de sua vida. No entanto, no decorrer da entrevista, outros momentos foram narrados por Iracema, e assim, se pôde conhecer mais detalhes da entrevistada.

Y: A Profª Iracema, do CEFET-HD. Então profª sabe que estou fazendo o projeto do mestrado sobre a trajetória de mulheres nas gestões dos CEFETs e eu gostaria muito de conhecer a sua história de vida então a senhora poderia contar assim tranquilamente com tempo sem pressa sobre tudo que a senhora julgar importante da sua história.

Af: Desde o início?

Y: Desde o início. Sobre tudo

Af: Então, fui aluna da Instituição de 71 a 73 e em 74 eu fico como estagiária e a partir daí atendendo aquele ao plano de expansão de acordo com a Lei 5692 que foi aquela de 71 que foi aquele bum do ensino técnico então as escola precisaram de recrutar alguns ex-alunos pra poder dar conta da parte prática na verdade a gente fazia a gente era chamado de auxiliar de ensino porque a gente trabalhava nos laboratórios e oficinas nas escolas, é principalmente montando estes laboratórios(L.1-15).

Iracema inicia sua narrativa a partir da experiência como aluna na Escola Técnica de 1971 a 1973 e de seu ingresso como estagiária na Instituição. Diz que em 1971 houve um “bum” no ensino técnico para atender ao plano de expansão previsto pela Lei 5.692¹⁶ o que promoveu a necessidade de montagem de laboratórios para que houvesse também aulas práticas juntamente com as aulas teóricas. Foi necessário que as escolas se adaptassem a essa realidade e, então, muitos alunos formados nas Escolas Técnicas foram contratados como estagiários para os laboratórios criados nessas instituições. A função desempenhada por Iracema corresponde à “auxiliar de ensino” e, além de ajudar na montagem dos laboratórios, ela ajudava na preparação da parte prática das disciplinas.

Af.: O ensino técnico estava assim em franca expansão e essa expansão do ensino técnico se dava em função também de um grande bum do mercado de trabalho então era normal que os professores que lá estavam professores que foram contratados a partir do seu término do curso da própria escola eles começaram a sair por conta da chamada do mercado de trabalho então era assim uma gran- grande disputa no mercado de trabalho bons salários tal então nesse-nesse tempo de 74 a 75 saíram todos os que já estavam na escola e aí nós tivemos que assumir sala de aula então a partir daí a gente se torna professores assim sem mesmo sem a formação de professores por conta dessa necessidade porque não existia também professores formados para as disciplinas específicas dos cursos (L.23-32).

Assim como o ensino técnico estava em expansão, o mercado de trabalho também estava, e como os salários nas empresas eram mais atrativos do que a remuneração do professor, houve uma migração dos professores das Escolas Técnicas para o mercado, deixando uma lacuna nas Escolas. Os auxiliares de ensino passam a atuar como professores e, dessa forma, Iracema se torna professora das disciplinas específicas da área de Eletrotécnica. A formação docente se deu mais tarde.

Nesse momento, unem-se o antigo desejo em ser professora, quando da idéia em fazer o curso “normal” na escola que frequentara, a formação técnica adquirida no Curso Técnico em Eletrotécnica e a oportunidade em exercer a docência na escola técnica.

Uma outra questão a ser considerada é de que com toda a oferta de trabalho no mercado, Iracema não se dispõe a se inserir nesse meio, procurando alguma empresa para trabalhar. Talvez pelo medo de mais uma vez ter que enfrentar a discriminação que dentro da escola tinha conseguido superar.

Af.: Então aí a gente começa a ensinar mesmo sem a formação de professor daí veio aquela necessidade de se fazer a complementação de estudos para que se tornasse regular a situação aí entra o CENAFOR então o CENAFOR foi assim um-um serviço que muito bom por sinal na época então se instituiu os esquemas I e II que eram era

¹⁶ Maiores informações ver Lei 5.692/71. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm> Acesso em: 1º de out. 2008.

uma forma é:: digamos assim aligeirada de se dar a complementação de estudos de se regularizar a situação(L.35-43).

A partir do momento em que se torna professora, surge a necessidade de fazer a formação para desempenhar a função tanto pela parte pedagógica como pela parte legal que exigia o terceiro grau para exercer a docência.

A forma encontrada pelas Escolas Técnicas em quase todo o país para capacitar seus professores foi oferecer os Esquemas I e II¹⁷, e foi essa a primeira formação em nível superior que Iracema fez, mas não foi a única, como se vê no decorrer do relato.

Af.: Com relação a minha vida @()@ claro eu entrei na escola ainda muito nova muito jovem com 21 anos eu já estava ensinando na escola e aí a gente vai- a vida da gente vai se fazendo dentro da escola, fazendo::o mas também foi um tempo muito duro né quem assumiu a escola técnica na época, nessa década assumiu também com uma com uma certeza de que haveria muitas dificuldade do ponto de vista da vida gente porque a gente tinha uma carga horária imensa e, por exemplo, eu dei **38 aulas por semana** durante um bom tempo eu trabalhei dando 38 aulas por semana de segunda a sábado, então era dureza né(L.58-66).

Iracema conta que começou a sua vida como professora, quando ainda era muito jovem, pois tinha somente vinte e um anos de idade e que, nesse período, a Escola passava por um momento difícil, de bastante recessão, ou seja, poucos professores para muitas aulas. Iracema narra enfaticamente que ministrava **38 aulas por semana**, de segunda a sábado. Ao fazer seu relato, percebe-se que relembra o início de uma caminhada que começa na sua juventude e que perpassa toda a sua vida. Quando fala “a vida da gente vai se fazendo dentro da escola”, descreve o resumo do que tem sido sua vida profissional desde 1974 até o dia de hoje. Uma sequência de desafios, percalços e construção.

Af.:Não é fácil você terminar um curso e, de repente, você ir pra dentro da sala de aula e, na época, os alunos não eram assim adolescentes, eram muito mais maduros os alunos né em geral eram turma assim quando eu dei aula tinha muita gente nas turmas que eu dava aula que era muito mais velho que eu, eu era muito jovem, ainda então eles me olhavam mas assim eu sempre mantive@ ()@ uma certa distância, eu consegui assim com a ajuda do Professor-RS é claro porque ele sempre me encaminhava a sala, ela vai ser professora de vocês eu vou estar aqui por perto não sei o quê, então dava pra gente levar foi assim @(1)@.(L.251-259).

O começo em sala de aula foi difícil, pois além da idade, ela não tinha experiência profissional e nem formação para desempenhar a atividade docente e, mesmo assim, enfrentou esse desafio. Os alunos, em sua maioria, eram pessoas mais velhas e maduras. Traziam suas experiências e buscavam a formação profissional. A estratégia

¹⁷ Curso de Esquemas I e II para Formação de Professores de Disciplinas Especializadas. Mais informações podem ser obtidas na Portaria Ministerial 432/71.

que usava era manter uma certa distância para que a respeitassem como mulher e como professora. A fim de ser respeitada pelos alunos, um professor de sexo masculino realizava o papel de vigia protetor. Foi este professor, que era o coordenador do curso de Eletrotécnica, quem a convidou para ficar como estagiária e, em seguida, a convidou para dar aulas, conforme conta em outro momento da entrevista.

Na sequência, tem-se a continuação da vida de Iracema no que diz respeito ao casamento e aos filhos.

O casamento e os filhos - Uma afinidade muito grande

A vida matrimonial de Iracema é relatada de forma compacta e sem muitos detalhes.

Af.:Aí e aí aos 25 anos eu casei tive três filhos maravilhosos, graças a Deus tenho um neto, hoje um netinho de dois anos e daí pra cá é isso tenho 30 anos de casada com uma pessoa que a gente tem assim uma afinidade muito grande, os nossos três filhos- eu tenho uma filha que vai fazer 30 anos, um vai fazer 27 e outro vai fazer 22(L.109-113).

Iracema não descreve como conheceu seu marido, somente diz que quando tinha seus vinte e cinco anos casou-se e teve seus três filhos, salientando que são maravilhosos. Desses filhos, a mais velha é do sexo feminino e, os outros dois, do sexo masculino. Conta ainda que tem um netinho de dois anos. Relata que está casada há trinta anos e que existe, entre os dois, muita afinidade.

A descrição da vida de casada, três filhos, trabalho e estudo, faz com que a entrevistadora lhe dirija uma pergunta sobre como foi a administração de tudo isso, e Iracema passa a descrever como sempre administrou todas as suas incumbências.

Y: Que lindo@()@. Bom outra coisa assim que é importante né já que tu falaste que tens filhos como foi assim o teu dia-a-dia nessas diferentes funções né que tu exerces de mãe irmã, esposa, trabalhadora?

Af: Difícil né e estudante

Y: E estudante ainda.

Af:Eu sempre estudei à noite eu ainda depois que eu fiz o curso de licenciatura, eu fiz também o curso de Administração em Sistema Escolar até porque eu moro perto de uma Universidade, né eu moro bem perto da Universidade do Estado-HD de onde eu também fui professora eu pra aproveitar o tempo né essa dinâmica da gente, a gente tem que aproveitar e pra aproveitar o tempo eu fiz o curso de Administração em Sistema Escolar à noite que também era uma licenciatura plena com habilitação em pedagogia e sociologia (1) e ainda criando os filhos né e como eu tinha os meus irmãos e a minha irmã logo depois de mim ela morou comigo por muito tempo então ela era assim a pessoa que tomou muito mais conta da minha casa do que eu(L.114-128).

Iracema relata que como morava perto da Universidade e para aproveitar o tempo, ela continuou a estudar e fez o curso de Administração em Sistema Escolar com habilitação em Pedagogia e Sociologia e que sua casa era mais administrada por sua irmã mais nova, que morava com ela, do que por ela mesma, assim como a criação de seus filhos. Iracema diz ter estudado a noite, visto que durante o dia precisava trabalhar para sustentar a sua casa e aqueles irmãos que ficaram com ela após a morte dos pais. Essa intensidade na batalha diária é contada por ela como individual. Pouco inclui o parceiro na divisão das tarefas e despesas indispensáveis no sustento diário de uma família.

A irmã foi fundamental para que Iracema pudesse desenvolver as inúmeras atividades que se apresentavam na sua vida. No entanto, o fato de deixar ao encargo de outra pessoa a condução de sua casa e a criação de seus filhos não é uma opção, mas a opção que lhe restou, visto que lhe coube a grande responsabilidade no sustento dos irmãos e ainda de sua própria família. Não comenta muito sobre a contribuição financeira de seu parceiro, mas num outro momento da entrevista registra que ele esteve muito tempo desempregado. Sendo assim, o senso de responsabilidade lhe tirou a oportunidade de “curtir” com mais intensidade os momentos de ser mãe, e a vida profissional ficou à frente da pessoal.

Af.: É em 1980 eu também fui ensinar na Universidade do Estado-HD porque também era uma necessidade e lá nós tínhamos a formação para professor licenciatura plena plena mesmo sem ser aquele ensino mais assim intensivo como foi o esquema II mas assim licenciatura plena então nós tivemos ficamos durante 13 anos na Universidade do Estado-HD fazendo ensinando ao curso de licenciatura plena em eletricidade para termos então um quadro de professores que depois vieram a assumir, na verdade aí da Escola Técnica(L.49-55).

Conta que durante treze anos contribuiu na formação de professores em licenciatura plena em Eletricidade junto à Universidade do Estado-HD, e que os estudantes vinham depois assumir as disciplinas das áreas técnicas da própria Escola Técnica, o que era uma grande necessidade. Desempenhou este trabalho paralelamente ao de professora da Escola Técnica. A responsabilidade de Iracema extrapola o comum. Quando diz que lecionava na Universidade para ter um quadro de professores que viessem a assumir as disciplinas técnicas na Escola Técnica, parece chamar para si a função de suprir essa lacuna dentro da instituição, principalmente por ser um período em que não atuava na gestão, sendo somente uma professora.

Os estudos de Iracema foram até a Especialização, como ela conta a seguir:

Af: Então a gente teve durante esse tempo e até- até 90 mais ou menos uma

dificuldade muito grande de sair pra estudar nenhum diretor deixava a gente sair até porque os- eles achavam que o professor de escola técnica não precisava ir além da especialização então era assim um discurso dos diretores das Escolas né aquele ensino bem tecnicista e ninguém cresce e ninguém faz nada e a gente essa vida dura dentro da escola com o compromisso da fazer aquela escola crescer a gente ficou por muito tempo então todos os professores que vieram dessa década eles tiveram muita dificuldade então a gente tem teve muita dificuldade então aí a gente só fez a especialização e aí a gente vem trabalhando pra fazer o mestrado até hoje a gente ainda tá dando duro pra fazer o mestrado(L.68-77).

A formação além do curso de especialização não era uma prática muito usada pelos diretores das Escolas Técnicas antes da década de noventa ou dois mil, antes pelo contrário, eles entendiam que não havia tal necessidade e defendiam o estudo bem tecnicista. Para Iracema, não foi diferente. Ela fez a especialização e, até hoje, não conseguiu fazer o mestrado. Fora isso, trabalhou muito para fazer a escola crescer cada vez mais.

Teve um período, durante o governo Collor, em que a família de Iracema passou por dificuldades, conforme relata a seguir:

Af.:Tive uma dificuldade muito grande que eu esqueci até de colocar porque no governo Collor meu marido perdeu o emprego ficou oito anos assim desempregado quer dizer não sem fazer nada mas desempregado porque ele já tinha 40 anos e com 40 anos não encontra emprego mais é assim né então mesmo assim eu me mantive eu acho eu fui coerente o tempo inteiro (L.503-508).

Quase ao final do seu relato, Iracema lembra que teve um período bastante grande, oito anos, em que ela e seu marido passaram pela dificuldade de ele ficar desempregado por todo este tempo. E então ela é que manteve a parte principal de sustento da família, e ele fazia algumas atividades temporais, mas sem um emprego fixo.

Quando conta que se manteve coerente, não explicita se foi em relação ao seu trabalho ou a sua convivência com o marido, mas fica claro que isso foi um grande transtorno na sua vida quando salienta ter sido uma grande dificuldade. Sabe-se que o desemprego, além da falta do dinheiro, ocasiona no homem a necessidade de ser sustentado por uma mulher. Ao dizer “eu me mantive”, pode ser entendida uma explicação onde foi ela que administrou não só a busca do sustento, mas também que o fez de alguma forma que ele não se sentisse inferiorizado e assim se mantiveram coerentes o tempo inteiro.

Ao perguntar sobre o que faz em seu tempo livre, Iracema relata ser voltada às atividades em família, alguns compromissos sociais, cinema, teatro e curtir a companhia do neto em sua casa de praia.

Y: E no teu tempo livre, lazer e tempo livre assim o que que você gosta de fazer, costuma fazer, tem tempo pra fazer?

Af.: Eu sou muito simples, eu sou uma pessoa assim muito quieta até muito parada eu sou uma pessoa eu não bebo, eu não fumo, eu não gosto muito de muita coisa não, mas a gente faz assim quando os meninos ainda eram menores a gente saía muito mais porque tinha aquela obrigação até de oferecer lazer as crianças hoje os meninos são todos adultos então eles têm os programas deles e eu e meu marido ficamos assim a gente tem uma casa de praia aqui a gente usa muito porque ela fica próxima de Cidade-SL não fica muito distante então todo final de semana praticamente a gente vai quando não tem nenhuma obrigação social que a gente tenha que atender a gente vai pra casa de praia a gente fica lá descansando e é bom e assim eu gosto muito de cinema teatro algumas vezes não sou muito de tá toda semana mas alguns finais de semana a gente escolhe uma final de semana vai pro cinema outro final de semana vai pro teatro e agora com meu neto de dois anos eu me ocupo muito com ele adoro ficar com ele então ele mora distante então nos finais de semana que eu não tenho nada pra fazer eu trago ele pra junto de mim e fico com ele no final de semana.(L.536-552).

Iracema se descreve como uma pessoa quieta, simples e sem vícios. Quando tinha os filhos pequenos ela e o marido procuravam fazer atividades que proporcionassem lazer às crianças, mas agora que eles estão grandes e que cada um tem a sua própria vida, eles levam uma vida tranqüila. Escolhem alguns finais de semana para ir ao cinema, ou ao teatro, ou a alguma responsabilidade social. Na sua maioria, se deslocam para a casa de praia que é próxima de onde moram e sempre que possível levam seu netinho pequeno para junto deles a fim de ficarem perto, já que ele mora distante e, durante a semana, fica difícil de se verem. Ela diz que gosta muito dele.

A vida pessoal de Iracema é bem tranqüila, mas a profissional é muito ativa. A seguir tem-se o percurso dela pelas diversas coordenações e comissões que passou na Escola Técnica, a qual, em 1993, se transformou em CEFET, e, ainda, como isso tudo resultou nas suas candidaturas para Diretora Geral dessa Instituição.

A vida como professora do CEFET, coordenações de curso e as muitas eleições

A vida de Iracema vai se construindo dentro da escola, através das muitas atividades que desenvolveu como professora, auxiliando em atividades sindicais, desenvolvimento da carreira e nas coordenações e comissões, como se vê no decorrer das falas.

Af.:Mas assim e no mais eu fui coordenadora do curso de Eletrotécnica umas duas, três, quatro vezes é::é como assim também como a única mulher no Brasil, coordenadora de um curso que era masculino aquela coisa toda(L.77-80).

Numa das primeiras falas sobre suas muitas funções na Escola, Iracema relata as diversas vezes em que foi coordenadora do curso de Eletrotécnica, reforçando que sempre era a única mulher nesta função em todo o Brasil e que isso vinha sempre à tona

dentro da Instituição.

Y: @ () @ muito bom né. Bom, mas pra chegar a Diretora Geral que tu és hoje né teve uma caminhada sindicalista, de eleições, de lista tríplice de lista até lista única agora. Então eu gostaria que tu conversasse um pouco me contasse um pouco dessa experiência também desse lado até chegar a Diretora Geral hoje.

Af: Bom a gente começa uma carreira na escola, foi assim, uma carreira que as pessoas começaram a acreditar muito porque eu primeiro a minha-minha primeira experiência foi no sindicato então como eu sempre gostei de-de-de estar fazendo aqueles cálculos de carreira tudo aquilo de estudos de carreira regime jurídico único não sei o que lá, tudo que aparecia de legislação eu gostava de interpretar então foi sempre assim a aí as pessoas sempre e a gente sabe que nas escolas é sempre assim né tem um grande número de pessoas que só querem saber o resultado então sempre me procuravam ah! Iracema eu sei que você já leu me diz aí como é que tá me diz aí como é que ficou e tal, então a gente caminhou junto com o sindicato o tempo inteiro(L.260-273).

A caminhada de Iracema dentro da Instituição até vir a ser Diretora Geral inicia com um relato sobre atividades desenvolvidas no sindicato. Dedicava-se voluntariamente a interpretar as novas legislações, os estudos sobre a carreira e outras informações que diziam respeito a notícias importantes para os servidores. Dessa forma, passou a firmar seu nome de uma forma positiva junto à comunidade.

Af.:Desde que eu fui aluna-aluna que tinha um diretor então nós ficamos assim por muito tempo com um único diretor e ele pretendia ficar novamente e na verdade ele não era de carreira na escola ele era da Universidade Federal que caiu de pára-queças para ser diretor da escola porque o pai dele era senador toda essa história política aí então eu participava eu era da CPPD era não sei do que eu era de tudo que é comissão sempre eu tava no meio então meu nome foi aparecendo na comunidade assim com muita naturalidade é aí em 1990, °foi 90 Iracema?° foi em 90 (2) nós fomos assim nós tínhamos nós tínhamos feito uma eleição para um diretor que tinha feito um acordo com a gente de que durante aqueles quatro anos ele faria uma transição e que depois disso ele sairia, mas que durante aqueles quatro anos ele arrumaria a escola ele não cumpriu então por não ter cumprido a gente falou oh então vamos sair com uma candidatura e aí a gente começou a organizar essa candidatura assim meio que desorganizadamente(L.282-294).

Iracema comenta que o nome do Diretor Geral da Escola Técnica indicado pelo ministro para ocupar o cargo sem haver realizado carreira dentro da Instituição antes de ocupar o cargo de Diretor da Escola do Estado-HD, tratava-se de alguém “da Universidade” com ligações políticas, filho de um senador. Atuava como diretor, desde o tempo em que Iracema era aluna, ou seja, de 1971 até 1990, a escola foi dirigida pela mesma pessoa.

O nome de Iracema foi surgindo como uma liderança natural, sendo uma provável candidata ao cargo de direção geral. O surgimento “natural” citado por Iracema pode ser atribuído ao seu trabalho, visto que sempre estava disponível para colaborar nas necessidades que se apresentavam dentro e fora da instituição, mas que dizia respeito

aos interesses de quem ali estava inserido. Desta forma a luta diária é que foi construindo a liderança e o reconhecimento desta, na pessoa de Iracema.

Nesse período, houve uma eleição na escola, e o diretor eleito fez um acordo com a comunidade de que iria procurar, nos quatro anos, sanar os problemas e dificuldades que existiam e que depois ele sairia da função, o que não aconteceu.

Foi então que houve a necessidade de colocar em prática o exercício da liderança de Iracema e assim começou a sua busca para se inserir à frente da gestão desta instituição. Sendo a primeira vez e com pouca experiência, a campanha teve um início meio desorganizado, mas tomou uma grande proporção junto aos estudantes e servidores. A falta de formação para ser gestor(a) atrapalha no desenvolvimento dessa função e, com isso, a única capacitação obtida por cada um é a sua prática diária, que, na verdade, não prepara para tal, mas pelo menos enfatiza as qualidades de iniciativa e liderança importantes nessa atividade.

A continuidade da campanha é relatada a seguir:

Af.:Aí a gente começou a fazer uma campanha eu, um professor que foi meu aluno, Elton, e um outro professor um colega nosso, um professor de Desenho, um professor de Física e eu de Eletrotécnica aí então vamos então vamos e aí começamos e pra nós pra gente, a gente não ia sair do lugar né a aí pra nossa surpresa começou a crescer a campanha as pessoas começaram a se entusiasmar e achar que era mesmo aquilo que ia dar certo os estudantes então eles achavam que nós éramos a cara deles porque éramos três pessoas ainda jovens o mais velho era o professor de Desenho, mas não era tanto e éramos pessoas diferentes porque na realidade éramos pessoas- o professor de Desenho, ele é homossexual, eu era mulher e negra e o outro professor era um índio(L.299-308).

A chapa para as eleições era composta por três docentes, encabeçada por Iracema, um professor de Desenho e um professor de Física. No começo, eles pensavam que não sairiam do lugar, mas foram surpreendidos pois, as pessoas começaram a apoiar e a se entusiasmar com a formação do grupo composto por candidatos jovens e “diferentes”, como ela mesma diz: “o professor de Desenho é homossexual, eu era mulher e negra e o outro professor era um índio”. Esta composição repercutiu principalmente entre os alunos. A popularidade deixou-os preocupados, pois eles não tinham entrado na eleição para propriamente vencer, mas para demarcar um espaço de discussão e de luta. Em outro momento da entrevista Iracema revela mais detalhes do processo eleitoral:

Af.: Essa campanha vai crescer e a gente vai vencer essa eleição e aí se a gente vencer eu não me acho preparada pra assumir a direção da escola aí o pessoal falou é realmente a gente não tá não viu Iracema não era esse o nosso objetivo e aí a gente falou quer saber de uma? vamos voltar daqui e não fomos a sala mais e não fomos a nenhuma outra sala e ficamos né dando uma enrolada, mas aí foi percebido

claramente que a gente não tava querendo disputar a gente tava querendo apenas marcar e aí a gente claro não ganhou essa eleição não vencemos nessa eleição, mas ficou daquela eleição em diante, ficou marcado e as pessoas achavam assim não Iracema você tem que ser diretora dessa escola, essa escola só conserta com você e que não sei o que então o diretor venceu o então diretor venceu de novo ele ficou mais quatro anos e nesse interim que foi 90 e em 93 nós nos transformamos em CEFET e pra completar o diretor ficou mais dois ou três anos porque fazendo a transição.

Y: como pró-tempore(L.322-335).

A campanha começa a tomar uma certa dimensão e Iracema confessa não estar preparada para assumir a Direção Geral da Instituição. Os colegas concordaram e mudaram a estratégia política, evitando visitas em salas de aula e tudo que envolve uma eleição. Os servidores docentes e administrativos e a comunidade estudantil perceberam a mudança, e eles não ganharam a eleição.

Buscar um objetivo de grande responsabilidade como esse é um desafio que motiva Iracema e o grupo para preparar a candidatura e realizar a campanha. No entanto a possibilidade eminente de ter que assumir tal responsabilidade os deixa inseguros a ponto de desistirem da disputa. No entanto, a euforia e a aceitação da mudança que eles estavam oferecendo, serviu de estímulo para se prepararem a fim de realmente virem a assumir a gestão da instituição. Muitas vezes são desenvolvidas ações que sugerem mudanças, mas participar efetivamente delas é uma atividade que requer mais do que boa vontade, e reconhecer a falta de preparo, nesse momento, possibilitou-lhes um tempo melhor de preparação.

Af.: E daí pra cá a gente começou a trabalhar mesmo achando que não tinha jeito que a gente ia ter que dar a nossa contribuição então passou um tempo eu já podia ter me aposentado, mas aí as pessoas sempre me seguraram muito aí tudo bem foi em 2000 nós então foi de 99 pra 2000 nós então participamos da eleição participamos e vencemos é:::é uma eleição fácil porque a gente tinha assim contava com o apoio não foi uma coisa que nem a gente quisesse mas foi uma coisa imposta pela comunidade não vai ter que ser você e pronto aí fui e aí nós vencemos e aí eu disputei com esse ex-aluno meu que disputou lá no primeiro momento(L.349-357).

Iracema completou o tempo necessário para a aposentadoria, mas continuou trabalhando, pois decidiu que deveria candidatar-se nas próximas eleições para Diretor. Em 1999/2000, participou novamente do processo eleitoral vencendo o pleito. Não foi difícil, já que a expectativa em torno de sua candidatura era grande, principalmente por parte da comunidade. Desta vez ela concorreu com um antigo aliado, de origem indígena e que tinha sido seu aluno anteriormente:

Af.: Aí eu fui candidata ele também mais duas pessoas aí eu venci as eleições por salvo-engano foi 62% dos votos aí seu Elton falou não eu tenho conhecimento político ele era de um partido político e tinha um envolvimento lá com o Paulo Renato na época e tal então ele foi o segundo colocado(L.366-370).

A vitória de Iracema com 62% dos votos concedeu-lhe legitimidade para desempenhar a função, mesmo assim o segundo colocado não ficou satisfeito e insinuou que o seu conhecimento político poderia reverter a situação a seu favor. Nessa época, após a escolha do Diretor pela comunidade, o Conselho Diretor da Escola homologava uma lista tríplice com os três nomes mais votados que era enviada ao Ministério da Educação. A lista foi enviada para Brasília; os três candidatos mais votados foram chamados para uma entrevista na Secretaria de Educação e ficaram aguardando o resultado final, que demorou a sair:

Af.: Quando chegou no final de maio o resultado apareceu e ele foi indicado então ele foi designado pelo ministro pra diretor da escola e aí foi o inferno na Instituição e aí todo mundo se revoltou muito porque agora a revolta maior é que a gente sabia que a lista tríplice podia acontecer esse reverso só que nós tínhamos assinado durante um debate na presença de mais de 300 pessoas da comunidade, nós tínhamos assinado um termo de compromisso de que não sendo o primeiro colocado na eleição na escolha da comunidade não assumiria e aí foi a gota d' água porque quando veio o nome dele e ele assumiu a escola entrou em greve aí ficamos 59 dias em greve e 59 dias sem deixar ele entrar na escola e aí pra-pra fechar a greve assim e a greve só terminou em 59 dias porque duas professoras entraram em greve de fome e aí ficaram durante quase uma semana em greve de fome ele teve muito medo e aí ele foi convidado por políticos a renunciar e aí o J V, que hoje é o governador do Estado-HD foi a pessoa que fez esse meio de campo fez essa negociação com ele que ele devia renunciar porque corria risco inclusive de acontecer alguma coisa com as professoras teve uma repercussão muito grande na imprensa mas foi uma repercussão tão grande que eu acabei ficando famosa assim conhecida como a mulher que @ganhou e não levou e tal@ aí tudo bem então ele renunciou depois de 59 dias exatamente 59 dias ele renuncia e então se discute em Brasília como fica a situação do Estado-HD(L.379-397).

Para surpresa de Iracema e da comunidade, o segundo candidato mais votado foi indicado para assumir a Direção da Escola, mas as pessoas não aceitaram a nomeação em função do compromisso assumido de que se outro que não fosse o mais votado, viesse a ser indicado teria que renunciar para que o vencedor da eleição pudesse assumir. Os servidores entraram em greve por 59 dias e até greve de fome aconteceu. A repercussão foi enorme em toda a cidade, nos jornais, no meio político e na cidade. Havia perigo de acontecer uma fatalidade com duas professoras que já estavam há quase uma semana em greve de fome e então o governador do Estado-HD intercedeu para que ele renunciasse e assim aconteceu.

Com toda essa divulgação, Iracema ficou conhecida como aquela que “ganhou e não levou”. Esse comentário, embora seja narrado por Iracema num tom de riso, vem carregado pelo preconceito da sanção que uma mulher negra pudesse assumir a gestão do CEFET. A “fama” por motivos como esse serve de alerta quanto ao seu significado sendo uma maneira de superar o momento e o que ele realmente preconizou.

E assim passou-se a discutir em Brasília o que fazer com a Escola do Estado-HD:

Af.: E a SETEC achava que devia ter uma nova eleição então fizemos a eleição então, antes dessa eleição, entra um professor indicado pela SETEC muito embora tivesse dito que a gente ia discutir e ia descobrir um nome, quando nós chegamos em Brasília pra levar o nosso nome, o nome do professor Rubens já estava no diário oficial como diretor pró-tempore

Y: Mas que tal.

Af.: E aí deu outra confusão na comunidade né e aí por muito custo a gente conseguiu conter a comunidade e não fazer greve porque não ia adiantar porque também a gente conhecia assim o professor Rubens de como ele era uma pessoa muito diferente do Elton ele ia descontar ponto das pessoas, ele podia fazer um monte de coisa então a gente pediu que não fizessem greve que deixassem tudo como estava e acabou porque ele não havia assinado nenhum termo não tinha feito nada ele era um pro-tempore e vamos agilizar o processo pra que ele não demore muito(L.405-418).

A indicação do nome de quem faria essa transição deveria ser de comum acordo entre os servidores da Instituição e a SETEC, mas quando Iracema chegou com o nome de consenso para indicar, foi surpreendida com a notícia de que a SETEC já tinha indicado o nome de um outro professor para assumir tal função. Mais uma vez o preconceito e a falta de respeito aconteceram e, desta vez, do próprio Ministério da Educação através da sua Secretaria de Educação Profissional quando nomeou a pessoa sem respeitar o acordo feito anteriormente. Tal fato causou nova confusão na comunidade, mas houve um esforço para que ninguém entrasse em greve ou causasse algum constrangimento, pois o professor Rubens era diferente do professor Elton. Esse iria descontar os dias não trabalhados dos servidores, entre outras coisas. Então foi feito um movimento para que lhe deixassem assumir e que se trabalhasse no intuito de fazer logo a nova eleição, até porque era indicação do ministro, através da SETEC, e este não tinha assumido nenhum compromisso em público sobre ser o mais votado para assumir, como tinham feito os candidatos da eleição. Dessa forma foi adiado novamente o objetivo de Iracema.

As tentativas de segurar as manifestações da comunidade demonstram o clima de autoritarismo que existia e cada vez mais estimulava o grupo a lutar pela liberdade e, para tanto, precisavam assumir a frente da instituição.

Af.: Aí organizamos uma nova eleição, fizemos a eleição, aí o professor Rubens que era pro-tempore que inicialmente foi dito pela SETEC que quem fizesse a transição não podia ser candidato pra não usar a máquina pra ter lisura acabou ele sendo candidato e aí fizemos a eleição e eu ganho de novo então eu ganhei de novo só que aí o nome quando foi ser homologado no conselho diretor o professor Rubens fez uma armação dentro do conselho(L.421-427).

Af.: E aí o que é que aconteceu dentro do conselho diretor se deu uma reversão na lista então eu ganhei e quando eu ganhei pra Rubens foi 54% eu vencendo e mesmo

vencendo o meu nome foi em segundo lugar pro MEC e o dele em primeiro por um voto no conselho diretor por um único voto então aí foram dez a onze aí as pessoas também se revoltaram muito mas a revolta ficou contida e aí durante os quatro anos da gestão do professor Rubens foram quatro anos de dificuldade na Instituição(L.437-443).

Foi organizada então a nova eleição e, inicialmente, o Diretor pro-tempore não deveria participar da eleição, pois ele tinha a máquina a seu favor, mas isso não aconteceu, e o professor Rubens participou da eleição. Iracema venceu de novo, mas ao passar pelo Conselho Diretor, o professor Rubens faz uma “armação” e o nome dele passou a encabeçar a lista tríplice, como se ele fosse o vencedor. A distribuição dos nomes na lista a ser enviada ao MEC era disposta através de votação dentro do Conselho. Desta vez, a relação dos nomes não obedeceu ao resultado das eleições e o nome de Iracema foi em segundo lugar na lista e com isso o professor Rubens assumiu pelos próximos quatro anos a direção geral da Instituição. Esse fato causou um grande desconforto na comunidade e ele teve grandes dificuldades em dirigir a escola.

A luta não pôde mais ser sutil, mas muito visível, tamanha a necessidade da busca pelo respeito à democracia. As manifestações de apoio que vieram de todas as partes do país deram o suporte para que Iracema continuasse lutando pelo que já se tornara uma “questão de honra”, ou seja, vir a ser Diretora Geral do CEFET-HD.

Assim passaram-se os quatro anos da gestão mais o ano de pro-tempore e acontece a terceira eleição em que Iracema participa.

Af.: Acabou ficando então teve esses contratempos durante os quatro anos da gestão dele ele ficou cinco anos um ano pro-tempore e mais quatro na gestão e aí veio a terceira eleição

Y: Meu Deus!

Af.: Que mais uma vez a gente eu não consegui fugir disso porque era uma questão de honra da comunidade você tem que estar não tem jeito você não sai porque eu pensei em me aposentar porque eu estava com o meu processo de aposentadoria todo pronto já há anos e não consegui sair não você vai ter que ficar então eu fiquei e aí participei da última eleição só que na última eleição o presidente Lula já havia mudado as regras então acabou de existir a lista tríplice e aí o Decreto estabelecia que a pessoa que tivesse o maior número de votos seria homologado pelo Conselho Diretor e homologado pelo Ministro da Educação e assim foi feito então foi mais uma vez uma concorrência com Rubens e aí nós vencemos assim com 68% dos votos e aí foi isso.(L.455-468).

A história desta trajetória de eleições é tão intensa que a entrevistadora chega a exclamar “Meu Deus” diante de tantas dificuldades para assumir o cargo que já era seu desde a primeira vez que se candidatou e venceu.

Mas a comunidade não deixou que desistisse, e a cada eleição aumentava o desejo de vê-la como Diretora Geral do CEFET-HD. Assim foi indicada pela terceira vez.

Porém, nessa eleição um novo Decreto¹⁸, que entrou em vigor em 2003, determinava que deveria ser enviado para o Ministério da Educação somente o nome da pessoa mais votada acabando a lista tríplice. Assim Iracema venceu a eleição e foi empossada como Diretora Geral.

A direção geral do CEFET - uma conquista pela persistência

A trajetória de Iracema desde o tempo de aluna, auxiliar de ensino, professora, coordenadora de curso, participante em comissões, candidata a Diretora Geral do CEFET-HD em quatro eleições e a sua posse, é vista a partir da perspectiva atual como uma experiência muito rica na sua vida profissional:

Y: Uma bela história né, vamos ver o que mais eu não perguntei e agora a tua experiência agora como Diretora como tá sendo já fez um ano fez um ano em março né.

Af.: Já fez um ano fez um ano em fevereiro já tem um ano e 7 meses na verdade a experiência é assim muito-muito boa...além de ser uma experiência muito rica na vida profissional da gente é também uma experiência pra gente entender né a dinâmica desse serviço público pra gente entender um pouco do quanto é difícil...então tem sido assim uma-uma experiência muito prazerosa muito trabalho, mas muito trabalho, mas feito assim com muita satisfação primeiro porque a gente conta com o apoio da comunidade isso aí é uma coisa assim notória e a felicidade das pessoas também nessa participação então pra gente tem sido muito boa a experiência eu espero que eu consiga fazer nesses quatro anos assim tudo que a gente tem condições de fazer do ponto de vista da nossa contribuição pra melhoria da qualidade do ensino pra melhoria das condições de trabalho naquela Instituição porque é muito difícil é uma Instituição que está muito desgastada é fisicamente. A gente tem uma Instituição muito carente de tudo então eu espero que a gente consiga dar a nossa contribuição que a gente consiga no final desses quatro anos estar com uma Instituição um pouco diferente. A gente já tem a comunidade já sente uma grande diferença mas é preciso a gente mudar muita coisa ainda (L.469-492).

Iracema foi empossada como Diretora Geral e está há quase dois anos na função. Ela coloca que a experiência tem sido muito boa, tanto na parte profissional como pessoal, pois a partir do desempenho do seu cargo passou a conhecer a burocracia do serviço público e as dificuldades que existem na arte de gerenciar. Salaria que a falta de transparência de gestões anteriores permitiram que fossem feitas muitas críticas até mesmo infundadas, mas que, pela falta de conhecimento, acabavam sendo expressas.

Reforça que o apoio da comunidade ajuda a tornar o grande volume de trabalho em uma experiência prazerosa. Depois de todas as tentativas em elegê-la Diretora hoje se vê a felicidade da conquista estampada no rosto das pessoas, e isso dá ânimo para desempenhar melhor o trabalho. Ela espera conseguir nos quatro anos de mandato

¹⁸ Mais informações disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/Decreto_4877.pdf> Acesso em 03 de out. 2008

melhorar um pouco a condição em que se encontra a Instituição. O desgaste físico da Escola e emocional dos servidores e alunos são estímulo para que busque intensificar o seu trabalho e conseguir, no menor espaço de tempo, dar a melhor contribuição.

Af.: Então isso me deixa assim muito tranqüila, porque eu tentei fazer isso e consegui fazer com que as pessoas entendessem que nós não estávamos ali apenas pra querer um poder pra querer um *estatus* de direção a gente tava querendo contribuir, então eu não tenho assim do que me arrepender né, então nós começamos essa gestão envolvendo as pessoas porque a gente sabia que tinha uma dificuldade porque os quatro- os quatro anos da gestão anterior foram quatro anos difíceis e a gente tinha receio até de que as pessoas magoadas tentassem puxar tapete, fazer essas coisa, mas graças a Deus tem sido assim muito bom, as pessoas têm dado assim muita atenção e tem muito respeito e talvez pelo respeito que eu tenho a todas as pessoas as pessoas têm muito respeito por mim, então isso facilita de °certa forma°. (L.508-517).

Iracema queria fazer as pessoas entenderem que a equipe, por ela liderada, queria mais do que simplesmente o poder, mas sim trabalhar por uma escola mais participativa, em que as pessoas se sentissem valorizadas e parte de todo o processo.

Iracema imaginou que pudessem, de alguma maneira, continuar a “boicotar” o seu trabalho, o que não aconteceu, até porque ela sempre manteve respeito por seus companheiros de trabalho e recebe igual tratamento..

O CEFET-HD esteve por noventa e sete anos sob a direção de homens e pela primeira vez, a sua frente, se encontra uma mulher. Uma mulher cuja formação ocorreu em um curso dito como masculino.

A entrevistadora lhe pergunta sobre a existência de discriminação em sua trajetória, e Iracema passa a relatar o que percebeu neste sentido.

Y: E sentiste aí na tua trajetória né visto que até o curso que tu escolheste no CEFET sendo uma escola tipicamente profissionalizante na época eram mais masculinas alguma discriminação por ser mulher assim alguma coisa que pudesse falar sobre isso.

Af.: É sempre muito sutil essas coisas né tanto do ponto de vista racial quanto do ponto de vista de gênero é uma coisa muito sutil até porque eu tenho a língua solta então se eu perceber eu vou em cima então eu não eu nunca percebi muito embora as pessoas tivessem assim usado muito principalmente a questão da raça foi muito usada e eu pedi até que diminuísse um pouco porque não era o único ponto não era a única variável mas de certa forma foi utilizada sim foi muito usada sim o fato de ser mulher de ser mulher negra de ser de uma classe social é claro que a gente cresceu mas a gente veio de uma classe humilde tal então que talvez isso tivesse também mas eu não sei eu nunca percebi claramente se isso aconteceu, aconteceu muito-muito sutil, de forma que eu não tenha percebido também porque se eu tivesse percebido, eu teria encaminhado da forma como deveria ter sido encaminhada então as pessoas têm meio que receio e sabem muito bem o que tá pisando né então isso aí nunca foi colocado eu nunca percebi dessa forma não até hoje até hoje (L.518-535).

A discriminação é sempre sutil. Seja do ponto de vista do gênero ou racial, mas ela existiu e existe ao longo da caminhada de Iracema. Ela se considera uma pessoa que

denunciaria a discriminação se estivesse explícita, o que entende não ter acontecido. Quando fala que a raça e o ser mulher foi “muito usado” está explicitando as formas de discriminação que foram usadas para impedir o seu caminho dentro da instituição no que diz respeito a ser empossada como Diretora Geral, conforme se esperava de uma pessoa eleita para o cargo. No entanto, faz de conta que isso não foi uma forma de preconceito, embora no seu íntimo, saiba que o é. Mais explícito do que isso, seria dizer a frase completa “o fato de ser mulher, de ser negra, de ser de uma classe social inferior” o que somado a fazia a última pessoa a assumir a função de Diretora Geral do CEFET-HD. Por vezes Iracema não entendeu a discriminação sutil que a impediu de assumir o cargo para o qual foi eleita, com margem expressiva de votos a seu favor, em outras duas eleições.

A construção de uma situação econômica em crescimento por seus próprios esforços não expressava o modelo padrão dos antigos diretores em que a política e a classe social eram bem evidentes. Esse padrão também discriminava a sua pessoa. No entanto, Iracema diz que, ao perceber tais discriminações, teria tomado as providências cabíveis em cada caso.

A vontade de Iracema é a de desenvolver um bom trabalho e de responder, à altura, às expectativas que a comunidade depositou em sua pessoa e em sua equipe de trabalho. Em toda a sua fala, ela sempre se dirige a sua disputa ou busca pelo cargo como “a gente” expressando que não era o objetivo de uma só pessoa, mas de um grupo de pessoas que entendia da necessidade de mudanças e que buscava nela uma líder para atingir esses ideais.

Iracema é uma mulher batalhadora, persistente, respeitadora, líder.

Escolheu uma profissão basicamente masculina, numa década muito conservadora e, mesmo assim, venceu como profissional e como pessoa.

Construiu sua carreira degrau por degrau, vencendo obstáculos, preconceitos, posicionamentos contrários, adversidades, mas não desistiu, foi em frente. Cada dificuldade foi transformada em mais um desafio, e cada desafio vencido vinha o momento de começar o seguinte.

Aprendeu, no exemplo de humildade e trabalho de sua família, a buscar o seu espaço, a não desistir das lutas, fazendo das derrotas degraus para maiores conquistas e a respeitar a individualidade e as escolhas de cada um.

Teve o apoio da família, no companheirismo do marido e na ajuda da irmã, como colaboradora importante, na criação de seus filhos.

Iracema, mesmo tendo motivos suficientes para nutrir mágoas e rancores em relação aos seus impedimentos no assumir o cargo de diretora nas duas eleições em que

foi vitoriosa, não demonstra e, quando fala sobre o assunto, respeita os momentos e as pessoas que fizeram parte dessa história, transparecendo a grandeza de seu caráter e de sua formação.

É uma mulher de fibra, que sabe ocupar seus espaços, conciliar suas funções e construir o caminho a ser seguido.

4.3.2 Daiane: a responsabilidade precoce impulsiona a sua trajetória de vida

Contexto da entrevista

A entrevista narrativa com a Prof^a. Daiane estava agendada para o período entre 12 a 15 de setembro de 2007, durante o XXXI REDITEC (Reunião dos Dirigentes das Instituições Federais de Educação Tecnológica). Eu conheço a Prof^a. Daiane desde 2004 e já participamos de diversos eventos simultaneamente. Ela sempre me incentivou a fazer o mestrado e concedeu-me a entrevista com grande satisfação. Conversamos algumas vezes por telefone antes do REDITEC e foi ela que me forneceu os dados da Prof^a. Tânia, ex-diretora do CEFET-CY que também foi entrevistada nesse evento.

No dia 15 de setembro, na Escola Agrotécnica-RS, enquanto os demais participavam da inauguração do ginásio de esportes, assistindo a um jogo de basquete de cadeirantes, nós ficamos em um banco à frente da escola, onde conversamos e fizemos a entrevista, que durou 23 minutos. Após, continuamos conversando, fomos até o ginásio e, mais tarde, voltamos de ônibus, juntamente com os demais participantes do evento para Florianópolis. A Profa. Daiane ainda se colocou à disposição para colaborar com outras informações no decorrer da pesquisa.

Perfil da entrevistada

Daiane tem quarenta e oito anos, é loira, separada, tem dois filhos: um do sexo masculino e um do sexo feminino. Os pais de Daiane tiveram sete filhos e já são falecidos. Uma irmã de Daiane também é falecida. Seu pai tinha o ensino superior completo, era médico, e sua mãe tinha o ensino superior incompleto e cuidava da casa e dos sete filhos.

Daiane é formada em Pedagogia, com mestrado e doutorado em Engenharia de Produção. Realizou o ensino fundamental em escola privada e também o primeiro ano do segundo grau. O segundo e terceiro anos do segundo grau, em escola pública, assim como o ensino superior e as pós-graduações.

Ingressou na Escola Técnica, hoje CEFET-CY, como Técnica em Assuntos Educacionais e, posteriormente, optou pela carreira docente. No início de sua vida profissional, deu aulas em uma escolinha dos funcionários da TELE-CY por seis meses, e após, dedicou sua vida ao trabalho no CEFET-CY.

Durante o seu percurso profissional dentro do CEFET-CY além do trabalho como pedagoga, foi Diretora de Ensino e, atualmente, é Diretora Geral.

A Vida familiar – A alegria do convívio, a dor das perdas

A partir da pergunta inicial realizada pela entrevistadora, Daiane passa a relatar a sua história, começando pela sua infância:

Y.: Eu gostaria então que a Daiane contasse sobre a história de vida dela, sobre a história do que mesmo aconteceu e que é a vida. Pode falar tranquilamente sobre todos os pontos que julgar importante, que lembrar, assim, da tua vida. Fala tranqüila. Af.:Então vou iniciar desde a minha vida de infância, passando pela adolescência até maturidade hoje é::é eu tenho uma família, eu fui de uma família muito bem estruturada, meus pais- meu pai era médico e minha mãe, primeiramente, era do lar, depois ela estudava pra Direito, depois de ter criado sete filhos, né, de uma família de sete filhos, cinco mulheres e dois homens minha mãe era filha única né e ai a gente né viveu em Cidade-SF eu nasci em Cidade-SF(L.2-12).

Daiane, ao falar de sua família, começa com a palavra “tenho”, mas corrige com a palavra “fui de uma família bem estruturada”, levando o foco da discussão para seus pais e seus irmãos. Fala que seu pai era médico e que sua mãe cuidava da casa, dos filhos, do dia-a-dia da família e, posteriormente, após os seus filhos estarem crescidos, resolveu cursar Direito. Fala também que sua mãe era filha única e conta que viveram sempre na Cidade-SF.

Af.: Assim sempre meus pais eram muito católicos e a gente sempre prezava a questão familiar, de estar todos juntos principalmente na hora das refeições, em viagens de finais de semana apesar da vida agitada que meu pai tinha infelizmente depois né eu já era da adolescência minha mãe faleceu num acidente de carro com minha irmã, minha irmã de quinze anos e eu não sou a mais velha, mas tem minha irmã Dirce que era a mais velha, mas quem assumiu toda a casa com meu pai fui eu porque meu irmão menor tinha oito anos, na época, minha mãe tinha 36 anos, minha irmã quinze e eu também estava no acidente e ela e com isso eu tive que me fortalecer para atender toda uma casa, né, tinha dezessete, meu pai não quis casar mais e a gente,eu acho que, não deixou porque a gente- eramos muito apegadas a ele, nove anos depois da morte dela ele morreu afogado no mar, daí então, nessa época, foi em 84 que ele faleceu(L.13-24).

A família de Daiane era católica e muito unida. Seus pais faziam questão da presença de todos na hora das refeições e também de estarem juntos sempre que possível nos finais de semana em viagens da família. Reforça que a vida de médico de seu pai era bastante agitada, mas que procuravam conciliar a vida familiar a essa agitação toda.

Ao contar sobre o acidente em que morreram sua mãe e sua irmã, fá-lo com uma emoção muito grande, procurando contar, mas não reviver momentos que foram tão marcantes e duros para ela e sua família. Ela também estava no carro na hora do acidente, mas sobreviveu. Após a recuperação e já com dezessete anos de idade,

passou a responsabilidade de assumir uma casa e de cuidar dos irmãos mais novos, junto com seu pai.

Seu pai não “quis” casar de novo, mas enfatiza que as filhas colaboraram para que ele não se unisse a uma outra pessoa de forma que ele acabou concordando. Quando fala que seu pai morreu afogado, nove anos depois, deixa no ar a dúvida se teria sido mesmo um acidente.

Ao lembrar de sua mãe, conta que ela estava por concluir o curso de Direito quando faleceu e, no dia da formatura, a turma e a universidade fizeram uma homenagem que emocionou a família e os presentes. Deixaram a cadeira que ela ocuparia no meio dos formandos como se ela também estivesse ali, no meio deles.

Af.:A mãe faltava, faltava um ano pra se formar em Direito quando ela morreu, então na formatura dela foi- eles fizeram uma homenagem maravilhosa, assim, né, foi muito emocionante, tinha a cadeira dela sozinha, da mãe e tudo isso, mas eu vejo assim, hoje, é claro, na época, eu fiquei muito revoltada, principalmente com o cara do caminhão porque ele veio em cima de nós ele dormiu tava com uma carga cheia di-di arroz(L.26-31).

Os exemplos de superação frente aos obstáculos, deixados pelos pais, foram responsáveis pela formação do caráter de Daiane. Relata que ficou muito revoltada com o motorista do caminhão, ocasionador do acidente, que vitimou sua mãe e sua irmã, ao ter dormido na direção, mas que todos os momentos tristes vivenciados pela tragédia ajudaram a fortalecer seus sentimentos e suas ações, hoje.

Af.:E aí o caminhão né interrompeu tudo isso e, quando a gente foi, o advogado o meu pai foi cobrar disse o advogado ah o doutor Onofre perdeu a esposa e a filha, mas eu perdi uma carrada di- tive um prejuízo grande, que perdi uma carrada de arroz, eu fiquei muito revoltada assim, que eu queria matar o, né, motorista do caminhão, só que claro isso não leva a nada, né, e eu vejo que isso fortaleceu muito a minha vida, assim enquanto pessoa, né, enquanto profissional que isso sempre foi passado pra nós, a coisa da seriedade, de ir pelo caminho correto, assim na vida, né e isso agradeço e devo tudo a eles, tanto a minha mãe e quanto ao meu pai(L.34-42).

A frieza do advogado que representava o caminhoneiro, quando comparou a perda de uma carga de arroz à perda da vida de duas pessoas, causou uma revolta imensa em Daiane, mas não tendo ação que pudesse ser feita para trazer de volta a vida de sua mãe e de sua irmã, o sentimento de vingança foi só uma maneira de expressar a indignação do momento. A superação deste sentimento sem nunca esquecer o que o causou fê-la mais forte como pessoa e como profissional. Agradece a seus pais pelos valores repassados em conselhos e exemplos a fim de ajudar na construção do seu caráter e de seus irmãos.

Af.: Como eu falei tive muitos entraves assim na minha vida né familiar, mas eu fui muito feliz com meus pais e hoje eu sinto muita saudade, muita falta deles porque a minha mãe era muito comunicativa, o meu pai era mais reservado, mas eles se davam muito bem(L.176-179).

Ao lembrar dos entraves que passou em sua vida, salienta mais os momentos felizes que passou junto a seus pais e registra a saudade deles, como um sentimento constante em sua vida. A falta da forma comunicativa de sua mãe e do tipo mais reservado de seu pai são presença no dia-a-dia de Daiane.

Y: E tu estudaste, tua família era de uma classe boa né?

L

Af.: Não, não, era assim meu pai foi muito pobre, o meu pai pra fazer Medicina ele fez mesmo na Universidade Federal do Estado-PH ele, meus avós tinham muita dificuldade porque criaram nove filhos, né e aí meu pai e um outro irmão, só os dois, dos nove que estudaram e fizeram curso superior, o meu pai vendia rosas é no cemitério e cuidava e era flanelinha então ele sempre contava que ele gostava muito quando chegava assim finados dia das mães dos pais que enchia o cemitério e daí ele ganhava o dinheiro, ele andava de sandália de dedo, muito pobre, então ele fez o curso dele as custas do trabalho dele, assim bem de flores de cemitério(L.193-202).

Ao ser perguntada sobre os estudos e a classe social de sua família, Daiane responde que o pai se tornou médico devido ao esforço dele mesmo. Seus avós, por parte de pai, eram pessoas humildes, tinham muitos filhos e cada um teve que se virar para conquistar o seu espaço. Dos nove irmãos, somente seu pai e outro fizeram o curso superior. Relembra que seu pai trabalhava vendendo rosas no cemitério, vestia roupas simples e se alegrava com os dias tristes, como por exemplo, os finados, pois eram dias em que o seu trabalho lhe rendia maiores lucros. Ele se sustentava com esse trabalho e foi com ele que custeou os estudos, fez o curso de Medicina e largou a vida de vendedor de rosas no cemitério para atuar como médico. A voz de Daiane se orgulha dessa conquista e leva como exemplo de superação para os momentos necessários de sua vida. O exemplo de luta de seus pais deixou em Daiane o espírito batalhador que ela demonstra nos diversos momentos de sua trajetória. Vencer sempre foi sinônimo de esforço, visto que em sua vivência as conquistas foram adquiridas através do trabalho árduo de cada um.

Af.: E aí claro eu tive uma condição boa porque daí ele já era médico e nos deu uma condição a minha mãe, a minha mãe era filha única e era filha de fazendeiros então a minha mãe teve uma condição claro de vida diferente apesar de morar bem no interior e claro ela foi interna em Cidade-UB né ela sempre estudou em colégio particular e a tristeza é aí que meus avós perderam a única filha que tinham e daí ficaram os netos assim, mas a minha vó se apegou muito a nós, meu avô morreu em seguida dela que não agüentou o baque né da morte a daí tiveram que vender toda a fazenda que a gente tinha lá no interior ah, daí minha vó veio morar conosco...Então assim eu e meus irmãos tivemos uma vida estruturada porque o meu pai estudou, pelo estudo dele, então eu vejo que hoje uma herança que nós deixamos e podemos

deixar pros nossos filhos é o estudo né coisa material ela vem como consequência, mas é o estudo.(L.202-215).

Quando ela fala sobre a sua condição de vida, já registra que foi boa pois quando os filhos nasceram, seu pai já era médico e também sua mãe era de uma família classe média e, unindo essas duas situações, faziam com que a sua família vivesse em boas condições financeiras.

Tal situação permitiu que Daiane e seus irmãos estudassem em escolas particulares. Ela reforça que uma herança importante que podemos deixar para nossos filhos é o acesso ao estudo, pois as demais coisas virão em consequência do que for desenvolvido através da educação.

Y: E tu estudaste sempre em escola particular ou pública?

Af. É os meus irmãos e eu todos- nós começamos éramos sete no Colégio-CJ eu fui a única que fui pro Instituto Estadual-ED fazer o segundo ano e o terceiro porque daí tinha só profissionalização na época e eu não queria então estudei o particular até o primeiro ano depois o segundo e o terceiro...(L.216-220).

Os estudos de Daiane no ensino fundamental até o primeiro ano do ensino médio foram desenvolvidos junto ao Colégio-CJ, escola particular, tradicional e reconhecida dentro da Cidade-SF, mas Daiane preferiu continuar os estudos no Instituto Estadual-ED porque ela não queria fazer a parte profissionalizante que era oferecida junto no Colégio-CJ, já que pretendia seguir os estudos na Universidade.

A seguir vê-se como foi a vida de Daiane relacionada ao casamento, ao relacionamento com seus filhos e à situação em que ainda jovem ficou com a responsabilidade sobre seus irmãos.

O casamento, os filhos e o ser “mãe” de seus irmãos.

Daiane fala pouco sobre o seu casamento, não revela como conheceu seu parceiro ou outros aspectos relativos à sua vida matrimonial, mas destaca em sua narrativa os dois filhos decorrentes dessa união:

Af.: Em 81 eu casei né com o Carlos e tive dois filhos: o Carlinhos e a Daniela. Daniela em homenagem a minha mãe, o nome dela, o nome da minha mãe que era Daniela(L.24-26).

Af.: Quando eu casei é claro com a morte do meu pai eu tive que- acolhi todos os meus irmãos então era eu e mais cinco e mais meu marido então eu casei e já em seguida já vieram todos morar comigo e aí, com o tempo, a gente foi ajeitando e eu, daí, fiquei com os dois, com a guarda dois irmãos meninos, meus irmãos que eram os mais novos e aí em seguida, um ano depois veio o Carlinhos um ano depois que o pai

morreu, o Carlinhos hoje tem 22 anos e a Dani 19 anos e é a razão da minha vida os dois assim que me dão muita força também(L.42-48).

Daiane casou-se com Carlos em 1981 e, dessa união, nasceram dois filhos: um menino que se chama como o pai e uma menina que obteve o nome da avó materna, exatamente em homenagem a essa mulher que foi tirada do seu convívio de uma maneira tão inesperada.

No começo da vida conjugal, Daiane acolheu muitas pessoas, pois logo em seguida o seu pai também morreu, deixando sem amparo os irmãos menores de Daiane e ela ficou com a guarda deles. Assim que, quando nasceu seu primeiro filho, ela já estava com os seus dois irmãos menores morando com eles.

Os seus filhos hoje são adultos e têm vinte e dois e dezenove anos, respectivamente, o rapaz e a moça. Daiane reforça que os filhos são a razão de sua vida e que lhe dão muita força, no seu dia-a-dia.

Af.: Eu fiquei casada 24 anos e me separei do Carlos né, hoje tô separada e claro cada um foi pro seu caminho, mas ele é um excelente pai pros meus filhos né então isso é que é importante e os meus filhos até moram um pouco com ele a minha filha mora mais com ele do que comigo até porque eu tenho né u- muito agitada(L.49-53).

Daiane foi casada por vinte e quatro anos e se separou. Diz que apesar de terem tomado caminhos diferentes, o papel de seu ex-marido como pai continua sendo desempenhado muito bem. Salaria que divide a guarda dos filhos com ele e que sua filha inclusive mora mais com o pai do que com ela, isso porque Daiane está com uma vida bastante agitada com as funções que desempenha no momento.

Af.: Aí eu né hoje a minha vida é claro pessoal ela ficou muito em detrimento do profissional porque meus filhos a minha filha quando viu assim essa confusão e eu não chegando em casa e viajando ela foi morar com o pai, mas hoje nossa relação é muito boa porque ela também tá comigo momentos comigo e o Carlinhos não ele aceita e me dá muita força(L.142-147).

Reforça que a sua vida pessoal ficou prejudicada em função da sua vida profissional e que isso refletiu na atenção dispensada aos filhos. As viagens inesperadas, os atrasos no retorno à casa levaram a filha a morar com o pai, mas sempre que possível estão juntas e mantêm uma boa relação. O filho mora com ela e sempre dá uma força em tudo que Daiane precisa fazer. Viajar juntos é uma das formas que Daiane encontrou para passar bons momentos com seus filhos.

Af.: Eu gosto muito de viajar né os meus filhos, a gente viaja todo ano a minha filha há dois anos atrás fez intercâmbio aí nós fomos pra ela foi pros Estados Unidos, ficou seis meses lá daí eu meu filho e a namorada do meu filho ah fomos passar vinte dias nos Estados Unidos passeando com eles no ano, depois nós fomos pra maresia pro-

pro litoral paulista eu também meus filhos ficamos quase trinta dias viajando e ano passado nós fomos pra Aracaju, pra Sergipe e pra Bahia com eles eu e os dois então assim férias pelo menos daí o ano passado foi menos que eu não consegui tirar nós tiramos quinze dias, daí eu fiquei viajando com eles e assim quando eu tenho tempo com eles pra viajar e lazer assim eu gosto muito da minha casa só que eu não tenho mais tempo de ficar e passear um pouquinho muito pouco hoje eu tenho de lazer encontrar né encontrar com os amigos a gente já sai do trabalho já vai tomar alguma coisa, mas é uma vida assim que eu gosto muito eu sou muito realizada no que eu faço.(L.236-248).

Daiane fala com entusiasmo sobre as viagens que fez com os filhos, salientando ser um momento longe de tudo e de todos os seus compromissos constantes, em que podem curtir a vida juntos. Viajar é o seu lazer preferido. Viajar com os filhos é a união do lazer com a vontade de ficar o tempo todo junto com eles.

Outra forma de descontrair são as saídas com os colegas ao final do dia para conversar e beber alguma coisa. Daiane diz que, embora os compromissos e as privações sejam muitas, se sente realizada com a sua vida e com a função que desempenha.

A seguir tem-se a continuação de sua história no que diz respeito aos estudos na Universidade e o seu ingresso na vida profissional.

O curso superior, as pós-graduações e o ingresso na Escola Técnica

Daiane fala sobre seu ingresso na Universidade Estadual para o curso de Pedagogia e sobre como aconteceu o início de sua trajetória como servidora na escola Técnica Federal do Estado-CY.

Af.: E aí hum fui fazer quando eu fiz faculdade entrei pra Pedagogia eu quando terminei, estava no final eu fui fazer o estágio e na época uma professora (tosse) que dava aula já no CEFET que era minha professora na época era Escola Técnica me convidou pra fazer estágio na supervisão escolar lá na escola e eu fui e eu trabalhava eu dava aula pra criança pequena de zero a seis anos e aí fui fiz estágio, eu entrei em abril de 81 e em julho de 81 eu me formei em pedagogia na Universidade Estadual em agosto daí em julho nesse meio tempo essa mesma professora que me convidou para fazer o estágio lá ela pediu exoneração da escola ela foi daí pra Universidade e ela me convidou na época pra eu entrar no lugar dela na supervisão daí o doutor Francisco era o diretor aí eu fui contratada na escola pra ser supervisora isso em 81(L.53-63).

Daiane cursou Pedagogia e, neste período, lecionava para crianças de zero a seis anos. Quando estava concluindo o curso de Pedagogia uma professora que trabalhava tanto na Universidade quanto na Escola Técnica, intermediou um estágio em supervisão escolar na Escola Técnica. Logo após a formatura, a mesma professora pediu exoneração de sua função junto à Escola e convidou-a para assumir o seu lugar com a

convivência do então Diretor Geral. Dessa forma Daiane iniciou suas atividades como servidora técnica-administrativa nesta Instituição em agosto de 1981.

Af.: Eu me formei em julho, em agosto eu já tava efeti- assim, na época, eu não fiz concurso porque tinha vaga e eu entrei no lugar dela e como Técnica em Assuntos Educacionais aí deixei de dar aula fiquei ainda mais uns seis meses dando aula pras crianças, deixei e só me dediquei a Escola Técnica e dali em diante eu não larguei mais, eu gostei muito né do trabalho, claro que eu era muito nova e e::e eu tinha muita vergonha assim, de principalmente de conversar com os professores porque tinha muito, uma rejeição em relação, principalmente, eu nova, mulher, a pedagoga supervisora, mas aí a gente foi estudando foi conversando foi se interagindo e a gente fez uma trajetória né no CEFET na supervisão até bastante tempo assim(L.63-72).

Nos primeiros seis meses, após a formatura, Daiane trabalhou concomitantemente dando aulas para as crianças e desempenhando a função de técnica em assuntos educacionais na Escola Técnica e então decidiu ficar somente nessa última.

O início foi difícil, pois além de ser nova e tímida, percebia por parte dos professores uma rejeição em relação a três itens: ser jovem; ser mulher e ser pedagoga supervisora. Com o passar do tempo, aliada a sua dedicação ao trabalho, à forma de interagir com as pessoas, assim como seu desenvolvimento pessoal e profissional, esses preconceitos foram se desfazendo, possibilitando uma trajetória de sucesso na Instituição.

Af.: Aí em 87 veio a isonomia a legislação da isonomia e nós éramos na época nove técnicos em assuntos educacionais e a gente pôde optar ou pra ser pra carreira docente ou continuar como técnico nós fizemos reuniões e na época só eu que fiz a opção(L.72-75).

Houve um momento, em 1987, quando veio a isonomia, em que foi dada a opção às pessoas que exerciam o cargo de Técnicos em Assuntos Educacionais, para continuarem como servidores técnico-administrativos ou ingressarem na carreira docente. Dos nove servidores nesta situação, somente Daiane optou por mudar para a carreira docente. Esse detalhe é importante, pois a continuação da sua trajetória na Instituição só aconteceu desta forma, por ela ter o cargo de professora.

Af.: E continuei né, eu dava aula e trabalhava na supervisão depois a gente né teve um período na escola de um diretor que ficou 22 anos lá né claro, mas isso tem todo um contexto histórico primeira eleição nós tivemos foi com o professor Antônio ele ficou com o primeiro mandato daí o segundo mandato ele foi reeleito e depois veio a professora Tânia, a professora Tânia implantou toda uma dinâmica de gestão democrática na Instituição, ela ficou quatro anos depois teve um período pro-tempore que ela não aceitou e foi feita eleição na escola internamente o Ministério da Educação na época não aceitou aí ela se aposentou e assumiu o vice-diretor por mais um ano depois disso teve eleição novamente e o professor Joaquim ficou durante quatro anos e eu sempre trabalhei haja vista se fosse de direita ou esquerda porque eu acho que é o nosso compromisso enquanto educador(L.82-92).

Daiane voltou a dar aulas e a trabalhar na supervisão pedagógica. A Instituição passou por vários Diretores Gerais, ora indicados, ora eleitos em lista tríplice para serem escolhidos pelo ministro de educação, ora eleitos como lista única conforme mudanças na legislação, além de alguns pro-tempore. Também houve a transformação de Escola Técnica para CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica), e Daiane relata que sempre trabalhou pela Instituição independente do perfil da pessoa que a dirigia, pois entende que o compromisso do educador independe desse fator.

Af.: E aí eu fui lá na escola eu fui fazer Mestrado e aí onde as pessoas me perguntam muito porque eu fui fazer mestrado na área de exatas? Por que a gente trabalha com muito professor engenheiro, muito técnico e eu disse que eu tinha que ter uma linguagem né bastante favorável tanto para mim quanto para eles e até para eles valorizarem mais o trabalho de um pedagogo, fiz o meu mestrado e fiz o meu doutorado também né concluí o mestrado e depois o doutorado também na área de exatas e acho que foi um ganho muito grande assim pra minha vida profissional e aí eu era diretora de ensino na época do professor Joaquim, o professor Sandro era o diretor quando faltava um ano e pouco o professor Joaquim me convidou a assumir a direção de ensino, fui um pouco resistente, mas a gente tava na época da reforma e eu estava contribuindo eu disse não, vou aceitar(L.92-103).

Durante o seu percurso, Daiane resolveu fazer mestrado na área de Ciências Exatas e também doutorado na mesma área para poder trabalhar melhor com os diversos professores que compõem o quadro da Instituição, que são, na sua maioria, engenheiros e técnicos, e falar numa linguagem familiar a todos.

Acredita que esta decisão lhe deu um ganho enorme na vida profissional e que pôde desenvolver o seu trabalho de uma forma mais eficaz. Na sequência, foi convidada para assumir a diretoria de ensino no final da gestão do professor Joaquim e, após um pouco de resistência, decidiu aceitar e continuar a contribuir para o bom andamento dos trabalhos de reforma que estavam acontecendo na época.

Na continuação de sua trajetória, surgiram novos desafios, aos quais ela responde de forma positiva e continua um caminho de garra e persistência. A seguir, o contexto da sua eleição para Diretora Geral do CEFET-CY, o seu desempenho como tal e as consequências dele na sua vida pessoal.

A Direção do CEFET-CY – A vida profissional acima da pessoal

Daiane concorreu para a direção geral do CEFET-CY com mais dois professores e venceu a eleição conforme se vê na seqüência:

Af.: E aí eu fui pra campanha pra direção geral concorri com mais dois professores. É claro que ainda existe um preconceito bastante grande em relação a isso né, mulher, mas felizmente foi aceito né eu ganhei e hoje nós temos uma gestão assim com muitas mulheres e assim enfatizando não são minhas amigas né porque quando

dizem ah! ela convidou porque são amigas, não, amigas são quando nós chamamos pessoas de fora do trabalho que são tuas amigas para comporem a tua equipe, eu não chamei ninguém de fora, eu conheci todas essas profissionais dentro do CEFET e foram convidadas pela competência é claro que tu dentro no teu ambiente trabalho tu cria laços de amizade e aí nós iniciamos, eu, a Raquel era diretora de ensino, a Clarice era da DREC da relações empresariais e o Afonso era da DAP(L.103-113).

Daiane relata como foi a sua candidatura para Diretora Geral da CEFET-CY, salientando que ainda existe um preconceito a esse cargo ser ocupado por uma mulher, mas que felizmente, mesmo concorrendo com dois professores homens, foi a vencedora, e assim começou, em dezembro de 2003, a desempenhar esta função. Registra com satisfação, pelo tom de voz durante a entrevista, a composição de sua equipe diretiva basicamente composta por mulheres, deixando claro que elas estão nos seus cargos pela competência que possuem e não por grau de amizade sugerida por uma parte da comunidade em relação a elas. No entanto, a amizade vai se construindo e se intensificando naturalmente pelos compromissos que assumem juntas, pelo tempo que precisam conviver e pela necessidade de confiança entre uma equipe que trabalha unida num mesmo ideal. Assim relata que começou sua equipe diretiva com três mulheres e um homem.

Af.: Então eram três mulheres e um homem, depois a gente conseguiu ter mais alguns cargos mais alguns Cds com o novo governo também e aí nós tivemos a figura da vice-diretora que a Raquel assumiu a Clarice foi pra DAP que aí o Afonso a gente teve que exonerá-lo do cargo, o Renato assumiu, foi convidado porque ele é Desinger foi convidado a assumir a DREC, ano passado assumiu a Joana como diretora de ensino, a Márcia como diretora de pós graduação e pesquisa e o prof. Ricardo como diretor de gestão do conhecimento, então hoje a nossa equipe é composta por sete pessoas cinco mulheres e dois homens(L.113-121).

Com a liberação de mais cargos de direção (CDs), a sua equipe foi ampliada, chegando a ter sete membros. Sendo assim, Daiane convidou mais pessoas para fazerem parte, sempre mantendo uma proporção maior de mulheres do que de homens. Agora a composição do grupo é de cinco mulheres e dois homens.

Af.: E eu tenho muito orgulho porque é uma equipe que trabalha muito, não é assim uma figura decorativa não temos, eu digo mesmo que só num olhar, nós conseguimos nos entender e a diferença assim né Janete que o teu trabalho é assim muito focado no trabalho da mulher é que a mulher ela tem muito mais sensibilidade que eu vejo do que o homem no trabalho de perceber né as coisas de estar junto das pessoas e entender que elas precisam ser ouvidas e hoje o nosso servidor ele quer ser ouvido, o nosso aluno quer ser ouvido e tu tem que ter essa paciência que o homem é muitas vezes não tem né e é uma equipe que está dando assim né ao meu ver a gente faz muita avaliação tá dando muito certo, justamente por essa empatia que nós temos pelo compromisso com o trabalho(L.121-131).

Ela fala com orgulho de seus colaboradores, salientando que trabalham muito, pois os cargos de diretores não são para comporem um organograma de figuras

decorativas, mas de pessoas que realmente estão juntas no objetivo de melhor levar adiante os objetivos da Instituição.

Coloca que a capacidade feminina de percepção, de sensibilidade, destaca-se no desempenho da função, pois conseguem antecipar alguns detalhes que fazem a diferença. Diz que as mulheres têm mais paciência para ouvir e que uma das grandes necessidades hoje é permitir que as pessoas falem e que suas falas sejam reconhecidas como válidas e importantes, tanto dos servidores como dos alunos.

Também registra que elas estão sempre em processo de avaliação de si mesmas e que entendem como positivas essas qualidades evidenciadas mais nas mulheres, deixando claro que existe um grande compromisso com o trabalho.

Af.: Então hoje eu me sinto muito orgulhosa de estar a frente do CEFET justamente por estar num período de expansão com as unidades que também nós temos mais três mulheres nas direções e as nossas unidades são eleitas em um primeiro momento elas são indicadas quando da implantação, mas depois é tudo eleição né e tenho orgulho de ter esta equipe e o CEFET, assim, numa crescente transformação que quando eu assumi nós tínhamos três unidades, hoje nós temos, estamos indo para a sétima e vamos ter mais sete e dois pólos, então, na realidade vamos ter dezesseis unidades no Estado-CY, do CEFET e quero dizer assim coordenadas por nós, nós não queremos dar para nenhuma outra unidade, nenhuma outra Instituição Federal(L.132-141).

Quando fala de sua função como Diretora Geral do CEFET-CY, mostra-se orgulhosa pela liderança assumida. Lembra que a expansão da rede federal está possibilitando que o CEFET-CY venha a ser composto de dezesseis unidades de ensino e que, quando assumiu, eram apenas três. Isso implica dedicação extraordinária e muito trabalho de todos de sua equipe. Registra que os diretores de unidades quando assumem são indicados pela direção, mas após um período mínimo de funcionamento, eles passam a ser eleitos e nessas novas unidades, mulheres também estão sendo eleitas para desempenhar a função de direção.

Registra que sua equipe gostaria de realmente assumir todas essas unidades no estado, sem precisar da interferência de qualquer outra Instituição Federal para dar apoio.

Af.: E agora tem a reeleição eu vô- me candidatei a gente vai pra disputa se a comunidade achar que eu deva continuar, eu vô, senão eu volto pra sala de aula, continuar a fazer meu trabalho na educação que eu nunca neguei como a própria minha equipe também né, nós estamos muito ciente, nós temos muita vontade, assim, de continuar e ver o CEFET crescer mais ainda, e eu vejo que tem um diferencial né mesmo é muito grande, assim, com a questão, ainda um diferencial do preconceito que existe por ser uma formação profissional, né, tecnológica por ser mulheres, por serem animadas que a gente não, né, não desiste de nada, estamos

sempre muito bem humoradas, né sempre arrumadas, sempre enfrentando desafios, recebendo pessoas(L.147-156).

Daiane fala que está num período pré-eleitoral, que ela é candidata a continuar no cargo por mais quatro anos e espera verificar a vontade da comunidade e a avaliação em relação ao seu trabalho e de toda sua equipe, mas se assim não for, ela retornará a desempenhar as suas funções anteriores, tanto ela como seus diretores. No entanto, coloca que eles têm muita vontade de dar continuidade a esse trabalho começado e ver o CEFET sempre melhor.

Faz questão de dizer que conta com pessoas com um diferencial, pois o trabalho, mesmo que intenso, não impede o bom humor, a alegria, a vontade de se divertirem, de estarem sempre bem arrumadas e dispostas a receberem bem as pessoas, ou seja, não é o excesso de trabalho, responsabilidade e compromissos, que as impedem de se gostarem como mulheres e de cuidarem da aparência, parte considerada importante para elas.

Af.: Todos da direção muito juntos e eu sinto muito orgulho assim de tê-los na direção e sempre agradeço muito a eles também né porque a gente aprende muito os nossos alunos os nossos servidores então é assim é uma batalha é uma conquista cada dia é uma conquista uma coisa diferente né tenho muito apoio assim dos meus amigos também digo amigos de fora né da Escola que admiram meu trabalho frente a Instituição que hoje é tão grande(L.157-162).

Daiane registra que sente orgulho das pessoas que compõem a sua equipe e que agradece sempre a elas pela união e pelo compromisso de suas ações. Fala que o dia-a-dia é um aprendizado constante e que aprendemos com todos os que nos rodeiam, tanto servidores, como alunos assim como outras pessoas que nos cercam. Salienta que conta com o apoio de muitas pessoas tanto de dentro da Instituição como externamente, tanto os amigos como a sua família.

Af.: Minha família já disse, meus irmão também né gostam demais a gente, claro, não tem hoje-, porque antes a gente tinha muito mais contato, mas com o CEFET eu tive que deixar algumas coisas pra realmente ir fazer o que eu tinha proposto porque não adianta nada tu escrever uma coisa e não fazer e tudo que a gente escreveu hoje nós temos cumprido né e tem um diretor que era da Unidade-CYAJ muito crítico ele tinha o nosso plano de 4 anos atrás na mesa dele assim e o que na tava dando certo ele sempre vinha e hoje ele diz que realmente a gente conseguiu concluir isso porque quando nós assumimos a direção as pessoas não acreditavam que eu ia dar conta do CEFET né porque era mulher porque era loira né tudo isso que a gente-, ah não temos preconceito(L.162-172).

O excesso de compromissos e atribuições vai afastando um pouco Daiane daqueles de quem ela gosta e que também gostam dela, mas entende que, quando se assume um compromisso, quando se faz propostas de desenvolver ações, elas não

podem ficar só na promessa, precisam ser cumpridas e, para isso, o tempo acaba sendo dedicado ao desenvolvimento das proposições.

Salienta que as pessoas são muito críticas e cobram sobre o que foi dito e o que está sendo feito, citando o exemplo do diretor de uma unidade que não desviava os olhos das promessas de sua campanha, verificando a concretização de cada item, e hoje, ao terminar os quatro anos de trabalho previstos no planejamento, considera que foram concluídas as propostas prometidas.

Daiane registra que as pessoas não acreditavam que ela conseguiria dirigir uma Instituição como o CEFET, pois o preconceito é muito grande e iam além do ser mulher. O próprio registro pejorativo do “ser loira”, também era comentado. Coloca que é dito não haver preconceito, mas que não é verdade, ele existe e por diversas vezes fica explícito em palavras e ações.

Af.: Vivemos num mundo tão corrupto, mas tem uma perspectiva boa e é pela educação que a gente vai passar a ter uma outra visão de mundo de sociedade de pessoas e nós somos caminho para isso né então cada dia é diferente é novo não tem cansaço ah tá chegando ao final da gestão ah quero sim ganhar a eleição pra mais quatro anos com o mesmo ânimo que a gente entrou no primeiro dia da nossa gestão, assim com a mesmo entusiasmo e de fazer ainda muito mais pela educação porque, claro, se eu tivesse ficado sentada numa cadeira esperando as coisas viessem, mas assim não era com tanta intensidade como veio, né, com o nosso trabalho de toda essa equipe né, não é com o meu trabalho, é o trabalho de toda uma equipe que realmente acredita numa educação de qualidade pública e gratuita(L.183-192).

Daiane acredita que, apesar da corrupção que existe no mundo, existe a possibilidade de concretização de boas ações na área da educação e é nessa área que quer atuar para ajudar a melhorar o meio em que vive e por isso tem muita vontade de se reeleger e continuar com toda sua equipe que acredita poder dar muitas contribuições positivas através da educação. Reforça que ela foi atrás de muitas ações e não ficou sentada, esperando que elas lhe fossem oferecidas, e que esse é o seu papel, de buscar meios para cada vez oferecer uma educação melhor no CEFET-CY.

Daiane atribui, em diversos momentos da entrevista, os méritos das ações desempenhadas em sua gestão, ao trabalho de sua equipe diretiva, salientando que ninguém consegue construir uma grande obra sozinho, mas que a união de esforços e competências é o caminho e que sua equipe trabalha assim acreditando sempre numa educação de qualidade, pública e gratuita.

Y: Pra mim eu estou satisfeita com as minhas perguntas, tu gostarias de fazer uma complementação com alguma coisa?

Af.: É eu vejo né Janete, que este teu trabalho, que tu lançou né pra fazer ele contribui pra esta questão de desmistificar a questão da mulher que mulher dá certo

sim em qualquer cargo público ou privado é só ter uma visão né e até uma visão diferente que tem que ter um contraponto e eu vejo que vai abrir muitos caminhos então por isso, assim que eu te dou muita força pra tu tá estudando é muito- porque vai ser assim um trabalho de referência para as mulheres e para aqueles que não acreditam no trabalho da mulher e que realmente sirva que não fique engavetado que ele sirva, assim, de uma consulta para todas as pessoas que querem realmente trabalhar na educação onde hoje as mulheres estão à frente na educação é esse o meu desejo e me coloco à disposição pro que tu precisar nessa tua jornada que eu sei que não é fácil(L.249-261).

Ao ser perguntada pela entrevistadora se gostaria de fazer mais alguma colocação, Daiane fala sobre a importância de se falar sobre o trabalho da mulher em cargos de gestão, seja na esfera pública, como na esfera privada, e que espera que este trabalho seja lido por muitas pessoas, incentivando a mulher a mostrar a sua capacidade e ao homem para percebê-la. Salienta que hoje as mulheres estão à frente da educação e que, portanto, elas devem não só assumir a sala de aula, mas também a direção das instituições em que trabalham.

Daiane é uma mulher que foi construindo pouco a pouco sua vida profissional. Nesta construção buscou formações que a fizessem entender melhor o ambiente de trabalho em que se inseriu. Os percalços, as perdas e a necessidade de assumir funções acima de seu tempo colaboraram para evidenciar o seu espírito de liderança e capacidade de superação.

É uma mulher que priorizou a vida profissional. Tem como importante o buscar e o enfrentar desafios para superar limites.

É forte, determinada, dinâmica e líder.

4.3 Traços importantes dessas trajetórias

Após essa apresentação da trajetória de vida dessas quatro mulheres, serão identificados os pontos que se assemelham nessas trajetórias, tentando demonstrar, ou não, que existem caminhos a serem percorridos desde o início de uma vida até a concretização das buscas nas realizações, principalmente profissionais.

A formação escolar é ponto necessário e indiscutível pelas quatro mulheres

Ao falarem sobre a escolarização, todas se referiram à escola como um lugar de grandes aprendizagens. Guardam nas suas lembranças os ensinamentos e os exemplos dos(as) professores(as) que tiveram em suas vidas. Para uma (Iracema) a lembrança é muito forte, pois estreitaram laços de amizade que considera muito fortes, valendo-se deles no decorrer de suas vidas, seja para dividir derrotas, seja para comemorar vitórias. Para outra (Carolina) a mudança de cidades e, conseqüentemente as de escolas não lhe possibilitou construir laços de amizade mais sólidos, mas em ambas as situações soube utilizar seus estudos para construir sua vida profissional e suas batalhas pelos seus direitos e suas oportunidades.

Em sua maioria, estudaram em escolas públicas, salientando que receberam bons estudos, e reforçam a idéia de que o ensino público não deixa nada a desejar para o ensino privado. A fala de Carolina, que tem toda a história de sua mãe e avós como professores na rede pública, traz a seguinte afirmação:

Af.: Pública a minha vida inteira a minha vida inteira eu tive um ano que foi numa escola particular na quinta série só o resto foi sempre em escola pública e não me arrependo eu acho que o ensino que eu tive na escola pública foi de primeiríssima qualidade (Carolina, L.404-409).

Carolina sente satisfação ao narrar sobre o ensino que recebeu da escola pública e da qualidade que reconhece nele.

Ana, cuja formação escolar deu-se nas duas esferas: pública e privada, não teceu comentários a respeito da qualidade destes:

Af.: Eu fiz o jardim de infância e o primário em escola pública o ginásio no colégio das freiras das irmãs de caridade.

Y: Há!

Af.: O segundo grau em escola privada e a universidade pública na Universidade Federal do Estado-ST, o curso superior (Ana, L.139-143).

Para Ana, que fez o fundamental no ensino público, segundo grau no ensino privado e na universidade retornou ao ensino público, o tempo escolar foi um grande momento de construção de amizades muito profundas, tanto que ela fala com um imenso entusiasmo no decorrer da sua narrativa sobre fatos que demonstram o significado que a amizade tem na sua vida. Já Iracema lembra os estudos e o fato de ter que conciliar vida estudantil e trabalho.

Af.: Nós fomos assim estudar sempre estudando em escola pública eu venho o de uma família humilde de uma família trabalhadora sacrificada(Iracema L.94-96).

Af: Eu sempre estudei à noite eu ainda depois que eu fiz o curso de licenciatura eu fiz o também o curso de administração em sistema escolar (Iracema, L.119-120).

Para Iracema, o estudo significava a busca por uma qualificação que colaborasse na transformação da realidade que se apresentava em sua vida. Portanto, não foram medidos esforços para estudar, colaborar nos estudos dos irmãos e estar sempre buscando nova qualificação. Estudar e trabalhar foram suas constantes batalhas diárias e, em momento algum, lamenta-se por isso. Ao contrário, fica contente por poder contar que superou os obstáculos e as dificuldades com sua garra e determinação.

Já Daiane teve a oportunidade de estudar em escola privada durante grande parte de sua formação.

Af.: Então estudei o particular até o primeiro ano depois a segundo e o terceiro daí fui pra Universidade Estadual fazer pedagogia e depois pra federal Universidade Federal fazer mestrado e doutorado (Daiane, L.219-222).

Para Daiane, o estudo também era o exemplo que os pais tinham deixado como realização de vida. Tanto o pai que chegou num patamar mais elevado, conseguindo oferecer ensino privado a sua família, quanto a mãe ao demonstrar que não existe idade ideal para estudar. Acreditou sempre que entender a formação dos outros facilita a boa convivência na vida profissional e que se adaptar a isso não é motivo de fraqueza, mas de visão e, para tanto, optou por uma área bem diferente no estudo de sua pós-graduação, a fim de poder desempenhar melhor o seu papel naquele momento.

Os obstáculos e as perdas pessoais serviram de alicerce firme na ascendência profissional dessas mulheres

O que para uns pode parecer muito agradável, para outros pode ter um peso bem acentuado.

Duas falas de Carolina descrevem as suas perdas da adolescência, uma vez que os momentos de superação já foram tratados na sua análise individual.

Af.: Assim a gente não eu não consigo ter essa referência eu lembro de alguns nomes esporadicamente e tal a minha maior referência realmente é Cidade-XM que quando eu cheguei lá eu tinha dezessete anos eu já tinha terminado o ensino médio (Carolina, L.41-44).

Af.: Aí eu entrei na faculdade em Cidade-SM né fiz um semestre lá tinha dezesseis anos recém feitos e meu pai foi transferido (1) e aí eu tive que parar a faculdade lá e vir junto porque ele disse não em hipótese nenhuma porque naquela época não era comum hoje é comum filho estudar fora e tal mas naquela época não era comum filha minha não fica sozinha não sei o que vai junto lá me vim eu- eu deixei namorado deixei tudo pra traz vim chorando a viagem inteira minha mãe diz que eu vim aporrinhando a paciência dela a viagem inteira (Carolina, L.64-75).

A falta de referências de infância, lembranças e amizades é um fardo que só avalia o tamanho quem teve de carregá-lo, como é o caso de Carolina, que se sente sem referências afetivas no seu passado e isso lhe incomoda, traz dificuldades sentimentais e crise existencial. A infância é um período de formação da personalidade da pessoa, e a falta da base afetiva atrapalha sua formação. Se, para muitos, isso pode destruir as possibilidades de futuro, para Carolina foi desafio de superação. Saber que existem e existiram problemas e mágoas e estar disposta a pedir ajuda para superá-los é uma virtude determinada e foi assim com ela. Toda essa deficiência afetiva foi transformada em luta por dias melhores, novas opções, vitórias.

Ana tem superações mais afetivas, como se vê a seguir:

Af.: E até aí então o [[nosso casamento estava tudo bem e ele foi pra lá e com pouco tempo que ele estava lá]] ele já voltou totalmente transformado e eu não pensei duas vezes e parti pra separação (Ana, L.218-220).

Af.: Como Diretora, foi um desafio muito grande o prof. Julio ter me convidado agradeço demais a ele esse momento que passei na minha vida e que eu fui convidada, foi uma outra história de vida, um outro trabalho um empenho muito grande do trabalho que isso preencheu muito um pouco do meu vazio entendeu dos meus pensamentos que eu me dediquei totalmente a essa Uned (Ana, L.336-341).

Para Ana, que teve a sua vida dedicada a conciliar a vida familiar e profissional, o abalo emocional causado pela separação do casal foi superado pela dedicação ao seu trabalho e pelo apoio dos amigos que sempre estiveram presentes em sua vida.

Aceitar o desafio de estruturar e dirigir uma Unidade de Ensino, partindo de zero, fé-la juntar todas as suas forças e pensamentos neste objetivo, sabendo que a capacidade já havia sido adquirida pela sua trajetória de vida profissional demonstrada ao longo de sua caminhada no CEFET. Precisava apenas deixar fluir as habilidades e concentrar-se no que tinha por fazer sem se preocupar tanto com os danos do contexto que sua separação tinha lhe causado.

O que foi a superação de Iracema?

Af.: Porque aos 15 anos eu perco minha mãe e aí também eu passo a ter uma responsabilidade maior com a família eu sempre fui a provedora de família porque aos 15 anos quando minha mãe morreu meu pai já estava logo depois dois anos depois meu pai também morreu e eu era a mais velha solteira na família porque os meus irmãos maiores já eram todos casados então na verdade eu fico com uma responsabilidade muito grande com os quatro irmãos menores e concluí os estudos na Escola Técnica comecei a trabalhar (Iracema, L.98-104).

Iracema é exemplo de superação! Começaram cedo seus problemas. Primeiro com a mudança de cidade e de estado, segundo, quando deixou de estudar para cuidar de sua mãe que logo após, faleceu. Dois anos depois, morre também seu pai, e ela passa de filha e irmã, à mãe dos irmãos mais novos e a ter que buscar sustento desse núcleo familiar. Necessitando de ajuda no ser educada tem que trabalhar, também, na educação dos irmãos. A sua vida continua com muitos desafios e percalços: os estudos em nível profissional, a escolha da profissão, ser aceita como professora, em um curso técnico culturalmente tido como masculino. Continua sua trajetória profissional buscando alcançar o cargo de Diretora Geral da instituição onde trabalha, onde mesmo vitoriosa nas consultas à comunidade era impedida de exercer o cargo por pessoas que, sutilmente e explicitamente, não a deixavam assumir.

Cada dificuldade lhe fazia ir mais longe; cada obstáculo se transformava em oportunidade de mostrar grandeza e foi se fortalecendo para enfrentar qualquer situação.

Os percalços de Daiane têm uma outra característica:

Af.: Eu já era da adolescência minha mãe faleceu num acidente de carro com minha irmã minha irmã de 15 anos e eu não sou a mais velha mas tem minha irmã Dirce que era a mais velha mas quem assumiu toda a casa com meu pai fui eu porque meu irmão menor tinha 8 anos na época minha mãe tinha 36 anos minha irmã 15 e eu também estava no acidente e ela e com isso eu tive que me fortalecer para atender toda uma casa né tinha 17 (Daiane, L.16-21).

Daiane também começou cedo a administrar suas perdas. Aos dezessete anos, quando a menina ainda vive as inseguranças da adolescência, perde a mãe e a irmã, num acidente, onde a imprudência de um condutor tirou a vida de duas pessoas importantes para ela. Inúmeras vezes deve ter se perguntado por que foi poupada nesse dia, visto que vinha junto no carro com elas. Não explicitou se tem alguma conclusão a respeito, mas foi esse acidente trágico que a fez deixar de ser menina para se transformar em mulher e dona de casa. Cuidou da casa, do pai e dos irmãos mais novos. Ao fazer seu relato, conta que alguns anos depois seu pai aparece morto no mar e até hoje desconfia se foi uma morte acidental ou provocada. Enfrentou também a separação de um casamento de longos anos do qual ela não descreve os detalhes do desfecho.

O que se percebe é que Daiane, hoje, é uma pessoa forte, decidida, dinâmica, que sabe se posicionar, que estimula os seus servidores, que incentiva o trabalho em equipe e que transformou suas perdas em degraus para estar à frente de grandes conquistas.

Como conciliar vida familiar com a correria de um trabalho empenhativo?

As concepções do núcleo familiar estão mudando e não poderia ser diferente, pois o percentual de mulheres que passaram a ser provedoras de suas casas aumenta cada dia, como se tem a oportunidade de ver no referencial teórico deste trabalho.

O apoio à Carolina vem do marido.

Y: Apoio pelo que eu vejo do marido tu tens.

Af.: Ah! graças a Deus eu não sei o que eu faria se não fosse ele agora então esse ano de 2007 que foi um ano de eleição que foi um ano bastante difícil po ele me deu todo o suporte todo-todo-todo-todo as vezes eu ficava até tarde fazendo alguma coisa ele nunca me cobrou nada nunca- se tem que ir a Brasília ah! vai tem que ir nunca sabe nunca fez nenhum tipo de cobrança nem pra isso nem pra estudo eu tenho esse suporte que é uma coisa assim que é extremamente importante né tu saber que tu tens a retaguarda se eu precisar essa retaguarda ela vem (Carolina, L. 604-611).

Carolina pode contar com seu marido na divisão de tarefas e de apoio na conciliação entre a vida profissional e a vida familiar. Importante salientar que ela optou por não ter filhos, pois entende que não conseguiria neste momento de sua vida, oferecer um acompanhamento a eles da forma como gostaria e entende seja necessário para sobreviver nos dias atuais, levando como exemplo a educação e a atenção que teve de seus pais quando era criança.

A ajuda de Ana é mais sutil, mas ainda assim ela existe:

Af.: Eu tinha muito apoio do meu ex-marido né do pai dos meus filhos um apoio assim entendeu fora de série, irreparável, eu saía, acordava cedo de manhã e levava- e deixava, se não tinha empregada, eu deixava a farda pronta a comida pronta alguma coisa só pra ele concluir onze horas e ele trabalhava era professor da universidade ia pra- me dedicava no trabalho as vezes eu ia de ônibus mesmo pra Fundação PXB e ele ia pro serviço e meus filhos estudavam só e davam contra da sua atribuição eles mesmo preparavam o dever deles (Ana, L.185-190).

Ana descreve que a ajuda de seu marido nas tarefas de casa é como a de um assessor, mas que para ela servia no momento, pois entre os dois conseguiram educar os filhos, acompanhá-los na escola, oferecer-lhes lazer e divertimento e, se muitas vezes, foi ela a mais sacrificada na realização das tarefas caseiras, cumulativamente com a função de professora, os filhos foram atendidos no contento de suas necessidades. Prova disso é que todos estudaram, se formaram e são pessoas que buscam trilhar um bom

caminho. Todo esse dinamismo exercido por Ana para conciliar suas tarefas tornou-a uma mulher de muita garra, capaz de enfrentar problemas, encontrar soluções, conviver com as diferenças e buscar sempre o melhor em termos de trabalho e de convivência para sua equipe.

Iracema conta com a ajuda da família para dar conta de todas as funções:

Af.: Eu moro bem perto da Universidade do Estado-HD de onde eu também fui professora eu pra aproveitar o tempo né essa dinâmica da gente a gente tem que aproveitar e pra aproveitar o tempo eu fiz o curso de administração em sistema escolar a noite que também era uma licenciatura plena com habilitação em pedagogia e sociologia (1) e ainda criando os filhos né e como eu tinha os meus irmãos e a minha irmã logo depois de mim ela morou comigo por muito tempo então ela era assim a pessoa que tomou muito mais conta da minha casa do que eu (Iracema, L.121-128).

Af.: Não é fácil você terminar um curso e de repente você ir pra dentro da sala de aula e na época os alunos não eram assim adolescentes eram muito mais maduros os alunos né em geral eram turma assim quando eu dei aula tinha muita gente nas turmas que eu dava aula que era muito mais velho que eu (Iracema, L.251-255).

Iracema aprendeu cedo a conciliar sua vida profissional com a vida familiar. Contou com a ajuda de sua irmã mais nova que acabou substituindo-a em muitas atividades de sua casa, desde as tarefas domésticas até na educação e cuidado dos filhos. Iracema e seu marido sempre trabalharam, embora tenha acontecido do marido ficar oito anos sem trabalho fixo, sendo ela a assumir então todas as despesas da casa.

Tal fato, embora tenha gerado dificuldades, são lembranças de um casal unido em todos os momentos. Gostam de viver com tranquilidade e se utilizam desses momentos para fortalecer a relação de parceria e companheirismo tão presente na relação.

As dificuldades que Iracema teve ao começar sua vida como professora também serviram para prepará-la a enfrentar os desafios, que não foram poucos, nos seus trinta e três anos de vida profissional. Nesse começo de vida, Iracema ainda não era casada, e além de trabalhar como professora, cuidar da casa e de seus irmãos menores, tinha, também, a responsabilidade de ser a provedora da família.

Daiane assumiu os irmãos e contou com a ajuda deles nas tarefas do dia-a-dia e com o marido na divisão de criação e educação dos filhos.

Af.: E u fiquei casada 24 anos e me separei do Carlos né hoje to separada e claro cada um foi pro seu caminho mas ele é um excelente pai pros meus filhos né então isso é que é importante e os meus filhos até moram um pouco com ele a minha filha mora mais com ele do que comigo até porque eu tenho né u- muito agitada (Daiane, L. 49-53).

Af.: E aí eu né hoje a minha vida é claro pessoal ela ficou muito em detrimento do profissional porque meus filhos a minha filha quando viu assim essa confusão e eu não chegando em casa e viajando ela foi morar com o pai mas hoje nossa relação é muito boa porque ela também tá comigo momentos comigo e o Carlinhos não ele aceita e me dá muita força (Daiane, L. 142-147).

Daiane sempre trabalhou fora e conciliou a vida familiar com a profissional. Embora não tenha descrito como foi exatamente a divisão das tarefas, não contou também que tenha havido dificuldades em cuidar dos filhos e da casa e ainda trabalhar. Não mencionou que tenha tido alguma necessidade de deixar de trabalhar para cuidar da sua família. Talvez pelo fato de ter seus irmãos morando com ela e depois sua vó, pode-se imaginar que eles tiveram participação nesta importante tarefa.

Importante salientar que sua filha, embora com uma idade já considerada adulta, tem a necessidade da presença dos pais ao seu lado tanto que ao se defrontar com as ausências excessivas da mãe na sua nova função de Diretora Geral, opta por morar com o pai que está mais em casa e assim se sente mais confortável.

Esta opção está dentro das novas concepções do núcleo familiar onde não necessariamente deve ser a mãe a estar sempre à disposição dos filhos, mas o pai tem deveres iguais. Aquele que no momento estiver mais disponível pode perfeitamente assumir essa função, e isso não deverá ser uma exceção, mas uma nova maneira de se dividir a importante tarefa de cuidar e educar os filhos.

A vida de trabalho não atrapalha o bom humor tão necessário para se viver bem

O bom humor e a diversão são pontos altos da vida dessas mulheres. Saber encontrar tempo para desfrutar daquelas coisas que são importantes e necessárias para o bem estar do ser humano, é uma ginástica que todas elas gostam de fazer.

Carolina tem gostos mais individuais de lazer, coisas que dependem somente dela.

Af.: Então eu gosto de tudo adoro ler eu gosto muito de assistir TV (Carolina, L. 515-516)

Af.: Eu gosto muito de dançar embora eu não tenha tido muito tempo mas eu gosto muito de dançar mesmo (Carolina, L. 519-520).

Af.: Gosto de música eu gosto de ler gosto de assistir TV gosto de um cinema né eu gosto dessas coisa assim gosto me divertir muito também na internet mas não tenho muito saco (Carolina, L. 525-527).

Carolina gosta muito de ler, até porque esse hábito faz parte da sua formação desde criança. A leitura lhe ajuda a conhecer o mundo e a diluir suas preocupações e incomodações. Não consegue dormir sem antes ler. Também gosta de movimentar o corpo numa boa dança, além de gostar de cinema, TV e um pouco de viagem pela internet. Preocupa-se com sua aparência e curte estar de bem com a vida.

Ana é uma pessoa mais tranqüila, e curtir a família é uma das suas preferências.

Af.: Atualmente o que eu gosto de fazer no meu tempo de lazer me dedicar a minha neta, conversar com a minha neta, ir buscá-la pra passear, um pouco de leitura (2) leitura em relação a (2) romance, eu gosto muito de romance e também di legislação 8.112, 8.666, as Leis que regem as minhas funções a minha função como diretora eu gosto sempre de estar lendo estar me atualizando (Ana, L.289-293).

Af.: Eu gosto de tomar uma cerveja sair com as minhas amigas dar uma volta ouvir uma música sou apaixonada por música qualquer estilo de música eu gosto (Ana, L.299-301)

Ana é uma mulher romântica, gosta de estar com suas amigas, sua neta, além de dedicar-se um pouco à leitura. Gosta muito de ouvir música, até porque a música a faz viajar e leva a mente e os corações aos lugares mais distantes e desejáveis que se possa ter.

Salienta também que tem vontade prestar serviços comunitários e que planeja fazer isso em sua vida quando se aposentar.

Iracema também é uma pessoa pacata e voltada a sua família.

Af.: Eu e meu marido ficamos assim a gente tem uma casa de praia aqui a gente usa muito porque ela fica próxima de Cidade-SL não fica muito distante então todo final de semana praticamente a gente vai quando não tem nenhuma obrigação social que a gente tenha que atender a gente vai pra casa de praia a gente fica lá descansando e é bom e assim eu gosto muito de cinema teatro algumas vezes não sou muito de tá toda semana mas alguns finais de semana a gente escolhe uma final de semana vai pro cinema outro final de semana vai pro teatro (Iracema, L.543-550)

Iracema leva uma vida de lazer bem família, onde descansar na casa de praia e curtir a presença de seu neto são pontos fundamentais. Além disso, esporadicamente, gosta de ir ao cinema ou ao teatro, como forma de diversão. Isso agora, que os filhos estão todos adultos e moram em suas casas. Mas, no decorrer de suas vidas, já os acompanharam muito nos momentos de lazer em *shopping*, aniversários e idas à praia.

Já Daiane tem seu prazer no curtir os filhos em ritmo de viagem.

Af.: Nós temos muita vontade assim de continuar e ver o CEFET crescer mais ainda, e eu vejo que tem um diferencial né mesmo é muito grande assim com a questão ainda um diferencial do preconceito que existe por ser uma formação profissional né tecnológica por ser mulheres por serem animadas que a gente não né não desiste de nada estamos sempre muito bem humoradas né sempre arrumadas sempre enfrentando desafios recebendo pessoas (Daiane, L. 150-156).

Af.: Eu gosto muito de viajar né os meus filhos a gente viaja todo ano (Daiane, L. 236)

Daiane reforça que o fato de se trabalhar muito não precisa estar diretamente ligado a esquecer de viver, mas que se pode, sim, fazer o trabalho com bom ânimo, com alegria, animação e ainda não se descuidar da própria aparência, que destaca o seu lado bem feminino.

Quanto ao lazer, além de estar com os amigos, ela gosta muito de viajar, principalmente com os filhos, visto que, com isso, aproveita para estar com eles um

tempo precioso e conhecer lugares maravilhosos onde vivem bons momentos de convívio.

A discriminação não é totalmente explícita, mas ela existe.

Af.: Eu acho que é um mundo muito masculino é eu acho que é um mundo muito masculino assim nas reuniões do CONCEFET (Carolina, L.538-540).

Af.: No início eu achei que eles acharam que era mais uma “jovenzinha” assim sabe lá vem ela não sabe nada e tal eu acho que isso já reformulou mas discriminação por ser mulher não eu acho que a discriminação talvez ela exista por eu ser da área de comunicação de humanas não ser da área técnica isso sim a impressão que às vezes eu tenho é que as pessoas olham pra ti e quando dizem assim ah! ela não sabe muito da área técnica sabe (Carolina, L547-552).

Para Carolina, o mundo dos diretores gerais dos CEFETs, reunidos no Conselho dos seus dirigentes, CONCEFET, é eminentemente masculino. Foi assim a impressão que teve ao começar a participar dos encontros, e a discriminação não era somente pelo fato de ser mulher com boa aparência, mas também por ser uma pessoa de cultura geral e jovem, que tem quarenta e três anos.

Carolina rompeu dois paradigmas em sua escola, um, de ser uma mulher a assumir o cargo de gestora e outro, dessa mulher não ser da área técnica, iniciando assim uma nova era para esse CEFET, abrindo caminho para que outras mulheres sigam seu exemplo.

Ana passou pela discriminação de uma forma sutil que muitas vezes impõe dúvidas para quem possa tentar encontrá-la.

Af.: Quando eu passei no, preenchi essa vaga no curso de química eu fiz dois anos no curso de química e meu ex-marido foi meu-era meu professor, nos conhecemos, ele como meu professor e com o namoro e tal ele tinha recém entrado na Universidade né e ele foi fazer o mestrado em cidade FX e quando ele foi fazer o mestrado- não ele foi ainda namorava, no mestrado, mas logo que ele foi fazer o mestrado, ele quis casar né e eu tive que trancar o meu curso (Ana, L.271-276).

A discriminação nem sempre é perceptível por quem a vive ou a recebe. Penso que para Ana o fato de atender às necessidades do marido e dos filhos em certas circunstâncias não lhe parece um ato de discriminação, mas quando se olha de fora e com um olhar mais crítico e sensível ao que acontece em sua vida, percebe-se que passou a vida trabalhando para o bem estar deles, sem pensar muito em si própria. Primeiro, quando estava envolvida nos seus estudos, ela, sem participar da decisão de mudanças de planos, teve que atender aos anseios do namorado, abandonando seu sonho de formação. Após, com o nascimento dos filhos, foi completamente absorvida pelo trabalho de ser mãe e mesmo quando começou a jornada de trabalho fora do lar

continuava a fazer tudo para eles e para o marido e ainda se sentia culpada por não lhes fazer companhia nos momentos de lazer.

Eu pergunto: Isso não é discriminação? Onde estão a igualdade de direitos e deveres?

Com Iracema a discriminação se acentua, pois engloba gênero, raça e classe social.

Af.: Eu fui coordenadora do curso de Eletrotécnica umas duas, três, quatro vezes é::é como assim também como a única mulher no Brasil coordenadora de um curso que era masculino (Iracema, L. 77-80).

Af.: Você estuda na Escola Técnica qual o curso Você faz? Aí eu falava Eletrotécnica aí começaram a dizer assim sempre que eu dizia Eletrotécnica aí as pessoas faziam uma admiração e falavam tem várias que me falaram assim você é louca como é que Você vai fazer Eletrotécnica mulher não pode mexer com eletricidade, mulher Você vai subir em poste (Iracema, L.196-200)

Af.: É sempre muito sutil essas coisas né tanto do ponto de vista racial quanto do ponto de vista de gênero é uma coisa muito sutil até porque eu tenho a língua solta então se eu perceber eu vou em cima então eu não eu nunca percebi muito embora as pessoas tivessem assim usado muito principalmente a questão da raça foi muito usada (Iracema, L.523-527).

Para Iracema o preconceito e a discriminação eram ainda mais acentuados, pois o curso pelo qual optou, na então escola técnica, tinha predominância masculina e, mais ainda, quando se tornou professora nele. Ela, além de professora, foi coordenadora do curso várias vezes, e nos encontros de coordenadores, se achava sozinha no meio dos coordenadores de outros CEFETs.

O sentimento de pressão discriminatória foi tão grande que Iracema chegou a trocar o nome do curso para que as pessoas não lhe questionassem mais sobre as problemáticas de ser mulher e atuar numa área “dita” masculina.

Embora diga que foram sutis as palavras preconceituosas para com sua pessoa, percebe-se que Iracema foi aprendendo a lidar com isso, e, se no início não conseguia se defender enquanto aluna no curso, hoje como professora há tantos anos, não aceita, calada, esse tipo de situação, e enfrenta da maneira cabível a cada tipo de preconceito.

Daiane registra que o preconceito e a discriminação estão presentes sim, embora tenham aqueles que queiram negá-los.

Af.: E aí eu fui pra campanha pra direção geral concorri com mais dois professores é claro que ainda existe um preconceito bastante grande em relação a isso né mulher mas felizmente foi aceito né eu ganhei e hoje nós temos uma gestão assim com muitas mulheres (Daiane, L.103-107).

Para Daiane, o fato de concorrer com dois homens para a Direção Geral, e ter vencido, é o começo de um novo modelo, onde a mulher tem o seu lugar. No entanto, ela

percebe que existe a discriminação inicial por ser mulher, mas que vai se dissipando quando as ações começam a se concretizar. Ao final de 2007, Daiane foi reeleita para ficar mais quatro anos no cargo, o que comprova o bom trabalho que sua gestão, composta por uma maioria de mulheres, está fazendo na instituição em que atua.

A determinação é o diferencial em todos os momentos.

A demonstração de busca de superação e de conquistas são fatos presentes em todas as mulheres entrevistadas. Algumas falas das quatro analisadas confirmam essa afirmação.

Af.: Aí começou esse ano o grupo começou tu tem que sair candidata tu tem que sair candidata e tal e aí estou eu como diretora da Escola (Carolina, L.399-401).

Af.: Então eu sempre disse vamos transformar isso vamos olhar de forma positiva pra essas coisa eu não posso dizer que a minha adolescência foi uma adolescência feliz não foi eu sofri muito eu fui fazer terapia eu fiz três anos de terapia com um psiquiatra me tratei eu fui uma adolescente muito infeliz eu vou te dizer que eu comecei a viver realmente ser feliz a partir dos 24, 25 anos aí eu comecei a despertar pra vida então assim e hoje eu olho e digo assim ah! podia ter sido melhor podia mas se não tivesse sido daquela forma talvez eu não tivesse me construído ao longo desse tempo dessa forma que eu sou hoje e hoje eu sou uma pessoa de bem com a vida (Carolina, L. 574-582).

Além de concorrer como candidata a vereadora em mais de um pleito, Carolina também concorreu ao cargo de Diretora Geral do CEFET obtendo sucesso. Ao relatar sua vida, percebe-se momentos de dúvida sobre qual caminho seguir, qual formação universitária, qual trabalho. Os conflitos da adolescência por serem resolvidos. As expectativas dos pais a serem atendidas. Questões consideráveis para uma só pessoa, mas ela supera todas buscando ajuda quando necessário e não desistindo de seus ideais.

Foi assim também com Ana:

Af.: Eu trabalhava três turnos e estudava num outro então eu não ia nem em casa almoçar (Ana, L. 52-53).

Af.: Já assumi várias chefias aqui dentro, de coordenador de curso, até agora como Diretora dessa Uned (Ana, L.87-88).

As falas de Ana demonstram que não foi fácil conciliar as tarefas que tinha para desempenhar, mas que conseguiu chegar à conclusão de seus estudos, paralelamente, à vida de professora. Depois, realizou concurso público, sendo aprovada para o CEFET onde atuou como docente, em cargos de chefia e agora como gestora de uma Unidade. Garra é o que não lhe falta.

Para Iracema não foi diferente:

Af.: Teve uma repercussão muito grande na imprensa mas foi uma repercussão tão grande que eu acabei ficando famosa assim conhecida como a mulher que @ganhou e não levou e tal@ (Iracema, L.393-395).

Af.: E aí veio a terceira eleição (Iracema, L.457).

Af.: Assim foi feito então foi mais uma vez uma concorrência com Rubens e aí nós vencemos assim com 68% dos votos e aí foi isso (Iracema, L.466-468)

Diremos que o nome de Iracema pode ser substituído por persistência. Poucas pessoas seriam capazes de passarem por três eleições, vencerem-nas e não assumir, por motivos vários, que já foram relatados no início deste capítulo. Então, na terceira eleição, em virtude da nova legislação, que instituía enviar somente o nome do candidato mais votado para a indicação pelo MEC, foi que ela conseguiu assumir e está hoje no cargo de Diretora Geral.

Iracema não guarda mágoas, pois as transformou em motivos para lutar e fazer melhor.

Daiane tem uma visão otimista sobre o trabalho da mulher nos cargos de gestão, sobre como enfrentam as situações e o que isso representa na jornada do CEFET.

Af.: A mulher ela tem muito mais sensibilidade que eu vejo do que o homem no trabalho de perceber né as coisas de estar junto das pessoas e entender que elas precisam ser ouvidas e hoje o nosso servidor ele quer ser ouvido o nosso aluno quer ser ouvido e tu tem que ter essa paciência que o homem e muitas vezes não tem né e é uma equipe que está dando assim né ao meu ver a gente faz muita avaliação ta dando muito certo justamente por essa empatia que nós temos pelo compromisso com o trabalho que nós não temos sábado, não temos domingo não temos feriado e assim tudo que é proposto são desafios que nós aceitamos então hoje eu me sinto muito orgulhosa de estar a frente do CEFET justamente por estar num período de expansão (Daiane, L.125-134).

Daiane enfatiza que as características femininas de sensibilidade, paciência e disposição para trabalho em equipe são virtudes indispensáveis nos cargos de gestão e, nas avaliações que fazem de sua gestão, é exatamente neste diferencial que está o sucesso do seu trabalho.

Para desempenhar a função de gestora de um CEFET, que desde sua origem teve este papel exercido por homens, a mulher não precisa se assemelhar às suas características, mas entender e aceitar que pode ser mulher, se vestir como mulher, se comportar como mulher, pensar como mulher e é exatamente isso que vai dar a ela todas as condições para desempenhar bem o seu papel como gestora. O mundo mudou, as pessoas mudaram e, por sua vez, as características esperadas e desejadas de um gestor hoje também mudaram e, nesse contexto, entra a habilidade feminina.

O quadro de estudantes do sexo feminino, os perfis dos cursos e o número de professoras mulheres nestas Instituições vêm aumentando sensivelmente, o que colabora no crescimento, embora singelo, do número de mulheres em cargos de gestão.

Diferentes profissões não impedem as mulheres de chegarem ao cargo de gestoras, visto que as habilidades para a função vão sendo adquiridas ao longo da vida. A escolha da profissão inicial foi só o pretexto para ingressar no cargo de professor destas instituições e, a partir de suas trajetórias individuais, é que a profissão administrativa de liderança, de gerenciamento, de iniciativas e de gestão foi acontecendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho acerca da trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas profissionalizantes foi tecido tendo-se presente os objetivos: falar sobre o início e a caminhada da educação profissional no Brasil através dos CEFETs; fazer um levantamento do quadro de mulheres em cargos de direção nas instituições da rede CEFET; verificar a atuação das mulheres dentro dessas instituições e conhecer as trajetórias dessas mulheres nos seus mais diversos aspectos.

Para compreender as trajetórias de vida e a atuação nos CEFETs, foram entrevistadas dez mulheres, de diversos estados e regiões do Brasil, dentre as quais optou-se por quatro entrevistas, para análise em profundidade.

Se a tentativa de codificar palavras e coisas já era a busca de uma causa perdida (SCOTT, 1995 p.71), visto que cada momento em que elas são aplicadas carrega uma história, mais difícil ainda tentar encontrar traços em comum entre mulheres que participaram desta pesquisa. No entanto, apresentar algumas características que colaboraram nas suas caminhadas, culminando no que representam hoje enquanto mulheres, na gestão de instituições públicas como os CEFETs, é uma das contribuições deste trabalho.

Conhecer suas histórias pode não fazer compreender completamente o momento presente, mas identifica os valores que as mulheres possuem, por tanto tempo escondidos no silêncio das suas ausências de expressão, principalmente no campo profissional em cuja área de atuação predomina o gênero masculino.

Tal ausência se dava porque elas não queriam se expressar, ou porque não lhes era dada tal oportunidade? Uma pergunta que não se responde com um simples sim ou não, visto que as respostas vêm carregadas de seus porquês. O que se percebe é que "elas" estão deixando o anonimato, o trabalho silencioso, para fazer valer suas angústias, suas idéias, suas buscas, seus objetivos, suas opiniões.

Martin Luther King ao dizer "O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons"¹⁹, inspira as mulheres a saírem do silêncio para fazer parte dos espaços de formação de opinião, de exemplos a serem seguidos, de se colocarem à

¹⁹Retirado do site. Disponível em: < http://www.pensador.info/autor/Martin_Luther_King/2/> Acesso em: 10 de out. 2008.

frente nas tomadas de decisões, não deixando para os outros o que elas mesmas podem fazer.

Com Louro (1997), está-se trazendo para o meio acadêmico, especificamente para os CEFETs e Universidades, questões que mobilizam as militantes feministas, ou seja, os aspectos que incomodam, que causam diferenciações no tratamento e nas oportunidades oferecidas às mulheres.

Deseja-se colocar um contexto que possa contribuir para que as meninas e futuras profissionais possam exercer funções mais significativas nas esferas públicas e privadas, concordando com Freire (2007) quando diz que dentro das escolas temos um campo de influência bastante grande e como o exemplo é a melhor escola, entende-se que a reprodução das trajetórias das mulheres deste trabalho, será motivo de estímulo a todas as pessoas que tiverem a oportunidade de conhecer e interpretar as narrativas dessas mulheres como exemplo de conquistas e superações.

Aceitar caladas que as profissões com maiores possibilidades de sucesso já estejam predestinadas, ou voltadas, ao público masculino e à classe social mais abastada (CARNOY/LEVIN, 1987), não deve, no século XXI, ser aceito pacificamente, principalmente, pelas mulheres. A busca pela igualdade de oportunidades, tanto de expressão, como de escolha profissional, bem como de opção no mercado de trabalho, deve constituir importante bandeira dos movimentos feministas e de classe.

Atualmente, a atuação de mulheres diretoras nas escolas fundamentais é expressiva (SOUZA, 2007), mas conforme aumenta o nível de ensino, essa realidade vai ficando menor. Nos CEFETs, das 36 Instituições que compõem essa rede de ensino, somente seis são dirigidas por mulheres. No âmbito das universidades federais, a situação não é diferente e, proporcionalmente, o percentual de mulheres reitoras é ainda menor.

Mourão/Galinkin (2007) falam sobre a igualdade de acesso aos cargos públicos que são atingidos através de concurso, no qual se constata que a mulher consegue entrar no serviço, mas o acesso aos cargos de chefia, nos quais os salários são mais elevados, ainda se destinam, em sua maioria, aos homens.

Como exemplo citamos os CEFETs, cujo percentual de pessoas em cargo de direção é bem maior para os homens. Vale dizer que, no CEFET-RS, esta realidade já foi mais acentuada, uma vez que as mulheres só puderam trabalhar nessas instituições muito tempo depois dos homens e, ainda hoje, o percentual de homens em relação a mulheres, está no percentual dos 65% de homens e 35% de mulheres.

O aumento na escolarização feminina tem contribuído no acesso aos cargos mais bem remunerados (MARUARI, 2003), o que está possibilitando a chegada das mulheres aos cargos de gestão.

No entanto, enquanto a jornada familiar continua sendo de responsabilidade da mulher (GARDEY, 2003), existem indícios de que essa realidade pode vir a ser mais bem dividida entre os membros da família, ou, pelo menos, entre o homem e a mulher. A dupla jornada é pesada se for carregada individualmente, e a divisão dessas funções não só alivia a parte física, como também proporciona que a família consiga usufruir igualmente e de maneira prazerosa dos momentos de lazer. E ainda proporciona o ensinamento do trabalho em equipe na divisão das tarefas.

Se, para Gosdal (2007), existe uma grande dificuldade para conciliar trabalho doméstico e funções maternas com a vida profissional da mulher, quando ela tem somente um trabalho executivo, em que a sua jornada de trabalho é fixa e predeterminada, o que se dirá das mulheres em cargos de gestão, nos quais o imprevisível é constante e o turno de trabalho só tem hora para começar? Dessa forma, mais do que nunca o núcleo familiar tem papel importante no apoio a essas mulheres.

Neste trabalho, encontra-se quatro mulheres com realidades e situações de vida diferentes, exercendo funções semelhantes. Cada uma em busca do seu espaço. Cada uma com sua consciência, com sua realidade, para pensar sua própria vida apesar das circunstâncias e dificuldades que viveram para atender suas expectativas. Tornaram suas vidas uma batalha para ser vencida a cada dia, no que tange, principalmente, ocupar cargos diretivos na educação de nível médio técnico e tecnológico.

Bastos (1998), ao definir tecnologia, expressa a relação de poder que ela impõe na sociedade. Dirigir uma instituição que trabalha diretamente ligada ao desenvolvimento técnico e tecnológico é um desafio que impulsionou as mulheres desta pesquisa a conviver, interagir, gerenciar e buscar formas de inserção nesse meio, independente da formação educacional que elas tiveram. Os conhecimentos para lidar com isso vieram de vivência profissional, cursos de aperfeiçoamentos e experiências obtidas ao longo de suas vidas.

Diferente do que Fonseca(2000) conclui em sua pesquisa sobre a divisão dos trabalhos vistos como masculinos e femininos, essas mulheres entendem que o cargo de diretoras gerais dos CEFETs pode e deve ser ocupado tanto por homens como por mulheres, dependendo assim da aspiração e da busca de cada um.

No decorrer de suas trajetórias, foram adotando seus próprios estilos, uns conscientes, outros instintivamente até chegarem a atingir seus objetivos. As suas vidas

foram propostas de desafios e superações que, incentivadas pela vontade de vencer as conduziram para que, com ações e reflexões, fossem agindo com flexibilidade diante de tudo que se apresentava.

À medida que o tempo avançava, suas necessidades de querer mais surgiam e os momentos de dúvida impunham algum receio, mas, com a vivência do dia-a-dia e valendo-se das experiências que cada uma carrega, aprenderam a lutar, construir, e, finalmente, a conquistar.

Reunir as informações desta pesquisa é uma forma de contribuição acadêmica, pois tenta-se compatibilizar e harmonizar as realidades levantadas com o significado que elas possuem, para que, ao torná-las de domínio público, consigam atingir os objetivos de esclarecimentos e divulgação do não mais silencioso trabalho das mulheres na gestão da importante rede CEFET.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jane S. **As Lutas Femininas por Educação, Igualdade e Cidadania**. Brasília, Revista Estudos Pedagógicos, v. 81, n. 197, p.5-13, jan/abr. 2000.

APPEL, Michael. **La entrevista autobiográfica narrativa: Fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes em México**. Forum Qualitative Sozialforschung/Fórum Qualitative Social Research (On-line Journal), 2005, Vol. 6 n.2, Art. 16
<<http://www.qualitativeveresearch.net/fqs-texte/2-05/05-2-16-s.htm>>.

ARRUDA, José Jobson A.; PILETTI, Nelson. **Toda História**. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

AUAD, Daniela. **Feminismo, que história é essa?**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

BASTOS, João Augusto de Souza L. A. **Educação Tecnológica**: conceitos, características e perspectivas In: Revista Tecnologia e Interação. Curitiba: CEFET-PR, 1998.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BELLE, F. **Executivas: quais as diferenças na diferença**. In: CHANLAT, J. F. (coord.). O Indivíduo nas Organizações. São Paulo: Atlas, 1993.

BERTOLINI, Lucila B. A. **Relações entre o Trabalho da Mulher e a Dinâmica Familiar**. São Paulo: 1. ed. Vetor Editora, 2002.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. **Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-Dez 2000, Vol. 16 n. 3, pp. 233-239.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, San Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. **O método documentário e sua utilização em grupos de discussão**. Educação em Foco. Juiz de For, v. 11, n. 2, p. 19-38, 2006.

BRUSCHINI, Maria Cristina A. **Articulação trabalho e família**: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras / Maria Cristina A. Bruschini; Maria Rosa Lombardi; Sandra Unbehau; Arlene Martinez Ricoldi; Cristiano Miglioranza Mercado. São Paulo: FCC/DPE, 2008.

CARVALHO, Marília Gomes de. **Trabalho Docente e Relações de Gênero**. algumas indagações. Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 1996 n.2, p. 77-84.

_____. Relações de gênero e tecnologia: uma abordagem teórica. **Em Relações de Gênero e Tecnologia**. Curitiba: Editora CEFET-PR, 2003.

_____. **Gênero e Tecnologia**: estudantes de engenharia e o mercado de trabalho. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/seminario/CARVALHO.pdf>>, 2007. Acesso em: 10 de out. 2008.

CARVALHO, Marília Gomes de; FEITOSA, Sâmara; ARAÚJO, Marcos Castro de. **Tecnologia**. Disponível em: Site: www.ppgte.cefetpr/genero. Acesso em 10 de out. 2008.

CARNOY, Martin.; LEVIN, Henry M. **Escola e Trabalho no Estado Capitalista**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1987. cap. 4 e 5.

FLICH, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004. pp. 89-108.

FONSECA, Tânia M. G. **Gênero, Subjetividade e Trabalho**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

FRASER, Nancy. Políticas feministas na era do conhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero. In: BRUSCHINI, Cristina.; UNBEHAUM, Sandra, G. **Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2002. pp.60-78.

FREIRE, Sandra F. C. D. A Construção do Gênero na Escola: entre o discurso e a prática. In: ARAÚJO, Adriane R.; MOURÃO, Tânia F.(org). **Trabalho de Mulher: mitos, riscos e transformações**. São Paulo: Editora São Paulo, 2007. p. 49-61.

GARDEY, Delphine. Perspectivas Históicas In. MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena. **As Novas Fronteiras da Desigualdade Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

GOSDAL, Thereza, C. **Direito do Trabalho e Relações de Gênero: avanços e permanência.** In: ARAUJO, Adriane R.; MOURÃO, Tânia F.(org). **Trabalho de Mulher: mitos, riscos e transformações.** São Paulo: Editora São Paulo, 2007. pp. 74-91.

GROSSI, Miriam P. **Feministas históricas e novas feministas no Brasil.** Revista Sociedade e Estado. Jul-Dez 1997, Vol. XII n. 2, pp.285-307.

HEILBORN, Maria L.; SORJ, Bila. Estudos de Gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). **O que ler nas Ciências Sociais Brasileira (1970-1995).** São Paulo: ANPOCS, Ed. Sumaré, 1999. p. 183-235.

HOFFMANN, Rodolfo; TRONCOSO, Eugênia L. **Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1982-2002.** Nova economia, Belo Horizonte, 14(2) 35-58 – maio-agosto de 2004 Disponível em: <<http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios/v14n2/140202.pdf>>. Acesso em: 07 de dez. 2007.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W.. Entrevista Narrativa: In: Bauer, Martin; Gaskell, George: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 90-113.

LOMBARDI, M.R. Lombardi, Maria Rosa. **Engenheira & gerente: desafios enfrentados por mulheres em posições de comando na área tecnológica.** Revista Tecnologia e Sociedade, v. 3, p. 63-86, 2006.

LOURO, Guacira L. **A história oral e a pesquisa sobre gênero.** Seminário História da Educação Brasileira: a ótica dos pesquisadores. Brasília: MEC/Inep. Série Documental, nº 5, 1994.

_____. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade.** Jul-Dez 1995. p.101-132.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli. E. D. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MANFREDI Silvia M. **Educação Profissional no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002. p. 33-34.

MARUANI, Margaret. Introdução In: MARUANI, Margaret.; HIRATA, Helena. **As Novas Fronteiras da Desigualdade Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

MEC/INEP. **Microdados SAEB/2003**. Brasília: INEP, 2003.

MEIRELES, C. M. S. **Das Artes e Ofícios à Educação Tecnológica 90 Anos de História**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2007.

MELO, Marlene C. O. L. **Desafios da gerência e Liderança em Contextos Diferenciados de Reestruturação: A Gerência Feminina em Instituições Financeiras e a Construção da Liderança em Redes Organizacionais**. Relatório de Pesquisa Integrada. CNPq/UFMG, 2001.

_____. **Gerência Feminina: Inserção, Participação e Vivência da Mulher no Setor Industrial**. Relatório de Pesquisa CNPq/ UFMG, 2002.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993. 269p.

MOURÃO, Tânia F.; GALINKIN, Ana L. O Que Pensam as Mulheres no Topo da Carreira? In: ARAUJO, Adriane R.; MOURÃO, Tânia F.(org). **Trabalho de Mulher: mitos, riscos e transformações**. São Paulo: EdUSP, 2007. p. 144-155.

MUNIZ, Diva C. G. **Um Toque de Gênero: história e educação em Minas Gerais (1835-1892)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

OLESEN, Virginia L. Os Feminismos e a Pesquisa Qualitativa Neste Novo Milênio. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna, S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. Trad. Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Editora Artmed e Bookman, 2006. p.219-257.

PAIS, José Machado. Por Uma Sociologia da Pós-linearidade. In: *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: âmbar, 2001. p. 85-105.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary (Org.) **História das Mulheres no Brasil**, 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

RIBEIRO, Arilda I. M. Mulheres Educadas na Colônia. In: LOPES, Eliana M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cyntia G. **500 Anos de Educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007. pp.79-94.

SCHÜTZE, Fritz: **Pressure and Guilt: War experiences of a Young german soldier and their biographical implication.** *International Sociology*. 1992, v. 7, n. 2, p. 187-208 (part 1); v. 7, n. 3, p. 347-367 (part 2).

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Tradução de Guacira Louro. *Revista Educação e Sociedade*. Jul-Dez, 1995. p. 71-99.

SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMAN, Lawrence S.; COOK, Stuart W. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais.** Volume 2. Medidas na pesquisa social. Louise H. Kidder (org.). São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2007.

SILVA, Maria A. Artigo De colona a bóia-fria In: PRIORE, Mary (Org.) **História das Mulheres no Brasil**, 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de Identidade-** uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

SOBREIRA, Josimeire de L. **Estudantes de Engenharia na UTFPR:** Uma Abordagem de Gênero, 2006. Disponível em: <<http://www.ppgte.cefetpr.br/dissertacoes/2006/josimeire.pdf>>. Acesso em: 10de out. 2008.

SOUZA, A. E.; GUIMARÃES, V. N. **Gênero no espaço fabril.** Anais do XXIV Encontro Nacional de Pós-Graduação em Administração. Florianópolis: 2000.

SOUZA, Ângelo R. **Perfil da Escola Pública no Brasil: Um estudo sobre os diretores escolares e sobre aspectos da gestão democrática.** Anais da 30ª Reunião Nacional da ANPED (TrabalhoGT05-3334—Int), Caxambú, 2007. 1 CD-ROM.

STEIL, A. V. **Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro.** 1997, RAUSP, v.32, n.3.

TELES, Maria Amélia A. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo, 1. ed., Editora Brasiliense S. A. 1993.

TERRAGNI, Laura. A Pesquisa de Gênero In: MELUCCI, Alberto. **Por uma Sociologia Reflexiva. Pesquisa qualitativa e cultura.** Trad. Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. p.141-163.

WELLER, Wivian. A Presença Feminina nas (Sub)culturas Juvenis: a arte de se tornar visível. Florianópolis, **Revista Estudos Femininos**, Jan-Apr. 2005a. Vol.13, n.1.

_____. A Contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**. Porto alegre, n. 13, p. 260-300, jan/abr. 2005b [www.cielo.br/pdf/soc/n13/23564.pdf].

WELLER, Wivian et al. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: Uma forma de análise das visões de mundo. **Sociedade e Estado** [Dossiê Temático: Inovações no Campo da Metodologia das ciências Sociais]. Brasília: vol. XVII, n.2, p. 375-396, jul/dez. 2002.

_____. **A Entrevista Narrativa**. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2008 (mimeo).

YANNOULAS, Silvia, C. **A Convidada de Pedra – Mulheres e Políticas Públicas de trabalho e Renda**: entre a descentralização e a integração supranacional. Um olhar a partir do Brasil 1988-2002 Brasília: FLACSO; Abaré, 2004.

_____. **Mulheres e Ciência**. Série Anis 47, Brasília, Letras Livres, 1-10, março, 2007.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Roteiro para realização das entrevistas

Projeto: Trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de Educação Tecnológica.

Roteiro para a entrevista

BLOCO TEMÁTICO	PERGUNTA	OBJETIVO
Pergunta inicial (para todas as mulheres entrevistadas)	<i>Eu gostaria de conhecer a sua história de vida. Você poderia me contar a sua história? Pode falar sobre tudo o que quiser.</i>	- Estabelecer o primeiro contato e deixar a pessoa bem à vontade para falar sobre a sua vida.
Vida familiar com os pais	<i>Poderia falar um pouco sobre a história da sua família? De onde são os seus pais? Poderia falar um pouco sobre eles?</i>	- Conhecer a vida familiar da pessoa, suas origens, as dificuldades e alegrias de sua criação e o relacionamento que ela tem com sua família.
Vida familiar, homem e filhos	<i>[Você] é casada e tem filhos? Poderia falar um pouco sobre como é o seu dia-a-dia nessas diferentes funções que tu exerce [você exerce]?</i>	- Conhecer o contexto familiar no que diz respeito aos embates, alegrias e dificuldades de ser profissional, mulher, mãe, esposa, professora dos filhos, motorista para levar no colégio e etc. e verificar a cumplicidade que existiu ou existe sobre isso com relação ao parceiro.
Experiências escolares	<i>Como foi a tua vida escolar? Poderia falar um pouco sobre as experiências que viveu na escola?</i> <i>Sempre estudou em escola pública?</i>	- Conhecer aspectos da vida escolar da pessoa, sua trajetória, vocação, percalços e/ou facilidades.
Escolha pelo curso técnico	<i>Como foi que você resolveu fazer o curso _____?</i> <i>Como foi que a sua família reagiu quando você resolveu fazer o curso _____?</i>	- Conhecer aspectos sobre a escolha profissional ...
Experiência profissional	<i>Você poderia me falar um pouco de seu primeiro emprego e como foi a sua trajetória até chegar ao cargo</i>	- Verificar se a trajetória desta vida profissional foi contínua e como se desenrolou a candidatura à direção, visto que em muitos casos

	<i>que ocupa hoje?</i>	estas mulheres são as primeiras diretoras mulher em um tempo de 100 anos de existência dessas escolas.
Experiência enquanto mulher em cargos tipicamente masculinos	<i>Você poderia me falar um pouco sobre a sua experiência na direção do CEFET (ou da escola – nome da instituição)</i> <i>Você sentiu algum tipo de discriminação por ser mulher? Poderia falar um pouco sobre isso?</i>	- Verificar se a trajetória desta vida profissional foi contínua e como se desenrolou a candidatura à direção, visto que em muitos casos estas mulheres são as primeiras diretoras mulher em um tempo de 100 anos de existência dessas escolas. Estimular a narração de experiências vividas por elas.
Lazer / Tempo Livre	<i>O que você costuma fazer no seu tempo livre?</i>	- Conhecer melhor o cotidiano da entrevistada ...
Arrependimento	<i>De tudo que você me contou tem ou teve alguma coisa que pense faria diferente do que fez?</i>	- Importante saber se os fatos, as conquistas, as lutas valeram a pena e os resultados foram aquilo que nos momentos ela esperava que fossem.
Finalização	<i>Não tenho mais questões. Você gostaria de falar mais alguma coisa, algo que ainda não conversamos?</i>	- Permitir que a entrevistada introduza outras questões relevantes e que não foram levantadas até o momento.
	<i>Muito obrigada!</i>	-

Apêndice 2 - Quadro complementar de informações

ESTE QUADRO DEVE SER PREENCHIDO PELO(A) PESQUISADOR(A)
Data da entrevista: ____/____/____ Local: _____
Duração da entrevista: início: _____ término: _____
Nome da entrevistada: _____ ---

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação

Projeto: Trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de Educação Tecnológica.

Equipe: Profa. Dra. Wivian Weller (Orientadora.), Janete Otte (mestranda).

PREZADA COLEGA,

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre “Trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de Educação Tecnológica”.

TODAS AS INFORMAÇÕES SERÃO TRATADAS COM RIGOR E SIGILO. NOMES NÃO SERÃO DIVULGADOS.

Nome:

Nome fictício (como gostaria de ser chamada):.....

Idade:Estado civil: solteiro/a () casado/a () separado/a () outros

Tem filhos? sim () não () número de filhos:

Tem irmãos/ãs? sim () não () número de irmãos/ãs:

Religião:

Cidade em que nasceu: Estado:

Nome do local em que vive atualmente:

Há quanto tempo vive nessa região?

Cidade de nascimento da mãe: Estado:

Cidade de nascimento do pai:Estado:

Moradia

Como mora? Com os pais () com o companheiro () com os filhos ()

Outros:

Escola - Descreva o **nome**, local e tipo de escola na qual frequentou cada período:

1ª até a 4ª série:

Local: escola pública () escola particular ()

5ª até a 8ª série:

Local: escola pública () escola particular ()

Ensino Médio:.....

Local: escola pública () escola particular ()

Superior:

Local: escola pública () escola particular ()

Pós-graduação:.....

Instituição:.....

Especialização:.....

Instituição:.....

Mestrado:.....

Instituição:.....

Doutorado:.....

Instituição:.....

Pós Doutorado:.....

Instituição:.....

Situação atual:

Somente trabalha() Estuda e trabalha ()

Profissão/cargo que está exercendo?

Quais os cargos que já ocupou na Instituição?

Renda mensal:

Escolaridade da mãe:

Primeiro Grau/ Ensino Fundamental: completo () incompleto ()

Segundo Grau/ Ensino Médio: completo () incompleto ()

Ensino superior: completo () incompleto ()

Profissão da mãe: Renda mensal:

Escolaridade do pai:

Primeiro Grau/ Ensino Fundamental: completo () incompleto ()
 Segundo Grau/ Ensino Médio: completo () incompleto ()
 Ensino superior: completo () incompleto ()
 Profissão do pai: Renda mensal:

Escolaridade do companheiro (*somente se vivem juntos*)

Primeiro Grau/ Ensino Fundamental: completo () incompleto ()
 Segundo Grau/ Ensino Médio: completo () incompleto ()
 Ensino superior: completo () incompleto ()
 Pós-graduação:
 Profissão do companheiro: Renda mensal:

Dados complementares:

Lazer preferido:
 Você faz parte de algum grupo ou associação? sim () não ()
 Se sim, quais são as principais atividades realizadas pelo grupo do qual participa?

Você estaria disposta a conceder novas informações no futuro? sim () não ()

Telefones para contato:
 e-mail:

Muito obrigada!

Apêndice 3 - Divisão temática da entrevista - Carolina

01 – 16	1º TP (Tema Principal): nascimento – vida familiar
17 - 31	2º TP: Vida dos pais – deslocamentos por trabalho
32- 68	3º TP: Da alfabetização ao ensino médio – lembranças de infância
69 – 90	4º TP: Primeira tentativa de Universidade
91 - 114	5º TP: Opção por trabalhar na Empresa-TR e Empresa-FZ
115 – 129	6º TP: Volta a estudar- Licenciatura
130 – 136	7º TP: Trabalho na Empresa-AU e opção por lecionar
137 – 173	8º TP: Trabalho no Colégio-AP
174 – 198	9º TP: Despertar para a vida política – Tempo de sindicalista
199– 225	10ºTP: Candidata a vereadora
226 – 227	11ºTP: Ingresso no CEFET-XM
228 – 257	12ºTP: Trabalho na Escola da Prefeitura
258 – 281	13ºTP: Cursando Direito
282 - 284	14ºTP: Cursando a especialização
285 – 319	15ºTP: Trabalho no CEFET – coordenações e aulas
320 – 330	16ºTP: Pós-graduação
331 – 338	17ºTP: Casamento e mestrado
339 – 404	18ºTP: Problemas na direção do CEFET -XM até a chegada a diretora
	Geral
405 – 434	19ºTP: Tempo de estudante na Escola pública
435 – 464	20ºTP: Namoros e casamento
465 – 492	21ºTP: Exercício de mãe com alunos – vida dos irmãos
493 – 530	22ºTP: Lazer e tempo livre – ler, dançar
531 – 565	23ºTP: Discriminação da mulher para um mundo tão masculino
566 – 602	24ºTP: Opções de vida, otimismo, sem arrependimentos
603 – 616	25ºTP: Apoio do marido
617 – 654	26ºTP: É o que é, fruto da educação e do exemplo de seus pais

Apêndice 4 - Divisão temática da entrevista - Ana

01 – 18	1º TP (Tema Principal): Ana cursa Ensino Superior de Química
19 – 25	2º TP: Casamento e filhos
26 – 47	3º TP: Trabalho como professora na Fundação PXB
48 – 75	4º TP: Reingresso na Universidade em Licenciatura – conciliar trabalho, filhos, marido e estudo
76 – 98	5º TP: Início profissional no CEFET
99 – 132	6º TP: Amigos dentro do CEFET – o CEFET é parte importante de sua vida
133 – 143	7º TP: Estudos no jardim de infância, primário, ginásio, segundo grau e Universidade
144 – 171	8º TP: Vida familiar, pais, avós, irmãos
172 – 206	9º TP: Vida de ajuda nas tarefas domésticas e com filhos para poder estudar e trabalhar - renúncias
207 – 214	10ºTP: Vida e formação educacional dos filhos
215 – 229	11ºTP: Aposentadoria do marido e a separação
230 – 266	12ºTP: Estudou em turmas só de homens e se sentiu respeitada. Fez grandes amigos
267 – 284	13ºTP: Cursou a Universidade em dois estágios – acompanhou marido noutra cidade para que ele fizesse pós-graduação
285 – 303	14ºTP: Lazer e tempo livre – gosta de música, leitura
304 – 330	15ºTP: Lembranças da infância no sítio do avô e do clube
331 – 377	16ºTP: Perspectivas de futuro, aposentadoria, cumprir bem seu papel como diretora
378 – 412	17ºTP: Preocupações com seu filhos, principalmente com sua filha.

Apêndice 5 - Divisão temática da entrevista - Iracema

1 - 48	1º TP (Tema Principal): de aluna do curso de Eletrotécnica a professora deste curso
49 - 58	2º TP: Trabalho na Universidade do Estado-HD e Escola Técnica vira CEFET
59 - 81	3º TP: Trabalho como professora, dificuldades e avanços em pós-graduação
82 -108	4º TP: Vida na infância até a adolescência com seus pais e irmãos
109 - 132	5º TP: Casamento e filhos
133 – 164	6º TP: Estudos de primário e ginásio até morte da mãe
165 – 176	7º TP: Inscrição e curso na Escola Técnica
177 – 184	8º TP: Amizade com o Professor-RS
185 – 259	9º TP: Escolha pelo curso de Elétrotécnica, dificuldades e vitórias
260 - 287	10ºTP: De professora a diretora, sindicato, coordenações
288 - 349	11ºTP: Primeira eleição de que participou e segunda como apoio
350 – 420	12ºTP: Segunda eleição de que participou, ganhou e não assumiu
421 – 458	13ºTP: Terceira eleição de que participou, ganhou e não assumiu
459 – 518	14ºTP: Quarta eleição de que participou, ganhou e assumiu e sua trajetória como diretora
519 – 536	15ºTP: Discriminação sutil em ser mulher
537 – 564	16ºTP: Lazer e tempo livre

Apêndice 6 - Divisão temática da entrevista - Daiane

01 – 22	1º TP (Tema Principal): infância com pais e irmãos até morte de mãe e pai
23 - 25	2º TP: Casamento e filhos
26 - 39	3º TP: Acidente e morte da mãe, revolta com o autor
40 – 53	4º TP: Marido, filhos , separação
54 – 87	5º TP: Início profissional no CEFET-CY antiga Escola Técnica
88 – 97	6º TP: Pós-graduação, funções
98 – 134	7º TP: Direção geral – Por que mulheres nos cargos de confiança?
135 – 138	8º TP: Administrando vida pessoal (filhos) com vida profissional
139 – 158	9º TP: Desempenho no cargo de Diretora
159 - 180	10ºTP: Lidando com a discriminação
181 - 200	11ºTP: Vida dos pais e avós
201 – 207	12ºTP: Vida estudantil
208 – 218	13ºTP: Outro trabalho além do CEFET
219 – 232	14ºTP: Lazer e tempo livre – gosto de viajar e estar com amigos
233 – 245	15ºTP: Incentivo neste trabalho – contribuição para desmistificar o trabalho da mulher

Apêndice 7 - Códigos de transcrição das entrevistas²⁰

Y:	abreviação para entrevistador (quando realizada por mais de um entrevistador, utiliza-se Y1 e Y2)
Am / Bf:	abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se "m" para entrevistados do sexo masculino e "f" para pessoas do sexo feminino. Numa discussão de grupo com duas mulheres e dois homens, por exemplo, utiliza-se: Af, Bf, Cm, Dm e dá-se um nome fictício ao grupo. Essa codificação será mantida em todos os levantamentos subsequentes com as mesmas pessoas. Na realização de uma entrevista narrativa-biográfica com um integrante do grupo entrevistado anteriormente, costuma-se utilizar um nome fictício que inicie com a letra que a pessoa recebeu na codificação anterior (por ex.: Cf, Sara)
?m ou ?f:	utiliza-se quando não houve possibilidade de identificar a pessoa que falou (acontece algumas vezes em discussões de grupo quando mais pessoas falam ao mesmo tempo)
(.)	um ponto entre parêntesis expressa uma pausa inferior a um segundo
(3)	o número entre parêntesis expressa o tempo de duração de uma pausa em segundos)
L	Utilizado para marcar falas iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa ou que seguiram logo após uma colocação
;	ponto e vírgula: leve diminuição do tom da voz
.	ponto: forte diminuição do tom da voz
,	vírgula: leve aumento do tom da voz
?	ponto de interrogação: forte aumento do tom da voz
exem-	palavra foi pronunciada pela metade
exe:::mplo	pronúncia da palavra foi esticada (a quantidade de : equivale o tempo da pronúncia de determinada letra) assim=assim=assim palavras pronunciadas de forma emendada
<u>exemplo</u>	palavras pronunciadas de forma enfática são sublinhadas
°exemplo°	palavras ou frases pronunciadas em voz baixa são colocadas entre pequenos círculos
exemplo	palavras ou frases pronunciadas em voz alta são colocadas em negrito
(exemplo)	palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parêntesis
()	parêntesis vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parêntesis varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase)
@exemplo@	palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba
@(2)@	número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala
((bocejo))	expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((pessoa acende cigarro)), ((pessoa entra na sala e a entrevista é brevemente interrompida))
//hm//	utilizado apenas na transcrição de entrevistas narrativas-biográficas
Ou //@(1)@//	indicar sinais de <i>feedback</i> ("ah", "oh", "mhm") ou risos do entrevistador

²⁰ Desenvolvido pelo Prof. Dr. Ralf Bohnsack e pesquisadores do seu grupo da Universidade Livre de Berlim/Alemanha.

“ ” falado pausadamente²¹
[[]] lágrimas.

²¹ Os códigos“ ” falado pausadamente e [[]] lágrimas, não fazem parte dos códigos Prof. Dr. Ralf Bohnsack, mas foram acrescentados pela pesquisadora devido à necessidade ocorrida nas entrevistas.

Apêndice 8 – Páginas das Instituições que compõem a rede CEFET

Universidade Tecnológica do Paraná : <http://www.utfpr.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas: <http://www.cefet-al.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas: <http://www.cefetam.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia: <http://www.cefetba.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Bambuí: <http://www.cefetbambui.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves: <http://www.cefetbg.gov.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos: <http://www.cefetcampos.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará: <http://www.cefet-ce.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca: <http://www.cefet-rj.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá: <http://www.cefet-cuiaba.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo: <http://www.cefetes.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás: <http://www.cefetgo.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Januária: <http://www.cefetjanuaria.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão: <http://www.cefet-ma.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso: <http://www.cefetmt.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais: <http://www.cefetmg.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto: <http://www.cefetop.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará: <http://www.cefetpa.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba: <http://www.cefetpb.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas: <http://www.cefetrs.tche.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco: <http://www.cefetpe.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Petrolina: <http://www.cefetpet.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí: <http://www.cefetpi.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Química de Nilópolis/RJ:
<http://www.cefeteq.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte: <http://www.cefetrn.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba – MG: <http://www.cefetrp.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Verde – GO: <http://www.cefetrv.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima: <http://www.cefetrr.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina: <http://www.cefetsc.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo: <http://www.cefetsp.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de São Vicente do Sul:
<http://www.cefetsvs.gov.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe: <http://www.cefetse.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Uberaba: <http://www.cefetuberaba.edu.br>
Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí: <http://www.cefeturutai.edu.br>
Colégio Pedro II - <http://www.cp2.g12.br>
Escola Técnica Federal de Palmas – Tocantins: <http://www.efcto.gov.br>